

Revista do Brasil

DIRECTORES

Afranio Peixoto
Amadeu Amaral

N. 62
Fevereiro
1921

EDITORES

Monteiro Lobato
& Comp. — São Paulo

SUMMARIO

- Tiradentes foi enforcado? . . . MARTIM FRANCISCO . . . 97
- Sonetos: *O Remorso* — *A Culpada* — *Interrogações* — *Estrada deserta* — *A canção do mar* — *A luta dos beijos* — *A ironia dos astros* . . . MEDEIROS E ALBUQUERQUE . . . 104
- Afranio Peixoto romancista . . . RENATO ALMEIDA . . . 108
- Narizinho arrebitado . . . MONTEIRO LOBATO . . . 121
- A nudez e o vestuario . . . HYGINO CUNHA . . . 127
- Cuidar da Infancia! . . . AMADEU AMARAL . . . 136
- Maria Magdalena, poema dramatico (fim) . . . BAPTISTA CEPellos . . . 148
- Academia Brasileira: Francisco Octaviano (com retrato) . . . ARTHUR MOTTA . . . 155
- Bibliographia . . . BRENNO FERRAZ . . . 161
- DEBATES E PESQUIZAS: — “A arte de emendar em Raymundo Correia”, João Ribeiro. — “Em tortio de d. Pedro II”, Carlos de Laet, P. P. e Heitor de Moraes. — “A Argentina e a Liga das Nações”,

(Continúa no verso)

S. PAULO.

1921.

RIO.



REVISTA DO BRASIL - RUA BOA VISTA, 52 - CAIXA, 2-B - S. PAULO
ASSIGNATURAS: ANNO - 20\$000; EXTRANJEIRO - 25\$000; - NUMERO AVULSO - 1\$800.

Oliveira Lima. - "O Japão visto pelo dr. Arthur Neiva". -
"O flagello da uncinariose", *Prof. Hackett.* - "Casamento e
paternidade", pelo chronista forense do "Estado". - "O des-
caso pela instrucção popular", *Lourenço Filho* 166

RESENHA DO MEZ: - "Mortos e vivos", *Yorick.* - Movimento
editorial. - Concursos literarios. - Emiliano Pernetta. -
Academia Brasileira. - A população do Rio de Janeiro. -
Premio Nobel. - Wenceslau de Queiroz 180

NOTAS DO EXTERIOR: - Um manuscripto de Barbey D'Aure-
villy. - A moral e o cinema. - Uma de Baudelaire. - A
saude, os casamentos e a fortuna de Anatole. - Agricultura
nocturna. - Bacteriologia e cirurgia. - Homem ou mulher?
- Anglicanismo e romanismo 186

CARICATURAS DO MEZ 190

GRAVURAS (fóra do texto): - 1, Igrejinha em S. João d'El-Rey,
Minas. - 2, Igreja do Rosario. - 3, Rua na cidade de Tiraden-
tes. - 4, Egreja de S. José. - 5, Estudo de cabeça. - 6, Estudo
de cabeça. - 7, Caboclo mineiro: - Desenhos de *Paulo Rossi.*

NOS PROXIMOS NUMEROS:

A literatura em 1920 (retrospecto)	<i>Tristão de Athayde</i> (Rio)
Na terra de Paulo e Virginia	<i>Arthur Neiva</i>
O intercambio intellectual entre as republicas americanas	<i>Braz de Arruda</i> (S. Paulo)
Documentos ineditos sobre a queda do ga- binete Itaborahy	<i>J. W. de Araujo Pinho</i> (Bahia)
A nossa evolução	<i>Carlos de Lemos</i> (Paraná)
A perfeição (conto)	<i>Zeferino Galvão</i> (Pernambuco)
O ensino da chimica	<i>Geraldo de Paula Sousa</i> (S. Paulo)
Versos	<i>Martins Fontes, Magalhães de Azeredo</i> e <i>Pedro Saturnino.</i>

**Acabam de apparecer as duas ultimas
edições da REVISTA DO BRASIL**

<i>Esphinges</i> , o grande livro de versos de Francisca Julia, a maior poetiza brasileira de todos os tempos. Volume broc.	5\$000
<i>Casa de Maribondo</i> , contos nortistas por João do Norte. Volume broc.	3\$000



BYINGTON & CIA.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES
FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES
ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS
SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEO
VENTILADORES

PARA RAIOS
FERRO DE ENGOMMAR

LAMPADAS
ELECTRICAS 1½ WATT

ISOLADORES
TELEPHONES

Estamos habilitados para a construcção de Instalações Hydro-Electricas completas, Bondes Electricos, Linhas de Transmissão, Montagem de Turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA
Westinghouse Electric & Mftg. C.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & CO.

Telephone, 745-Central — S. PAULO
LARGO DA MISERICORDIA, 4



“INDIANOPOLIS”

PROPRIEDADE DA

Companhia Territorial Paulista

Vendas a dinheiro e a prestações mensaes desde 20\$000
a prazos de 4 e 5 annos

A' 23 MINUTOS DO LARGO DA SE' — ALTITUDE SUPERIOR
A DA AVENIDA PAULISTA — CLIMA SALUBERRIMO
OPTIMA AGUA POTAVEL.

Até a presente data foram vendidos em prestações
3.086 lotes de terrenos

Neste saudavel bairro acham-se installados: os pavilhões
do grande hospital de creanças da Cruz Vermelha Brasileira,
occupando uma area de 46.000 mts. quds;

a escola CURTISS de aviação civil, cujo campo de aterrissage
occupa uma area de cerca de 100.000 mts. quds;

as grandes officinas e fundição da Comp. Brasileira de
Metallurgia, em uma area de 10.000 mts. quds.

a fabrica de artefactos de borracha da firma Wainstein
& Comp.;

o grande estabelecimento ceramico de nossa propriedade,
occupando uma area de cerca de 30.000 mts. quds.

a fabrica de parafusos de propriedade da firma industrial
W. Reiche & Comp., e grande quantidade de confortaveis vi-
vendas campestres, chacaras, etc.

Informações detalhadas serão fornecidas aos inte-
ressados nos escriptorios da

COMPANHIA TERRITORIAL PAULISTA

Rua Libero Badaró, 120 - 3.º andar

TELEPHONE 2755 CENTRAL — CAIXA POSTAL 1077

SÃO PAULO



A "SUL AMERICA"

A maior companhia nacional de seguros de vida,
com 25 annos de operações progressivas no Brasil
e no estrangeiro.

Capital 50.000:000\$000

Sinistros pagos mais de 72.000:000\$000

A "SUL AMERICA" TEM AS
TABELLAS MODICAS, COM
TODAS AS GARANTIAS E PA-
GA UMA PENSÃO ANNUAL
DE 10 o|o SOBRE O VALOR DO
SEGURO, NO CASO DE INCA-
PACIDADE POR ACCIDENTE,
COM ISEMPÇÃO DOS PAGA-
MENTOS DOS PREMIOS. —

Informações e prospectos:

LELLIS VIEIRA,

INSPECTOR

Avenida Hygienopolis, 35
SÃO PAULO



UM LIVRO PARA TODOS!

Direito e Escripuração Mercantil

POR

Partidas dobradas

Contendo uma longa exposição do

CODIGO COMMERCIAL BRASILEIRO

Intercalada de formulas de diversos contractos sociaes, Dissolução de sociedade, Petições para fegistro de firma, Archi- vamento de contractos, Matricula para requerer mora- toria, Homologação de accôrdo extra-judicial e fórmula deste e sobre todos os pontos mais uteis e necessarios para o

COMMERCIANTE

Seguidas de noções sobre as cinco contas e suas subdivisões e do modo de organisar-se as partidas e de exemplos sobre as quatro fórmulas, etc., Balanço geral e com uma exposição sobre os livros que se em- pregam nesta escripturação e de fórmulas das diversas contas correntes,

Regras de sociedade, Cambios, Reducções, Correspondencia commercial, etc.

Ao alcance de todos por José Augusto do Amaral Sobrihuo

Terceira edição accrescentada com as leis sobre a Letra de Cambio e Emissão e circulação de cheques, Escripuração de sociedades anonymas, etc.

1 vol. br. 8\$000, enc. 10\$000 — Pelo correio mais 1\$000 para o registro

LIVRARIA TEIXEIRA

Rua S. João. 16
— SÃO PAULO —

LIVROS USADOS

OBRAS DE DIREITO

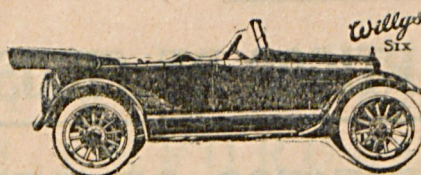
H. Camarco — Menores e interdictos	3\$000
Paula Pessoa — Cod. do proc. criminal	40\$000
C. Telles — Doutrina das Acções	2\$000
Lacerda — Obrigações	18\$000
Oliveira — Execuções	3\$000
Teixeira de Freitas — Testamento	6\$000
Clovis — Obigações	10\$000
Veiga — Finanças	5\$000
Paula Baptista — Theoria e Pratica	7\$000
Mittermayer — Tratado da Prova	4\$000
Batbie — Droit publique et adm.	2\$000
Lafayette — Direito das cousas	40\$000
Aff. Celso — Marcas de fabrica	10\$000
Chauveau et Faustin — Thearie du Code Penal	20\$000
Lair — De la compensation	5\$000
Gianturco — Diritto Civile	3\$000
Grasso — Diritto Internazionale	2\$000
Lupino — Diritto Commerciale	3\$000
Ribas — Dirsito Civil	10\$000

Pedidos por favor, á REVISTA DO BRASIL, remetendo 10 % do valor da encomenda para o porte.



Officinas e Garage Modelo

DIAS CARNEIRO & C.



UNICOS IMPORTADORES DOS

**Automoveis OVERLAND e
WILLYS KNIGHT**

Grande stock de accessorios para
automoveis.

**DEPOSITO PERMANENTE DOS
PNEUMATICOS "FISK"**

**Mechanica — Pintura — Sellaria
Carrosserie — Vulcanisação —
Electricidade.**

**Executa-se qualquer encommenda com
rapidez**

TELEPHONES:

ESCRITORIO Ct. N. 3479

GARAGE Cd. 5411

CAIXA POSTAL N. 534

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: "ALDICAR"

RUA 7 DE ABRIL N. 38

AV. SÃO JOÃO Ns. 18 e 20

São Paulo

CANTO LIBERO BADARO'



PORCELLANAS

CRISTAES

ARTIGOS DE CHRISTOFLE

OBJECTOS DE ARTE

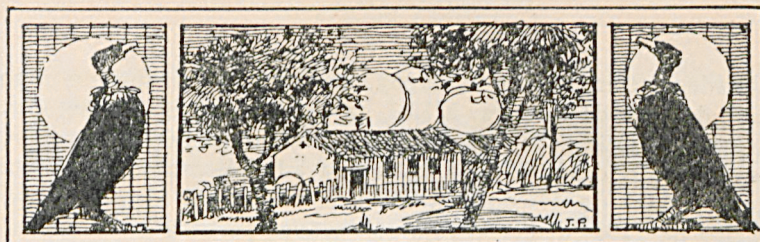
PERFUMARIAS

O melhor sortimento

—◆—
Casa franceza de
L. GRUMBACH & CIA.

—◆—
Rua de São Bento N.º 89 e 91
SÃO PAULO





TIRADENTES FOI ENFORCADO ?

(Carta-bilhete do dr. Vieira Fazenda)

POR MARTIM FRANCISCO

Neste trabalho, como em tudo quanto sae da penna agudissima de Martim Francisco, se reuñem, num congraçamento instructivo e divertido, a Erudição e a Graça. A Erudição agita um problema historico dos mais curiosos e interessantes; a Graça polvilha os estudos da outra com granulos de bom humor e de ironia. Assim, este escripto de duplo fundo se dirige, não só a todos quantos estudam a nossa historia, como ainda a todos quantos amam os improvisos da mordacidade... a custa alheia.

A' interrogação que titula este capitulo respondem factos e raciocinios que, disgregados ou reunidos, como consequencia engendram a duvida. Apenas a duvida.

Falharam-me até agora, em sua totalidade, esperadas provas positivas da substituição do alferes Joaquim José da Silva Xavier, na forca, por outro condemnado; indicios do extranho caso, porém, podem ser encontrados nas condições da phase colonial immediatamente anterior á Inconfidencia, nas alternativas da quintação, na ameaçadora derrama, em grande atrazo, das cem arrobas annuaes de oiro, nos mexericos da época, e até na leitura das duas devassas, a de Minas e a do Rio, e respectivos appensos.

Para relativa facilitação, parcellemos o thema.

Actos e factos da Inconfidencia, parece, modelaram-se em varios dos seus precedentes motineiros de 1720; nem delles tão distanciados se achavam que se lhes houvesse apagado a tradição. Ha mesmo circumstancias que coincidem como que se superpondo. Examinei-as. Estudei-as.

Desde os tumultos de Pitanguy, mal reprimidos durante o governo de Braz da Silveira, 1713-7, já era a metropole conhecedora da irrequietação e da desobediencia predominantes no territorio das Minas. E desde 1783 tinha a alta administração lusitana relatada certeza do descontentamento da colonia; o alvará de 5 de Janeiro de 1785, determinando sob graves penas a extincção, no Brasil, de todas as fabricas, manufacturas ou teares de galões ou bordados de oiro e prata, de seda, algodão, linho ou lã, exceptuando as de fazenda grossa destinada aos escravos e ás classes pobres, e distendendo a todos os navios estrangeiros o impedimento que o decreto de 5 de Julho de 1776 oppuzera á entrada de navios norteamericanos em portos da colonia, fôra uma perversa sequencia, malvadamente logica, da carta régia de 30 de Julho de 1776, que abolira em terra brasileira o officio de ourives!

Cento e cincoenta e oito ourivesarias, demolidas, entregaram suas forjas e seus instrumentos aos agentes policiaes.

Coincidira com esses excessos do despotismo a decadencia da mineração, sem, aliás, decrescimento nos respectivos impostos. Explicavel, muito explicavel portanto, nas condições em que se achava a colonia, um desabafo nativista contra as medidas arbitrarías que a torturavam. Tal fôra a agitação de 1720. Tal póde ter sido a Inconfidencia; maior a náu, maior a tormenta, porém. Duma população de, talvez, oitenta mil almas, passára Minas a contar cêrca de quatrocentas mil.

Em 1720 a revolta começára á noite, e aos brados de "viva o povo!", com que os escravos despertavam a população adormecida. Em 1789 o grito "viva a liberdade!", combinado pelos inconfidentes, tambem interromperia o silencio da noite e teria como corollario a libertação dos escravos.

Equivalem-se o mestre de campo Paschoal da Silva e o coronel Francisco de Paula Freire de Andrada; e fôra do Brasil morreram ambos em consequencia das insubordinações que haviam preparado. Não foi Claudio Manoel da Costa superior a Sebastião da Veiga Cabral, o heróe da defesa do Sacramento em 1705, o aspirante a colonizador da ilha de Santa Catharina algum tempo depois. Morreram ambos sob a acção da justiça.

Nambas as agitações o elemento clerical collaborou ao lado da desordem. Nambas prevaleceu o projecto de, preso, ser o governador enxotado do territorio das Minas.

Tiradentes a principio negou a conspiração; confessou-a mais tarde. Mais ou menos identico procedimento, segundo as atrapalhadas affirmativas do conde de Assumar, foi o de Felippe dos Santos Freire. Bem procederam? Sim. Falo de cadeira: quem se



vê numa conspiração que fracassou deve tratar de escapulir, para entrar immediatamente noutra.

Não chefes, porém agentes leaes e activissimos de planejada modificação social, dizem concomitantemente a lenda e a documentação judiciaria, foram ambos enforcados e esquartejados. E ambos tiveram: salgada a residencia, infamada a descendencia, sequestrados os bens.

Datam, quiçá do mesmo dia 21 de Abril, as suspeitas extra-officiaes de que tivessem havido, no demorado drama, diversas scenas occultas. A ambiguidade dalguns incidentes justifica desconfianças, em verdade mais discutiveis que, até agora, discutidas. Summario-as, em todo caso, para que algum curioso, penetrando o assumpto sem decisão prévia, obtenha resultados menos indecisos que os que me atrapalham, e eu não disfarço.

— Por lei, Tiradentes deveria ter sido enforcado no fóro do delicto, e não no Rio de Janeiro.

— Ninguem, por ocasião do supplicio, lhe viu perfeitamente o rosto, e até hoje se discute se elle era bonito ou feio.

— Houve, propalou-se, entre os degredados, alguns cujos nomes permanecem em segredo. Dez, escreveu o dr. Caetano Lopes Moura.

— Inutilizando suas primeiras negativas por meio de posteriores confissões, probabilisou Tiradentes a combinada certeza de estar livre do maior perigo, que era a forca.

— Mais: quando, na madrugada de 19 de Abril de 1792, a terível sentença arrancava soluços e gemidos aos demais réus, quietamente lhe ouvia Tiradentes a dilatada leitura; e, no dia seguinte, quando intimado de que seria o unico conduzido ao patibulo, alegre, sem meia queixa, manifestava a todos os companheiros cordiaes felicitações.

— Se, desde o começo do processo, e pela carta-ordem da rainha, já os juizes sabiam que, quando muito, um só dos réus poderia ser enforcado, porque e para que a encommenda e o pagamento de onze alvas?

— Porque, pouco antes da primeira denuncia, o governador Furtado de Mendonça, interessado na mineração e por isso suspeitado de divergente do governo da metropole, de inimigo de Claudio Manoel da Costa passára a ser amigo? E porque, incommunicavel desde sua prisão até sua morte, foi Claudio sepultado fóra da curiosidade publica?

— A's duvidas de que a cabeça de Tiradentes fosse a que saíra do Rio de Janeiro, para viagem não muito rapida, oppoem as decla-



rações officiaes a noticia de haver ella “sido içada em um alto poste no logar mais publico de Villa-Rica”. A altura do poste e a indeterminação do local absolutamente não elucidam o embaraçoso caso.

— Da fala que, pouco antes do supplicio de Tiradentes, fez ao povo Frei José de Jesús Maria do Desterro, guardião do convento de Santo Antonio, é um verdadeiro enigma o trecho em que, após haver aconselhado o auditorio a “se não possuir de curiosidade ante a constancia do réu”, constata que “ainda assim, fôra elle objecto de clemencia real, e da illuminada justiça dos seus ministros, que lhe não aggravaram a pena”.

— Durou, de facto, o processo tres annos, um mez e seis dias: de 15 de Março de 1789, data da primeira denuncia official, a 21 de Abril de 1792, data do enforcamento de Tiradentes, ou dalguem por elle. Nos crimes de lesa-magestade, porém, as formulas processuaes eram summarias e não podiam, mesmo em circumstancias excepçionaes, durar tanto. Ainda seis annos mais tarde, na Bahia, nem a terça parte desse longo prazo tardou a punição, por enforcamento, de Faustino dos Santos Lyra, e do alfaiate e do ourives, seus companheiros de tentativa revolucionaria.

— Uma versão: o carpinteiro Isidro de Gouvêa, condemnado á morte por furto de alfaías da Sé (hoje igreja do Rosario), foi enforcado em vez do Tiradentes.

— Outra versão: Tiradentes foi preso na rua do Piolho (Carioca, hoje), em casa duma mulata, sua amante, mandada pouco tempo depois para um retiro de freiras numa ilha proxima á barra.

— Ainda outra versão: carta escripta, por pessoa do Rio de Janeiro e que conhecera Tiradentes, á familia em S. Paulo, contava não o ter podido reconhecer depois de morto.

Tudo obscuro. Muita inconsequencia. Algum absurdo. Raciocinemos, porém, sobre bases não destituidas de logica.

— Portugal, já eu o frizei alhures, costumava encobrir os movimentos autonomicos de suas colonias. O visconde de Barbacena foi excluido da carreira administrativa por haver (tal a explicação que teve curso) dado á Inconfidencia demasiada importancia e prejudicial divulgação. Confronte-se, para mais aguçada observação de acontecimentos, seu destino politico ao de Bernardo José de Lorena, governador de S. Paulo, e que se recusára a promover, na sua jurisdicção, indagações, chegando até a declarar inexistente Claro José da Motta Toledo, o inculcado chefe paulista da mallograda conspiração, e cuja captura lhe havia sido instantemente re-



quisitada: o futuro conde de Sarzedas, terminados que foram os nove annos de sua divertida porém utilissima primeira administração, foi, em 1797, premiadamente removido para a dessa mesma terra cuja insubordinação elle bondosamente fingira ignorar!

Muitos dos motins que, desde os nossos primordios coloniaes, mostram ser o "não póde!" a mais sinceramente brasileira das exclamações, só foram conhecidos depois da nossa emancipação politica em 1822, graças á obediencia dalgumas edilidades á ordem régia de 20 de Julho de 1782, que mandava escrever o segundo vereador, em livro especial, informação dos mais importantes successos da localidade.

— Dona dos fios da conspiração, ordenou a metropole "que fossem apuradas as responsabilidades dos perturbadores do socego publico". Pequena providencia e pouca energia para tão grande attentado!

— Immerece debate a imaginada influencia da revolução norte-americana na tentativa mineira de 1789. Dos tres milhões de habitantes da colonia, talvez nem meia centena entretivesse tratos com a lingua ingleza. E quanto aos effeitos da revolução franceza na acção dos inconfidentes basta lembrar que á convocação dos Estados Geraes, 8 de Agosto de 1788, antecederam conciliabulos e colloquios que ambas as devassas attribuem aos denunciados por Joaquim Silverio dos Reis Montenegro.

A guilhotina de Luiz XVI foi levantada nove mezes, justos, depois da forca de Tiradentes. A revolução franceza influiu tanto na Inconfidencia como a Inconfidencia na revolução franceza. Marat e o conego Rolim ignoravam-se.

Mais que possivel, porém, e tão provavel como explicavel, é o factio de haverem, em confabulações constatadas por varios depoimentos, os letrados inconfidentes cogitado dos destinos humanos e, mais especialmente, do porvir da colonia; extrair, todavia, daí, o plano completo da independencia do Brasil é, parece, alargar demais a critica historica com o reforço da imaginação.

Ha, indissimulavel, no caso da Inconfidencia, uma particularidade que impressiona fôrtemente a mais elementar perspicacia: a dum alferes, de letras medianas, sem glorias profissionaes, e com a existencia abundante de insuccessos, assumir a principal responsabilidade duma revolução partilhada por ecclesiasticos influentes, poetas notaveis, coroneis e capitalistas!

Mesmo que só se queira ver, no drama politico da Inconfidencia, como no ensaio de 1720, uma pronunciada, porém limitada, aspiração de autonomia regional, sem o pensamento predominante desse Brasil unido que a concentração do patriotismo realisou trinta e poucos annos mais tarde, ainda assim, quem indagar da época antes.



de lhe redigir a sentença, quem imparcialmente a estudar, não logrará entender como e por que um subalterno commandou tantos superiores !

Estimado, respeitado, falleceu no Rio de Janeiro, em 1798, o insigne auctor de "Hissope", Antonio Diniz da Cruz e Sylva, um dos juizes da Inconfidencia. Em 1794, quando o iracundo d. José de Castro, conde de Rezende, o consultou a respeito do prolongado encarceramento do dr. Mariano José Pereira da Fonseca (que só veio a fallecer em 1848, marquez de Maricá, senador e conselheiro de Estado) e de Manoel Ignacio da Silva e Alvarenga (que, abatido pela perseguição, morreu poucos annos depois, legando á literatura nacional uma das suas mais elevadas famas), immediatamente opinou Antonio Diniz pela immediata liberdade dessas illustres victimas.

Era um bom. Trouxera de Portugal reputação duplamente honrosa: de livre pensador, o que o impossibilitava de ser sanguinario, e de optimo poeta satyrico, o que certamente o não incompatibilisaria com o ardil da substituição dum condemnado por outro, disso resultando, afinal de contas, diminuição no numero dos pa-decentes.

Uma derradeira observação, e ponto e virgula no assumpto.

Unica, desde que o mundo é mundo, a Inconfidencia patenteia o exemplo duma revolução sem povo e sem armas. Armamento e povo não constam das duas devassas que inquiriram do importante successo! Difficil, excessivamente difficil, harmonizar essa anomalia com o espirito ponderado de quasi todos os réus.

Está a pedir explicações este trecho da carta-bilhete do dr. Vieira Fazenda: "Como vae o seu contendor, e a quem o meu amigo deu parabens por haver escapado da corda sabbado de Alleluia?" Dou-as.

Ha annos, apresentado á deputação federal por quatro desistentes, soube que um delles, Fuão Mattos, bardo incerto em Taubaté, a instancias do dr. Olavo Egydio e do quasi agronomo (agrotechnico: menos que agrimensor, na Suissa) Jorge Tebiriçá, se recandidatara, guerreando-me a eleição. Embora isso de suffragio publico em segredo fosse espurcicia normal em S. Paulo, deliberei não indultar a atrevida perfidia: e, sabbado de Alleluia, passado que era o pleito, enviei dois telegrammas ao desistente contendor: um, de madrugada, lhe aconselhando "cautela"; outro, depois de meio dia, com "felicitações".



Rixados mais tarde, por qualquer questão destituída de idéas, o dr. Olavo Egydio — que, a pretexto e á custa de valorisação administrativa do café, fôra a Paris, onde esquecera o portuguez sem apprender o francez — e o quasi agronomo Jorge Tebiriçá, cuja imponencia é proverbial, o primeiro dizia desdenhosamente do segundo:

— O Jorge é um homem *rempli de soi-disant*.

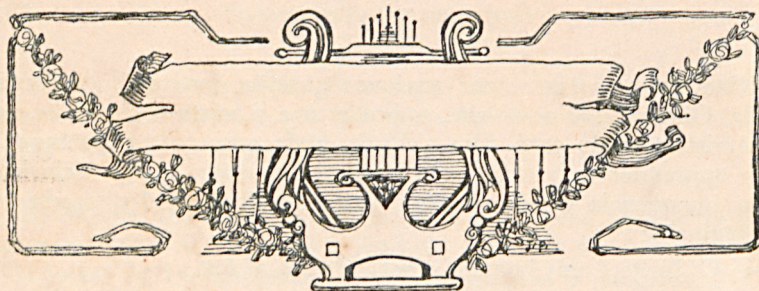
Tiradentes foi enforcado?... Tanta gente, mais do que elle, está a merecer corda e forca!

Fecho o capitulo com a carta do sapientissimo dr. Vieira Fazenda. Ei-la:

“Rio de Janeiro, 22 de Abril de 1912, ao meio dia. — Amigo e Mestre dr. Martim Francisco. — Eu e Pedro Alvares Cabral enviamos ao bisneto do Mano José sinceras felicitações. Acabo de receber sua carta (isto é: de V. Excia.) de 20 do andante. Respondo. Em nome do Instituto agradeço o manuscripto do tal Feliciano, parente longinquo do Thomaz Gonzaga e genro de Manoel Nascen-tes Pinto, zelador da Alfandega. Ainda não recebi o meu exemplar dos “Quatro Contos” do dr. Agenor Silveira. Li-os, porém, e os achei curiosos, no exemplar que, por intermedio do conde Afonso Celso, veio para o Instituto. Como vae o seu contendor a quem o meu amigo deu parabens por haver escapado da corda em sabbado de Alleluia? E por falar em corda: passou hontem o anniversario do supplicio do Joaquim José; como vão os estudos em referencia á substituição delle por um outro criminoso? Escapou ou não da forca o Tiradentes? Este assumpto poz-me sal na moleira. — Quando vem tomar assento na Cadeia Velha, da qual em 21 de Abril de 1792 sahiu para o campo de S. Domingos o Tiradentes, ou *outro* por elle? Adeus. Receba um abraço do seu Vieira Fazenda”.

(Do “Contribuinto”, capitulo XXII).





SONETOS

POR MEDEIROS E ALBUQUERQUE

O REMORSO

*Por que iluminaste as trevas do infinito?
Tu te aborrecias? Tu tinhas medo na noite
da eternidade?*

Djelal-ed-Din, poeta persa.

*O Deus que num momento de loucura
creou a Terra e fez nacer a Vida,
ao vêr a obra de suas mãos saída,
tão má, tão imperfeita, tão impura;*

*— ao sentir como em cada creatura
existe sempre a queixa dolorida
de um sofrer, uma angustia, uma ferida,
que a punge, que a magôa ou que a tortura,*

*— e ao ouvir como a dor de cada peito
soluçava no ar tristonho e baço,
— viu que o que tinha feito era mal feito...*

*E com remorso, como um criminoso,
teve medo de um céu tão tenebroso
— e acêndeu as estrelas pelo espaço.*

A CULPADA

*Meu emor docilmente aplaude e aceita
tudo o que, acaso, teu capricho manda:
eu sou nas tuas mãos a arjila branda,
que um operario dextro amolda e ajeita.*

*E desse barro vil, sobre o qual anda
o passo do homem, tanto sai, perfeita,
a estatua de arte, que os museus enfeita,
como o muro da choça miseranda...*

*Eu essa arjila sou. De ti apenas,
das tuas mãos, embora tão pequenas,
depende o que me resta de porvir.*

*Quem me acuzar — te acuzará comigo,
porque ha de em ti meu premio ou meu castigo
em maldições ou bençams recair.*

INTERROGAÇÕES

*Os astros giram pelos céus profundos
em curvas trajetorias luminosas
e, por milenios, como por segundos,
passam planetas, sóis e nebulozas.*

*Vendo esse acezo crepitar de mundos,
as interrogações sobem, anciozas:
“De todos esses astros vagabundos
p’ra que servem as hostes numerozas?”*

*Mas dos astros a pléiade sagrada,
que ancia igual de saber em vão sacode,
“P’ra que servem os homens?” — diz tambem.*

*E as perguntas se cruzam sem que nada,
sem que ninguém responda: ninguém pode
dizer ao certo que destino tem...*



ESTRADA DEZERTA

*Uma estrada dezerta ao pôr do sol. De um lado
e do outro, no silencio, as arvores tranquilas
alongam tristemente as monótonas filas.
Vê-se, de quando em quando, alguém passar calado...*

*Aves, já não ha mais quem possa aí ouvi-las.
No caminho, que é como um caminho encantado,
por sobre cujo horror peza agoureiro fado,
abrem môchos sómente as redondas pupilas.*

*De outra estrada sei eu tambem assim dezerta.
Quanta gente passou por ela! Era o caminho
de toda uma festiva e densa multidão.*

*Hoje é raro si acazo algum passo a desperta.
E eu penso, ao vê-lo assim, tão triste e tão sozinho,
— como veio a ficar meu pobre coração!*

A CANÇÃO DO MAR

*Si tu sabes ouvir o que a vaga murmura,
ouve o que o Mar te diz — o Mar, que eu amo tanto.
Ouve-lhe a voz profunda e grave, ouve-lhe o canto,
cheio de dolorosa e trájica amargura.*

*P'ra conversar contigo, uma extranha doçura
ele saberá pôr no rujidor espanto
das ondas colossais, ao referir-te quanto
eu lhe falei de ti, da tua formozura,*

*do teu nome, do teu amor, das tuas graças.
E o Mar, vendo que és tu que por seu dorso passas,
o Mar proclamará quanto eu tinha razão.*

*E a sua imensa voz, que ora é como um gemido
monótono e planjente, ora é como um bramido,
será, p'ra te embalar, uma suave canção.*



A LUTA DOS BEIJOS

*Quando ela, encolhidinha de vergonha,
ébria dos muitos beijos que eu lhe dera,
tinha a meiga aparência de quem sonha
e mais beijos de amor ainda espera,*

*— da bôca, perto da rendada fronha,
ouví um beijo que eu aí pozera
proclamar com orgulho, em voz risonha,
que ele, só ele, o rei dos beijos era.*

*Mas do bico de um seio, outro, sorrindo,
zombou: “Que tôlo! Si ha lugar mais lindo
que o lugar em que estou!” É cada qual*

*protesta e mostra que a razão lhe assiste.
E’ que em teu corpo nenhum ponto existe
que não seja em beleza sem rival.*

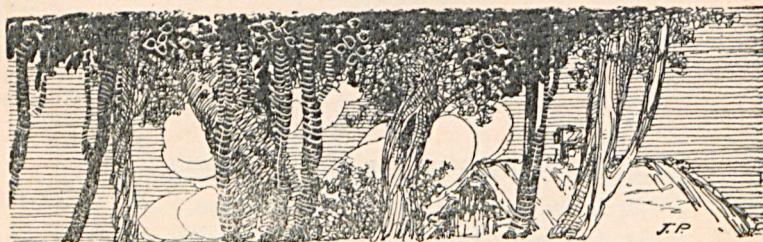
A IRONIA DOS ASTROS

*E’ por entre uma grita imensa de gemidos,
de soluços de dôr, de maguas lancinantes,
que, pela vastidão dos céus indefinidos,
seguem, espaço a fora, os astros deslumbrantes.*

*Vai da Terra o clamor. Ha queixas, ha ruídos
de cólera e furor, — e, a todos os instantes,
chamam por Deus os bons, os tristes, os feridos
do corpo e da alma, em preces soluçantes.*

*Dos astros, entretanto, a gélida ironia
sorri do apêlo vã. Do alto da curva etéria,
perguntam entre si, nas amplitões dos céus,*

*como do Homem não vê a razão calma e fria
que tanta dôr, que tanto mal, tanta miséria
não poderia haver, si acazo houvesse um deus!*



AFRANIO PEIXOTO ROMANCISTA

POR RENATO ALMEIDA

Um joven escriptor examina aqui certos aspectos salientes da obra de romancista do Sr. Afranio Peixoto, aventando alguns pontos de vista e agitando algumas idéas interessantes, sobre a formação e a vida das nossas populações, e sobre a nossa literatura.

Nós — brasileiros — somos um povo triste; rimos pouco, evitamos a expansão e, por desconfiança ou timidez, não commentamos a vida com a gargalhada franca e jovial, mas com um sorriso escondido e ligeiro, que tanto se resolve na alegria como na tristeza. Quando nos divertimos é sempre com seriedade, quando muito buscando uma interpretação maldosa que seja a gotta de veneno na mais pura das taças. Já têm os psychologos procurado, e não sem razão, explicar o phenomeno pelo sangue das tres raças que corre em nossas veias: o portuguez, o indio e o negro, gente pouco alegre e muito melancolica.

Vivemos, assim tarados, sem o riso franco do saxonico, nem o espirito ligeiro do francez, mas como que amuados, curtindo tristezas ancestraes, de uma saudade, de uma perseguição, de uma tortura... Não rimos quasi, ensinamos a não rir, achamos o riso desengraçado e quasi deixamos de nos distinguir da especie, se o homem fosse apenas o animal que ri...

Povo moço, preferimos ter nos labios a amargura que a existencia deixa nos velhos e experientes, a uma attitude ingenua deante da vida, contentes da ventura das cousas bellas e ignorantas da maldade immensa, que nos envolve e confunde. Dir-se-ia que cantamos pouco e pensamos muito, o que é a mais

pura das verdades, se attentamos que os nossos artistas procuram mais o desencanto do que o esplendor. A nova geração brasileira tem tendencias evidentemente scepticas, todas as suas producções reçumam uma inquietude interior, que lhe amortece os olhos. Deante de uma flôr logo pensamos que pôde vir a ser fructo venenoso e a evitamos, cheios de experiencia.

Por isso, somos timidos, preferimos imaginar a agir, sonhar a realizar. Ha, em todos nós, com menos ridiculo, um pouco daquelle “diplomatico” de Machado de Assis que “de imaginação fazia tudo, raptava mulheres e destruia cidades”, mas, deante do mundo, era apenas um pusillanime. Receiamos as attitudes com temor do ridiculo e, talvez, que recusassemos um throno para evitar o grotesco de pôr uma corôa bamba na cabeça. Assim, as tradições, os apparatus, o ceremonial, tudo isso desaparece em poucos annos; temos medo do exagero por tal fórma, que não andamos longe de cair, dolorosamente, na obcessão opposta. Por isso é que não rimos e somos tristes; deante da comedia, por isso mesmo, ficamos a variar as situações até que se nos apresentem pelo seu aspecto triste e torturado, que é a face obrigatoria de todas as cousas humanas.

A cantiga, a modinha, a trova, a lôa, toda a nossa poesia popular, emfim, nos avisa dos desenganos da vida, de suas amarguras e a toada com que se modulam é de uma melancolia infinda. Assim, as creanças, que as vão ouvindo e a quem se contam historias, em que o ardil é arma mais segura do que a bravura, se educam na certeza de que a existencia é quasi sempre uma tortura e uma pena a cumprir. Quando o cantor passa a poeta, a trova a verso, a historia a romance e o sertanejo a homem da cidade, variam as fórmas e os modos, mas a tristeza boia nos corações da mesma maneira, apenas com mais amargura por ser menos ingenua e mais pensada.

Como nos vingamos dessa descrença? ou melhor, como della nos defendemos? pela exaltação e pelo ridiculo; uns, dizem mal e clamam contra tudo, outros desmontam situações e gozam, com voluptia, o grotesco; ou falam alto — e nisso se resume quasi toda a nossa indignação, ou lançam tudo á mofa. E' exemplo recente o de um governo, de cujas desgraças e misérias o povo se defendeu com a farça de um carnaval. O martyrio seria escarneo menor do que uma mascarada e — victimas e algozes — soffreriam menos, porque, para rirmos em vestes de palhaço, haviamos sangrado em nossa carne e em nosso espirito, haviamos soffrido a oppressão e a vergonha.

Ainda quando, em certas occasiões, o espirito nacional é tomado de entusiasmo, ha sempre uma piada anonyma que ganha vulto e arrefece um pouco o animo, porque logo tememos



a saliência... Assim em todas as manifestações de nossa vida, porque andamos desenganados, costumamos lançar as cousas ao ridiculo, que, afinal, se reflecte em nós mesmos, nessa nossa indiferença affectada, no olhar, na phrase, no gesto e na acção.

Não quero — pobre de mim — dizer que estamos errados, não ousou tampouco affirmar que essa estrada seja a melhor, mas não seria, porventura, obra benemerita, se os meentores intellectuaes do Brasil clareassem suas tendencias e nos dissessem se trilhamos caminho certo, ou atalho perigoso?

I

Desses temores e incertezas do espirito nacional o romance do Sr. Afranio Peixoto é um documento vivo e movimentado, em que os typos da cidade e do interior se cruzam, com seus defeitos e valores, revelando nossa indole em feições muito características. Nelle não ha preocupações de uma idéa preconcebida, nem de uma situação architectada para o predominio de determinadas resultantes sociaes, ou sentimentaes, mas o desejo de dar aos personagens toda a intensa vida que podem viver, em seu tempo, seu meio e suas tendencias. Não procura doutrinar, fazendo o romance de these, nem pretende movimentar sentimentos, fazendo obra de psychologia applicada, quer, apenas, reflectir a vida e commental-a com os proprios typos, que a constróem, as proprias situações que cream. O bom, o mau, o perverso, o sensível, o tímido, ou o benevolo não encontrareis no romance do Sr. Afranio Peixoto, onde os bons ás vezes são maus, os tímidos ousados, emfim, como na vida, os sentimentos andam bem repartidos, bondade e maldade bem de mistura.

Os typos do Sr. Afranio Peixoto são filhos do seu tempo e de seu meio, aos quaes não são alheios, como um Quincas Borba, ou um Braz Cubas, a quem esses elementos eram indifferentes ás suas philosophias e que, em qualquer tempo e lugar, teriam a mesma dose de desengano para reconhecer que a vida é pouco mais de que inutil... O Sr. Afranio Peixoto, porém, faz viver os seus personagens para a terra que os criou, têm os habitos e as maneiras em voga, os modismos e as opiniões dominantes; deslocados, ficariam simples figuras de uma narração. O Paulo, Maria Bonita, Esperidião, ou Virgilio, toda a galeria emfim, anda bem caracterizada em seu meio. O romance infeliz de Maria Bonita não teria grande relevo na cidade, onde são tantas as bonitas, e Virgilio, numa capital, seria de pouco interesse, um bacharel a mais...



O sr. Afranio reúne, assim, uma qualidade de excellencia no romancista: marcar o character do typo no mesmo traço com que desenha a ambiencia, de sorte que nos dá o meio e seus actores, completando uns com o outro nas mesmas linhas. E a vida, dessa fôrma debuxada, elle a commenta com aquella parcella de ironia, que aponta nossas fraquezas e insufficiencias, sem irritações, antes com o animo de perdoal-as e, se possivel fosse, de corrigil-as e suppril-as. Não assume, porém, uma attitude subtil e sophista, que insinua a duvida e vae causticar as chagas humanas, mas borda tão sómente esse motejo nosso, filho de nossa timidez e de nossa melancolia, meio porque entreabrimos os labios num leve sorriso. O romancista da “Es-finge” raramente deixa o commentario transcendente sair da bocca do personagem, ou cair de sua propria penna, prefere a ironia simples e despretenciosa, que choca a sensibilidade antes de aguçar a intelligencia. Como falam ao coração aquellas palavras de Gonzaga a Lulú, depois dolorosamente confirmadas pelo destino: “A beleza, o talento, a riqueza, são dons funestos: despertam cubiça e inveja, nunca simpatia e afeição. No próprio amor, que é imposição da natureza, não ha nestes casos reciprocidade necessária, — quem não tem, quer tudo; quem tem dá muito pouco. Não ha herói, gênio, ou santo, que tenha sido bom marido; as grandes amorosas nunca foram as mulheres mais bonitas. E’ que amamos nos outros os próprios defeitos. E só pela concordância dêles somos felizes.” E com que simplicidade remata sua deliciosa imagem dos seixos e dos calháus. “O pior é que para ser como os calháus hão de nos quebrar os cantos, de nos comer as arestas, atritar-se e polir-se a gente uns aos outros, e rolar, Deus sabe por onde, até ser atirado numa beira de riacho ou recanto de praia, com os outros, indistinto dos outros, igualzinho aos outros”. A lição vem assim sem irritação nem cynismo, apenas com um pouco de desencanto, é como uma verdade que dóe, mas, por ser contingente, se vae acceitando... Tanto é assim, que Lulú, a principio irritado com a advertencia do amigo, não lhe deu muita attenção e pouco depois se vingou de suas palavras, quando o viu conversando com Sinhosinho, sobre umas compras de terras, lá para as bandas do Sipó, “junto dos mais, indistinctos entre êles, igual a todos como um seixo, entre outros seixos rolados!”

E’ que o Sr. Afranio Peixoto não deixa nunca que a gotta de fel se dissolva na taça da vida para travar sósinha; não traz o alforge da imaginação vazio, antes tem sempre guardada nelle alguma illusão acariciadora para, com mão dadivosa, moderar a tortura do destino cruel. Sua ironia não é má, seu motejo



não é perverso, não se póde dizer mesmo que seja indiferente, porque procura, quando menos, tocar com uma piedade indulgente o gesto de desespero, ou de angustia. Quando Maria Bonita vê João ir para a cadeia e Lulú para o cemiterio e arranha o rosto formoso, não lhe é indiferente a desgraça da infeliz, tanto que, dizendo que tudo fôra por sua causa, observa "embora sem culpa" e, como que para lhe diminuir o peso de motivar tanto mal, inquire ao destino: "Porque?..." Machado de Assis, por exemplo, nunca foi indulgente para seus personagens, pouco se lhe dava que fossem culpados ou innocentes, infelizes ou venturosos; viviam, era quanto bastava. Ao Sr. Afranio importa que saibam viver, envolve-os de uma indulgente piedade, quando no infortunio.

○ Não serei eu quem lhe negará louvores por essa sua maneira, por que, afinal de contas, somos todos miseraveis e não é com esses pequenos nada, filhos de nossa imaginação, que damos alegria á vida e amparamos nossa fraqueza? Demais, devemos procurar comprehender as cousas da vida e evitar o choque dos contrastes. Os typos do Sr. Afranio Peixoto, dentro das condições em que os colloca o destino, carecem de ampargos, que podem ser uma realização tardia, como aconteceu a Paulo, que quando teve a Lúcia desejada, transformando em realidade o sonho de sua juventude, perdeu a expressão artistica de seu temperamento e ficou, apenas, "um pae de familia a mais..." Talvez haja desencontro, mas, na vida, nem tudo, ou antes quasi nada é certo e ordenado, uma contradição movimentada nossos actos na inconsciencia que nos guia, e, em geral, "todas as cousas más acontecem..." Se do artista apagado não nascesse nem um pobre pae de familia, não seria peor? Agora não vos deis ao trabalho de saber se o premio de Paulo valeu o esforço, porque ides penetrar num labyrintho, onde de balde buscareis caminho orientador. E, afinal, sabemos nós, em nossa fragil sabedoria, até onde nos leva o destino? A melhor attitude não será a de resignação deante da sorte, accetando seus infalliveis designios, como suaves condições de viver, sem rebeldia nem rancor? No principio tudo está certo, errados andam, sómente, os homens; mas, quem sabe se, nos nossos erros, não reside um pouco da sabedoria divina?

O Sr. Afranio Peixoto abre a cada personagem uma estrada que deve trilhar e pouco lhe importa saber para onde deita: se para o paiz dos sonhos, ou para a terra das torturas, se para seara fecunda, ou para deserto arido, isso é obra do destino, que está em nós mesmos, na tyramnia do sub-consciente, "em



PAULO ROSSI — Estudo de cabeça (Minas).



P. Rossi
São João del Rey. 16-1-1921
O meu adjutante Henrique.

PAULO ROSSI — Estudo de cabeça.



suas tendencias traiçoeiras, crueis, instinctivas". Mas, quasi sempre, não nos leva esse destino a porto algum, deixa-nos a errar no dorso ondulado dos mares, ora parados em longas calmarias, ora arrostando borrascas tremendas e, vez por outra, gozando a bonança, mas, raramente, rumando para o abrigo desejado. E' essa a sorte de quasi todos os typos do romance do Sr. Afranio Peixoto, não se realizam: querem, aspiram, desejam, procuram, mas não se decidem... são tímidos, como nossa gente, e preferem á ousadia o adiamento. Virgilio, quando o destino inexoravel lhe perguntava, "sem delonga, para a vida e para a morte, para a felicidade e para o perigo, **sim** ou **não?**", elle a si mesmo indagava, indeciso e receioso: "Como me decidir?" E' que o Sr. Afranio Peixoto parece ser dos que collocam na realização uma ponta de enfado, com um pouco da philosophia de Virgilio, quando, deante da possibilidade de possuir Gracinha a uma palavra, a um aceno seu, pensa: "Eu venceria no fim, se até lá proseguisse. Esse fim me desinteressa, se é previsto e fatal, ao alcance de minha intelligencia e de minha vontade. No theatro não assisto ao ultimo acto, se o prevejo; o livro acabo-o antes da ultima pagina, se a imagino; não completo a acção ou empresa, se é certa e infallivel a terminação. O melhor negocio, eu o desfarei ao assignar a escriptura; levantaria o cerco de uma praça se soubesse da rendição no dia immediato; colham outros os frutos e proveitos... que me importam?"

O inedito, no fim de contas, é a illusão mesma, é o encanto do que se não sabe, o sabor do que se não provou, a curiosidade pelo que se não soffreu... pode ser bello ou horrivel, mas é desconhecido, e é quanto basta. Por isso, a mulher é o "leit-motiv" do romance do Sr. Afranio Peixoto; ella é esse desconhecido, essa esphinge, cujo segredo impenetravel, os Oedipos, que o roubam, são os mais desgraçados dos homens. Ella transtorna o sentido do mundo, em seus olhos, em seus labios, em sua fortuna feminina... Eu comprehendo sua attracção pela mulher, como comprehendeu aquelle seu personagem porque a agulha de uma bussola ficava doidinha perto de um iman, e se não o percebesse, m'o elucidariam os romances do Sr. Afranio Peixoto.

De facto, só a mulher os domina; os homens são as taes agulhas de bussola, sem vontade deante de imans. O Paulo, o Maya, João, Virgilio, Esperidião, Elisario e os demais não passam de



satellites mais ou menos brilhantes de Lucia, de Maria Bonita, de Gracinha, de Joanninha e de todas as outras. Sem ellas, não teriam interesse e sejam velhos ou moços, a mulher é a unica lente por onde se podem ver com justeza. Isso porque a obra do Sr. Afranio Peixoto é, sobretudo, de psychologia feminina. Nella, encontrou, como Virgilio, um enigma vivo, que não comprehende sequer, que não sabe mesmo se tem resolução e que, no entanto não lhe deixa um instante o sentido. E elle é bom decifrador de charadas, logogriphos e enigmas... Estou a crer que o romancista da "Esphinge" desprezou o exemplo de Oedipo e lá está deante de seu segredo impenetravel, a pres-crutal-o incessantemente.

A mulher não é, no seu romance, o adorno, mas a vida: não é o momento de encanto, mas a preocupação de cada hora; della nascem nossas virtudes e defeitos. Não repontam da fascinação de Maria Bonita a nobreza de João e a miseria de Diogo? Não é a mulher a causa de todo bem e de todo mal? Em summa, é ella a fonte inesgotavel da vida, se me permittem o logar commum. O "odor di femina" trescala nos livros do Sr. Afranio Peixoto, ora apaixonado, ora sensual, ás vezes cruel, mas sempre humano. Elle as divide, as multiplica, as separa, as isola, para um ou para muitos, conforme os sabores e as conveniencias... Da ingenua Luizinha a Salvinia, cheia de fiducia, só ellas, boas ou más, ridiculas ou presumpçosas, têm força e decisão... Os homens, em suas mãos, artistas como Paulo, canoeiros como João, não passam de bonecos, que têm presos pelos fios do desejo, da belleza, do capricho, ou da seducção, para representar a grande comedia da vida. Assim, são todos os seus typos uma farandula amorosa, em torno do idolo feminino, que os conduz, "para o bem ou para o mal", a uma fatalidade, que com elle mesmo se confunde. A mulheer é, pois, a parte mais suggestiva de seus romances, que aliás, della cuida desde os titulos: "Esphinge", "Maria Bonita" e "Fruta do Mato".

O enigma dessa esphinge é um reflexo de nossa propria pergunta e, como a imaginação não permite que a intelligencia se contente com uma resposta verdadeira, mas simples, elle se torna segredo impossivel. As mulheres não são "seres aparte na Nautreza, diferentes de todos os animaes", "não são. mas nós as fazemos assim". A alma da mulher foi creada pelos homens, cheia de prestigios e magias, como crearam os deuses e os mythos, para depois adoral-os com fé ardente.



Na nossa literatura, ha poucos fieis desse culto feminino, com o fervor do Sr. Afranio Peixoto; cada mulher de seus romances, boa ou má, é uma oblação a essa divindade, em cujo mysterio é rútilo iniciado.

Lucia é a flor civilizada, cuidada em estufa, tem um perfume suave e venenoso, agrada a todos e a todos encanta, vive com o prestigio de sua fraqueza e de sua graça perturbadora. Como tem espinho, fére ás vezes, mas é tão bella: dir-se-ia que faz tudo por instincto, não chega a ser sensivel; move-se ao léo das vi-rações ambientes, pode ser um anjo, ou um demonio, é, apenas, resultante de uma sociedade pedante, sem gostos nem pendores, opportunistista ridicula.

Paulo — Paulo é um pouco de Lucia — é um timido, deixa a mulher amada passar-lhe ao alcance de seus labio e evita, adia, retarda, como se sua vontade fosse mais satisfeita, sendo maior a anciedade. O minimo obstaculo lhe parecia irremovivel; emfim perde por não saber querer, ou possui fóra de tempo, que é uma perda maior... Afinal, seu erro é de imaginação e seu amor é menos por Lucia, do que pelo sonho que Lucia desperta. Assim, são quasi todos os amores humanos. Costumamos pôr tanto de nós mesmos na mulher amada, que a fazemos um reflexo de nossas tendencias e sentimentos. Cada qual ama a si mesmo, através de um outro ente, em que se realiza mais integralmente. Quando, porém, essa pessoa não consegue offerecer meios de a outra se completar, ou porque foge o desejo, ou falha a submissão, o amor não se manifesta, em toda sua força instinctiva.

Não será esse o caso de Virgilio, porventura o typo mais perfeito do romance do Sr. Afranio Peixoto? Não teve esse joven o desejo de possuir Gracinha e Joanninha? mas, pode-se dizer que as tivesse amado, como Paulo amou Lucia? Virgilio era sobretudo um medroso, defeito fatal aos amorosos; queria que a fructa cubiçada lhe caisse ás mãos, mas recuava deante do menor esforço. A propria constancia o enervava e liquidava as lutas do coração pela fuga; esquecia as mulheres, afastando-as dos olhos. Foi assim que fez com Gracinha, essa deliciosa e perfumada fruta do mato, que, talvez por sua culpa, fosse cair “sem pudor, desenvolta, aggressiva” nos braços do Pulcherio, imbecil e bôbo “quidam” sem eira nem beira, especie de “trapo sujo”...

Tudo vem da inconstancia que, em Virgilio, era movel da pro-

pria vida; só sabia querer pelo prazer de provar. Parece que um beijo na bocca risonha de Joanninha, uma scena violenta para possuil-a, a emoção de salvar-a da morte, que por sua causa procurára, e depois a volupia de collar seus labios aos dellas e ter um sangrando, parece que tudo isso, que só isso satisfez todas as ardentias de Virgilio... Joanninha, com a intelligencia do instincto, a perspicacia feminina e a "perversidade alerta", bem lhe adivinhou o fundo medroso, quando, certa vez, lhe respondeu ironica: "Para você só, não sirvo. Uma mulher é muito para um homem... é demais! Preferiria dividida pelos dois, o outro com a responsabilidade, Você com a distração..."

Virgilio é desses que levam a vida toda a architectar situações complicadas pelo prazer de evital-as, é dos que reconhecem que o subconsciente é miseravel, mas não têm forças para lhe resistir aos mandos imperiosos, emfim, é um diletante da vida, que quer ter todas as sensações, dêz que lhe custem pouco, confiante de que "um sentimento eclipsa o outro".

Paulo é tímido por instincto, Virgilio por calculo. Vêde como elle soube fugir de Gracinha e de Joanninha, pensar numa para evitar a outra, não amar demasiadamente nenhuma e desejar ambas com bastante prudencia. Quanto á filha de Dona Lóló, era uma despeitada da vida e pagou esse seu despeito a preço caro, posto sem muito se ralar. Joanninha era affectuosa e barbara, desejava "um homem" que lhe soubesse querer bem e se não entregava por curto prazer, senão por sincera dedicação. Seu amor era sincero e ardente, forte e impetuoso, chegou a ter um accento tragico, mas nunca foi leviano ou ligeiro, como queria Virgilio, para morder a fructa e só lhe sentir a doçura; quando viesse o travor já a teria abandonado. Em sua morbidez, era uma exaltada sincera, enquanto Virgilio, calculista, sabia fazer a intelligencia intervir na paixão e moderar o enthusiasmo com o raciocinio frio. Como bom bacharel não esquecera de se munir, para enfrentar a vida, de boa dóse de sophismas, que, não mudando o curso das cousas, varia sua apparencia. Afinal é tão humano...

De facto, nenhum dos typos do Sr. Afranio Peixoto vive com tanta realidade, como Virgilio, posto tenha alguma cousa de paradoxal, ou de menos comprehensivel... Certa vez, por exemplo, conversando com Elisiario, disse:

Não ha quem possa entender
Os caprichos de mulher;
Quando não quer não diz nada
Diz sempre não, quando quer.



Não parece que a elle melhor se refira essa quadrinha popular? Ninguem foi mais timido e caprichoso, ninguem foi mais "feminino", isso talvez por timidez ou porque fizesse da sinceridade uma illusão apenas. "Sinceridade, para com os outros, para com a gente mesmo, existes, por ventura?"

De todas as mulheres do romance do Sr. Afranio Peixoto nenhuma tem uma historia tão commovente e triste, como a de Maria Bonita. E' o velho soffrimento pela belleza, por que, desde Helena, pagam todas as mulheres formosas como um tributo ao destino cruel, que assim as fadou. Maria Bonita foi sempre uma victima de todos os males, que aconteciam por sua causa, no desejo inestancavel que attráe os homens para a belleza. Junto della soffriam todos; os bons de sua bondade, os perversos de sua maldade, mas, uns e outros eram desgraçados. A belleza é má sina, fascinando os homens, os separa e os faz degladiar, seja em torno de Illion de cem portas, seja na terra dos cacauaes do Sul da Bahia... São cousas que têm de ser. Vêde Maria Bonita, flor do interior, ingenua e boa, sem orgulhos nem vaidades, com a felicidade ao alcance de sua mão, se não fosse tão bonita! E, afinal, a belleza não é, ella tambem, fragil illusão de nossos olhos? Valeria que Maria soffresse tanto e causasse penas tamanhas? Pouco importa sabel-o, mas os homens pelo desejo de uma mulher formosa hão de continuar a matar e a morrer, cegos pela sua attracção. Delirio? Illusão? qu'importa, a vida é menos illusoria? Maria Bonita não é um pouco esse desejo, que se doira aos nossos olhos, só para nos fazer infelizes, se muito o quizermos? Busquem outros melhor explicação; a mim esta basta.

II

Falando do romancista da "Esphinge", disse o Sr. João Ribeiro, com o seu costumado acerto: "A imaginação é a sua faculdade primacial, ella é que lhe dá o dom de escolher na realidade esparsa e fragmentaria os elementos constructivos da realidade viva e imperecível". De facto, a obra do Sr. Afranio Peixoto é fructo de uma formosa imaginação, que sabe, porém,



limitar os devaneios nas linhas verdadeiras da vida, que penetra com sua intelligencia agudissima. A existencia desdobra-se-lhe aos olhos de artista, mas sabe que só percebemos um horizonte falso e não o confunde com o infinito. Esse momento é triste e amargurado, é aquelle em que a tristeza nos toca o espirito e duvidamos de nós mesmos, de tudo que nos cerca e envolve, tomados de melancolia e desolação. E' esse momento, em que a ironia vem aos imaginativos, "pela intelligência desengana-da na realidade trivial", desengano que (quantas vezes!) lhe deparamos na obra, como ferida por onde sangra a propria alma. Sempre que encontrardes um sorriso, deparareis, por força, uma angustia que se esconde, uma vingança que se retrae, um despeito que se occulta, uma decepção que se illude.

O Sr. Afranio Peixoto costuma rir pouco por desfastio, quasi sempre o faz por defesa, ou para encobrir lagrimas; sua ironia, por vezes ferina, é fórma benevola de corrigir e perdoar fraquezas e miserias. Quem não sente no motejo, com que commenta as nossas cousas politicas, uma tristeza e uma reprimenda? Como sangra a Republica, naquelle episodio da "Fruta do Mato", em que o povo leva preso, como doido varrido, o "seu" Geraldo — telegraphista — porque, em 15 de novembro de 1889, annunciava a proclamação da Republica na Côrte, Sua Majestade o Imperador deposto, o ministerio preso, um ministro morto!... E' tão suggestivo que dispensa commentario; vale mais do que longas dissertações sobre nossa incapacidade para o regimen que vamos adoptando defeituosamente, como arremedo franzino de um sonho, que alguns ideologos sonharam para muitos opportunistas gozarem.

Aliás, a obra do Sr. Afranio Peixoto está cheia de suggestões semelhantes, em que, com brilho e agudez, a pinceladas ligeiras, traça alguma aspecto de nossas tendencias, numa psychologia segura e acertada. Como faz repontar, vigorosamente, da dolorosa tragedia, que os negros captivos e os brancos senhores representaram nas immundas senzalas, o quadro da nossa existencia dahi resultante, e synthetizado no mulato! Elle nos dá a exacta medida da influencia malefica que, sobre nossa nacionalidade, exerce, em sua inconsciencia, esse "ser ambiguo, transitorio, em que duas raças se degladiam num homem, quasi um hibrido", que procura supprir sua incapacidade constructora por um descaso affectado por taes obras, preferindo ficar numa attitude de critico despeitado, quasi sempre cynico, curtindo as maguas de sua inferioridade ethnica, na revolta surda contra tudo que, por deficiencias ingenitas, não pode realizar. O desprezo, que simula, não passa de uma manifestação da dôr inti-



ma, que o deprime e humilha, condemnado a nunca attingir á superioridade invejada. Por isso quer destruil-a, num egoismo, que pode ser sordido, mas é humano...

Essa carga de ódio e de despeito é, como bem observou o Sr. Afranio, entrave perigoso á nossa civilização, que terá de soffrel-a, sabe Deus por quantos annos? O Brasil precisa ser purificado, e a razão do progresso vir do sul para o norte é que, naquella parte do paiz, o sangue negro vae desaparecendo das veias brasileiras e uma raça, que não guarda reminiscencia da escravidão e de suas torturas, desponta cheia de fé e ingenuidade, para a vida que adora. Por emquanto, teremos de soffrer a acção corruptora dos mulatos "na familia, na sociedade, nas letras, na politica, no trabalho, nas instituições, até que se disfarcem, se depurem, ou se misturem na raça branca".

Quando os piratas iam roubar o negro nas brenhas da Costa d'Africa e o traziam para o Imperio, onde trbalhariam debaixo de chicotadas e maldições, infiltravam, aos poucos, em nossa raça, odios e despeitos, que repontam aos nossos olhos, pagando o Brasil de hoje pelos erros de seus maiores, sobretudo os estadistas do segundo reinado, que, para sustentar o throno, esqueciam a gente. Que havemos de fazer, senão purgar o crime que não commetemos? O destino tem, ás vezes, a logica de ferro do lobo com o cordeiro.

Como essas, muitas outras paginas de um brilho inconfundivel se deparam na obra do Sr. Afranio Peixoto, cujos meritos de psychologo se unem aos valores de um descriptivo e de evocador de quadros e scenas que, na sua penna, avultam em toda sua realidade intensiva. A vida do interior surge, assim, para quantos a conhecem revivel-a, ao sentirem-na os que nunca lá estiveram. As paisagens se desdobram aos nossos olhos e as scenas caracteristicas da roça são feitas com tal poder suggestivo, que quem já lhe provou o sabor agreste, sente uma suave saudade acordar na memoria, como lagrima furtiva...

O romance do Sr. Afranio Peixoto é, em terra em que minquam os romancistas, uma das mais formosas affirmações de nossas letras: nelle a vida brasileira da cidade e do interior, tem o melhor creador de suas scenas e typos, concebidos sem o intuito de deprimir, no "snobismo" vulgar, nem exaltar, no "narcisismo" nacional, cousas ambas ridiculas e erradas. Se da obra do Sr. Afranio algum ensinamento podemos tirar, é vindo dos aspectos desencontrados, grotescos ou tristes, que offerece nossa existencia, em suas manifestações costumadas e quotidianas, que retrata com tanta fidelidade, na penetrante visão dos homens e das cousas. O Brasil das obras do Sr. Afranio Peixoto



não é o "el-dorado" de certos nativistas exagerados, nem a terra desprezível de tantos pedantes insolentes, mas um grande paiz, onde talvez sobrem os defeitos, com cujas causas procura atinar, fazendo a psychologia do povo. Não é, porventura, essa a obra de patriotismo acertado que nos convem? Denunciando os erros, não contribue, em parte, para corrigil-os? Carecemos quem nos desvende aos olhos desattentos a nossa propria terra, como o faz, em largos paineis, o romance do Sr. Afranio, dando-nos muitos de seus aspectos, vagamente suspeitados pelos centros da cultura indigena. Todas aquellas feições de nosso character, que referi ao inicio deste artigo, andam esparsas em seus typos, que as confirmam.

Assim, a obra de romancista do Sr. Afranio Peixoto é, na sua essencia, o reflexo de characteristics do espirito brasileiro, que traduz no encanto de sua fórma brilhantissima, a que sabe transmittir todos os accentos fortes ou delicados, elegantes ou rusticos. A sua scena se movimenta com graça e vigor, palpitando a realidade em todos os pormenores, no individuo, ou na natureza.

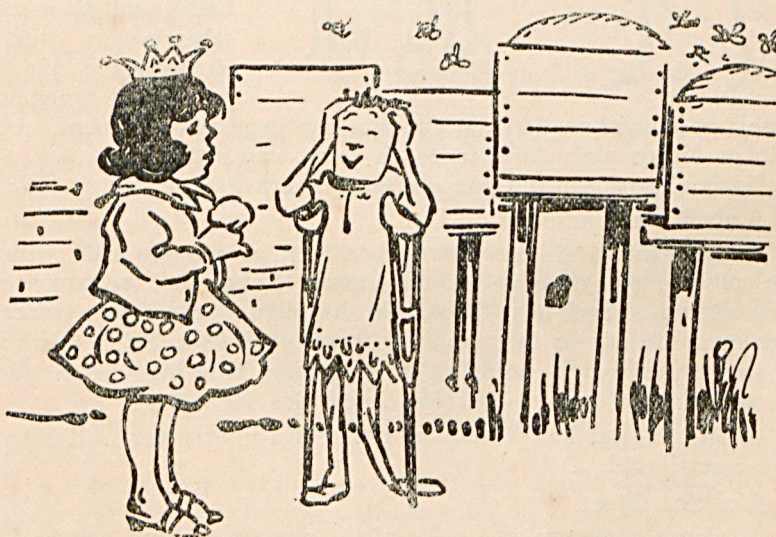
Mas, de todo esse movimento, em que homens e cousas se agitam, que resultante se manifesta? qual a finalidade sonhada pelo Autor? Ao espirito inquieto do Sr. Afranio Peixoto para que caminho seguimos, para a sabedoria ou para a ventura? eis a interrogação que, por certo, se proporá aos seus olhos supplices em face do destino impassivel, que colloca deante da agudez humana a "duvida metaphysica" e se delicia, com cruel volupia, vendo a tortura em que ficamos, na ancia pelo desconhecido, que nos esbarra no caminho. Para mim, emquanto outros buscam a finalidade na intelligencia, no sentimento, na fé, na belleza, no amor, ou na renuncia, o Sr. Afranio Peixoto, muito mais humanamente, vê o impenetravel mysterio tomar as fórmas perturbadoras de uma mulher e fugir suavemente... eternamente...



LUCIA
OU
A MENINA DO NARIZINHO ARREBITADO
POR MONTEIRO LOBATO
(FRAGMENTO)

A COLMEIA

NESSE entremeio, lá no palacio, a menina chegou-se para perto da boneca e disse :

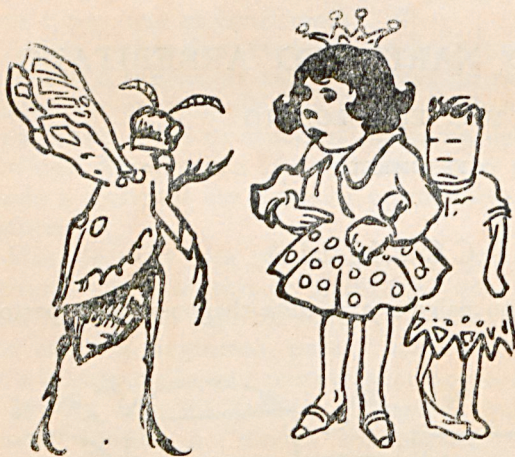


— Você já reparou, Emilia, como é bem arrumado este reino?
— Já, sim, respondeu ella. Tudo aqui é uma verdadeira maravilha de ordem, economia e bom gosto. Estive no quarto das

creanças e fiquei encantada! Cada uma no seu bercinho de cera, de braços cruzados, todas muito brancas, dormindo um somno gostoso!... Eu o que admiro é como as abelhas aproveitam o espaço, economizam a cera e fazem tudo de geito que a colmeia anda que é um relógio. Ah! se entre os homens fosse assim... Aqui não ha nem pobres nem ricos. Não se vê um aleijado, um cego, um tisico. Todos trabalham e vivem fartos e contentes.

— E quem governa? A rainha?

— Qual o que! A rainha o que faz é pôr ovos. Queres vêr? Vamos indagar d'aquella abelhinha que allí vem.



Emilia chamou-a:

— Faça o favor, dona Abelha... Aqui a princeza estava querendo saber quem é que governa a colmeia. E' a rainha?

— Não, respondeu a abelha. Nós não temos governo porque nós não precisamos de governo. Cada qual já nasce sabendo as suas obrigações e não é preciso que ninguém

esteja a lembral-as. Isso de governo é bom para os homens, que são os bichos mais desastrados da terra, não acha?

Narizinho pensou um pouco e viu que era isso mesmo.

A abelhinha continuou.

— De manhã sahimos todas, cada qual para o seu lado, afim de colher o mel ou o pollen das flores. Feito isto, voltamos e depositamos o mel nos favos. Se ha algum concerto a fazer, qualquer de nós o faz, sem ser preciso ordens. Se a menina passasse uns tempos aqui, havia de gostar tanto que depois não se acostumaría mais no horrivel Reino dos Homens...

— Mas a Rainha? exclamou Lucia. Eu queria vêr a Rainha. Deve ser linda!...

A abelha disse:

— Pensa a menina que a Rainha é alguma senhora emproada como as rainhas dos homens? Nem rainha é — os homens é que a chamam assim. Para nós ella não passa de mãe. Todas somos filhinhas della e vivemos sempre a rodeal-a de commo-

didades e carinhos, sem lhe dar nunca o menor desgosto. Olhe, menina, vocês lá na terra falam muito em felicidade, mas fique certa de uma cousa: felicidade, só aqui...

Narizinho e Emilia ficaram tristes. Que pena não ser possível transformarem-se em abelhas, e viverem allí, ocupadas toda a vida num trabalho tão lindo como esse de colher o mel das flores...

— O que mais admiro, disse a menina á abelha, é não haver doenças aqui. Vejo todas tão fortes e sadias...

Ninguém tósse, ninguém escarra, ninguém é surdo ou cego ou pernetá...

— E' verdade. Não sabemos o que seja doença, graças á hygiene da nossa vida.

— Quer dizer que medico e boticario, cá na colmeia, morreriam de fome...

— Pois decerto. O doutor Caramujo andou com vontade de vir clinicar entre nós. Chegou, mesmo, a abrir consultorio. Pois durante um anno só teve um doente: um pobre besouro que pede esmola ahí na rua. Abelha, nenhuma!...

— E que remedio deu elle ao besouro?

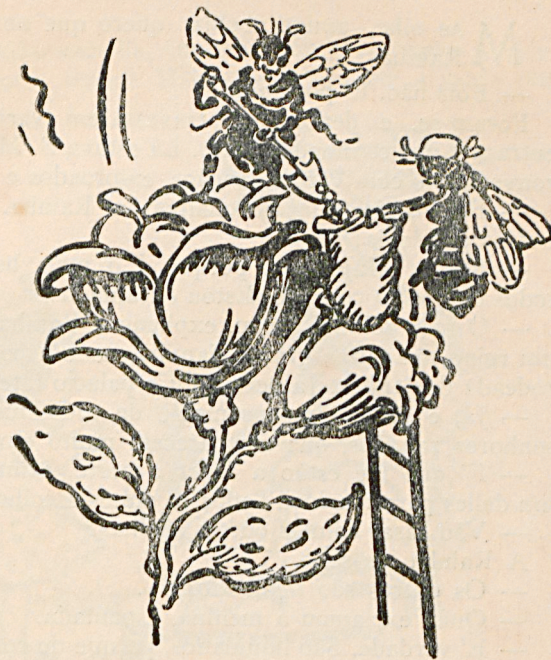
— Deu as celebres pilulas do Dr. Serra-Páo, parece-me...

— Então o doutor Caramujo concerta perna quebrada com pilulas?

— Pois é para vêr. Cá para mim este doutor Caramujo não passa dum grande charlatão, que o que sabe é mandar umas continhas de tirar couro e cabelo.

— Mas o besouro melhorou?

— Qual o que! Peiorou até. Antes de usar as pilulas, andava com uma muleta só. Depois de usal-as, passou a andar de duas...



A RAINHA

MAS olhe, amiga abelha, quero que nos leve ao quarto da Rainha.

— Pois não. E' por aqui.

Foram-se, e depois de atravessarem varios compartimentos, entraram nos commodos reaes. Lá estava S. Majestade, no throno, conversando com varios zangãos, emproados e orgulhosos.

— Bem-vinda sejas! exclamou a Rainha. Tens gostado dos nossos dominios?

— Muito, Majestade, porque é o mais bem arrumadinho de todos os que eu conheço. Estou encantada!

— O meu reino é assim, explicou a Rainha, porque não é bem um reino, mas uma grande familia, onde a boa mãe-de-todos vive rodeada dos filhos. Já percorreu o palacio inteiro?

— Já, e gostei immensamente de tudo, menos da cara destes senhores zangãos, que me parecem muito emproados...

— E' que me estão a fazer a côrte, afim de que eu escolha um delles para marido. Todos os annos escolho um, e os outros...

— Vão casar com as outras abelhas?

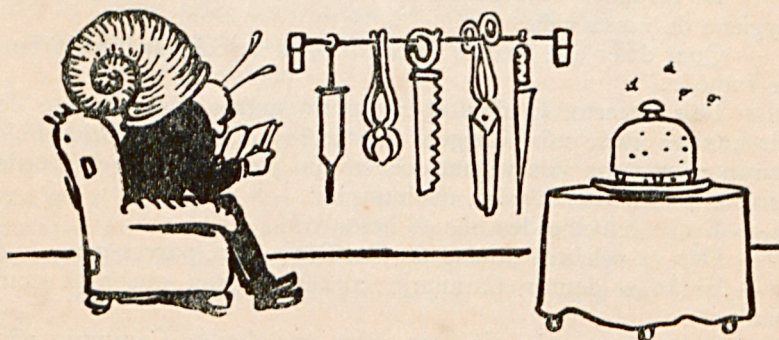
A Rainha riu-se.

— Os outros são *liquidados!*...

— *Quê?* exclamou a menina, espantada.

— E' verdade. São liquidados, porque do contrario perturbariam a ordem da familia.

— Vê, Emilia? disse Narizinho á boneca. Inda é peor ser moço bonito aqui do que minhoca lá no quintal...

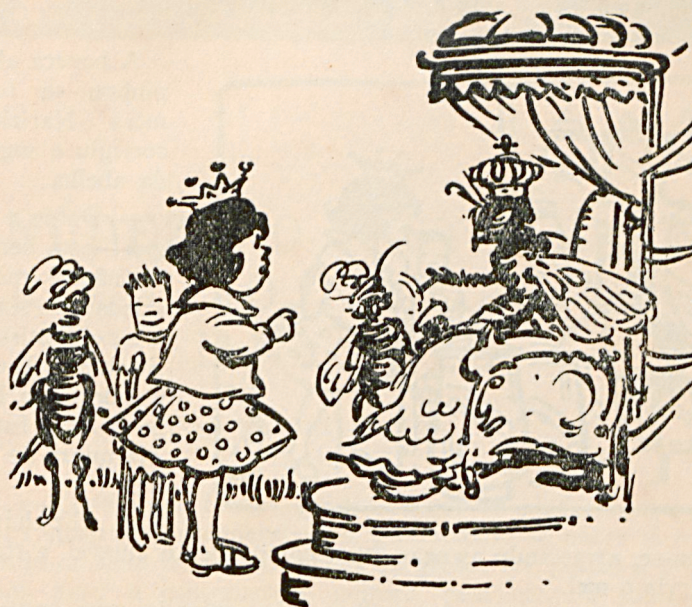


Nisto ouviu-se um rumor de passos e um *trrlin, trrlin* de esporas. Voltaram-se todos. Era Tom Mix que vinha entrando.

Tom parou, correu os olhos pela sala, e vendo a menina, dirigiu-se para ella:

— A's ordens de Narizinho Arrebitado!

- O Marquez? perguntou Lucia com ansiedade.
— O Marquez está são e salvo. E ferrado numa abobora, regalando-se...
— Muito bem! exclamou ella, contente por haver salvo a vidinha de Rabicó. Agora, senhor Mix, quero que me arranje uns



burros de carga afim de que eu possa levar mel para a vóvó. Mel e cera — a Nastacia quer muito um pelotinho de cera bem branca.

Tom Mix sahiu a arrumar a tropa e Lucia, voltando-se para a Rainha, propoz:

— Pode V. Majestade vender-me um tostão de mel?

— Dou-te o mel que quizeres, respondeu a Rainha sorrindo. Quanto ao tostão, guarda-o para ti, que aqui entre nós não tem valor o dinheiro dos homens. Entra lá naquella sala, que é o deposito de mel, e leva quanto quizeres.

Narizinho e Emilia encaminharam-se para o deposito. Muito bem arrumado tudo. Havia potinhos de cera em quantidade, todos iguaes, cheios até á bocca e tampados.

— Querem mel? perguntou logo uma abelha de avental que tomava conta do deposito.

— Queremos, sim! mel e cera.

— De que qualidade?

— Ha de muitas qualidades?

— Temos aqui mel de flores de laranjeira, mel de flores de jaboticabeira, apanhado lá no sitio de dona Benta, e temos o mel Mil-Flores, que é colhido de todas as flores do campo.

— Quero o Mil-Flores, declarou a menina. E tambem um kilinho de cera, da branca, para a tia Anastacia.

— E quem leva é aqui a sua criada? perguntou a abelha, apontando para Emilia.



A boneca abespinhou-se toda, mas Narizinho corrigiu o engano da abelha:

— Dobre a lingua! Esta senhora não é minha criada, e sim a Excellentissima Senhora Dona Condessa da Perna-Secca, futura Marqueza de Rabicó.

A abelhinha curvou-se, arrastando as azas, num cumprimento amavel, e tratou de servir o mel.

Nesse momento appareceu Tom-Mix, guiando uma tropa de seis grillos arreados com cangalhas, e com ancorotes, aos quaes foi desenganchando e collocando em cima do balcão. A abelha meleira trouxe os potinhos de mel e esvaziou-os dentro dos barriletes. Em seguida, amassando os potes vazios, fez uma pelota de cera alvissima, que entregou á menina.

— Muito bem, disse esta, logo que viu tudo prompto. Podemos agora voltar.

Tom-Mix estalou a lingua e os grillos partiram aos saltos em direcção á porta da rua, onde pararam, em fila, á espera de que as senhoras cavalgassem.

(Illustrações de Voltolino)





A NUDEZ E O VESTUÁRIO NA RELIGIÃO, NA CIÊNCIA E NA ARTE

POR HYGINO CUNHA (*)

XI. — O regimen feudal, predominante na idade média, com os seus suzeranos independentes, guerreando-se entre si e explorando os seus vassallos, servos da gleba, foi, pouco a pouco, cedendo lugar á centralização política, pela victoria successiva dos typos mais fortes, mais bem collocados, mais felizes, que submeteram todos os outros e se tornaram os defensores da paz publica, estabelecendo uma administração regular, com o nome de reis ou chefes de nações. “No século XV, os barões, outr’ora seus iguaes, não eram mais do que seus officiaes; no século XVII, não passavam de seus cortezãos”. (42) Instituiu-se a vida de cõrte, com todos os seus esplendores e refinamentos. As grandes nações da Europa porfiaram no trato das boas maneiras, do requinte da moda e das conveniencias sociaes. “O salão do rei, continúa o autor citado—é o primeiro do país; ahí se reune a sociedade mais selecta. Portanto, o homem mais admirado, mais correcto, e que toda gente se propõe como modelo, é o grande senhor admittido na familiaridade do principe.” Este grande senhor tem sentimentos generosos, rasgos de heroismo, bate-se pela minima offensa pessoal, affronta os rigores dos campos de batalha com a mesma facilidade com que

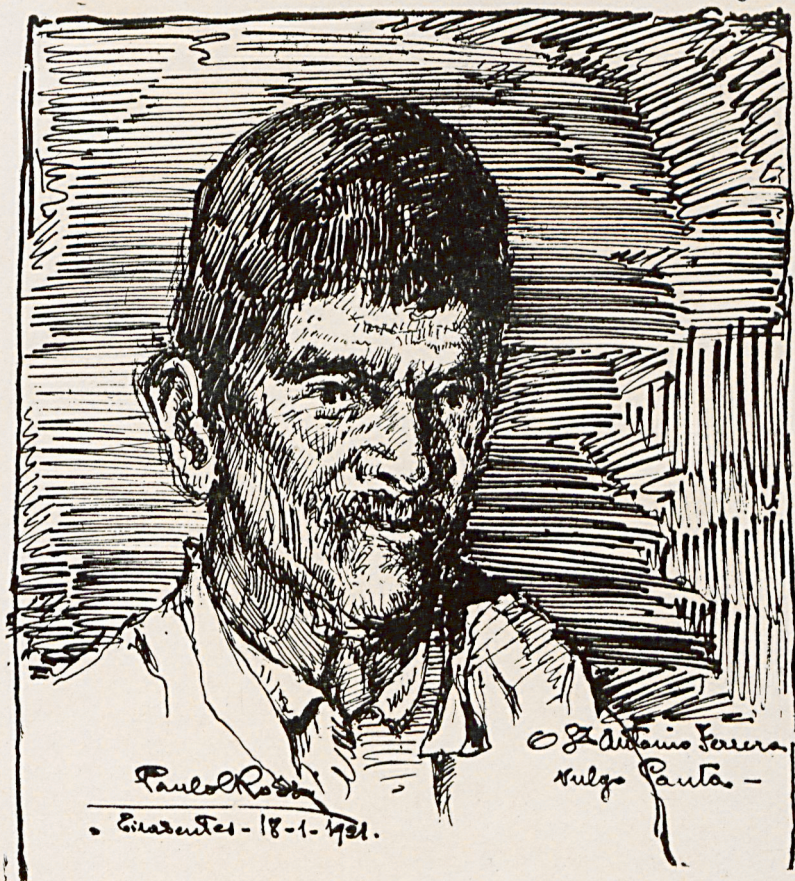
(*) Ver os numeros de Outubro e Novembro de 1920. — *R. do Brasil*.

(42) Taine, “Op. cit.,” pag. 98.

dansa o minuete com as damas do paço. A França foi o centro dessa vida cortezã e Luiz XIV, o rei sol, deu-lhe o maior brilho. Mais uma citação de Taine e teremos dado o traço geral da situação. "Póde-se dizer — affirma o philosopho francez — que nesse momento a França fez a educação da Europa; ella era o manancial das elegancias, da graça, do bom estylo, das idéas finas, do bom tom. E, quando um moscovita selvagem, um allemão balôfo, um inglez desageitado, um barbaro ou semibarbaro do norte, deixava o seu cachimbo, as suas pelissas, a sua vida feudal de caçador e de rustico, era em nossos salões e em nossos livros que elles vinham aprender a arte de saudar, de sorrir e de conversar." As côrtes, que eram o producto mais delicado e expressivo da civilização, recebiam e reflectiam o cunho aprimorado e convencional da época, sobrelevando a tragedia compassada e medida, attenuando a verdade, dissimulando os transe brutaes, evitando tudo o que pudésse chocar o gosto de espectadores habituados á moderação e ás elegancias da fidalguia.

Mas tudo isto só convinha ás classes elevadas — aos principes, aos nobres e altos dignatarios ecclesiasticos. A grande massa do povo, a pequena burguezia, os aldeões, o baixo clero continuavam afastados desse scenario deslumbrante e privilegiado. Esse excesso de pompas em antagonismo com a grande maioria dos subditos havia de acarretar abusos intoleraveis, a decadencia insanavel das instituições e a ruina total dos principios que as fomentaram e alicerçaram. Mais uma vez havia de se verificar a lei de Vico — "corsi e ricorsi", acção e reacção, visivel nos phenómenos mecanicos e tambem nos phenómenos de vida social. Ao despotismo succedem as revoluções, aos pericdos de refórma os periodos de conservantismo, aos séculos asceticos os séculos dissolutos. No commercio, o excesso de confiança e o panico. Na moda, os rigores extremos. A reacção contra essa falsa concepção da vida individual e collectiva tem sido longa e tormentósa, estendendo-se até aos nossos dias. Com o fim do reinado de Luiz XIV (1643 — 1715) acabou tambem o esplendor da monarchia. Começa a época do "rococó", do mau gosto nas artes, destituidas de ideal, reflectindo a decadencia dos costumes. Comprehende todo o reinado de Luiz XV (1715 — 1774) e o principio do do seu infeliz successor. Eis o resumo que della faz Anquetil na sua "Histoire de France", t. IV, pag. 333: — "Aos grandes interesses que até então tinham occupado a nação no interior e no exterior, succederam querellas theologicas; uma lucta de poder entre os magistrados e o monarcha, entretida por todos os pequenos meios de uma chicana minuciosa; finanças mal administradas; guerras sem intuitos elevados e



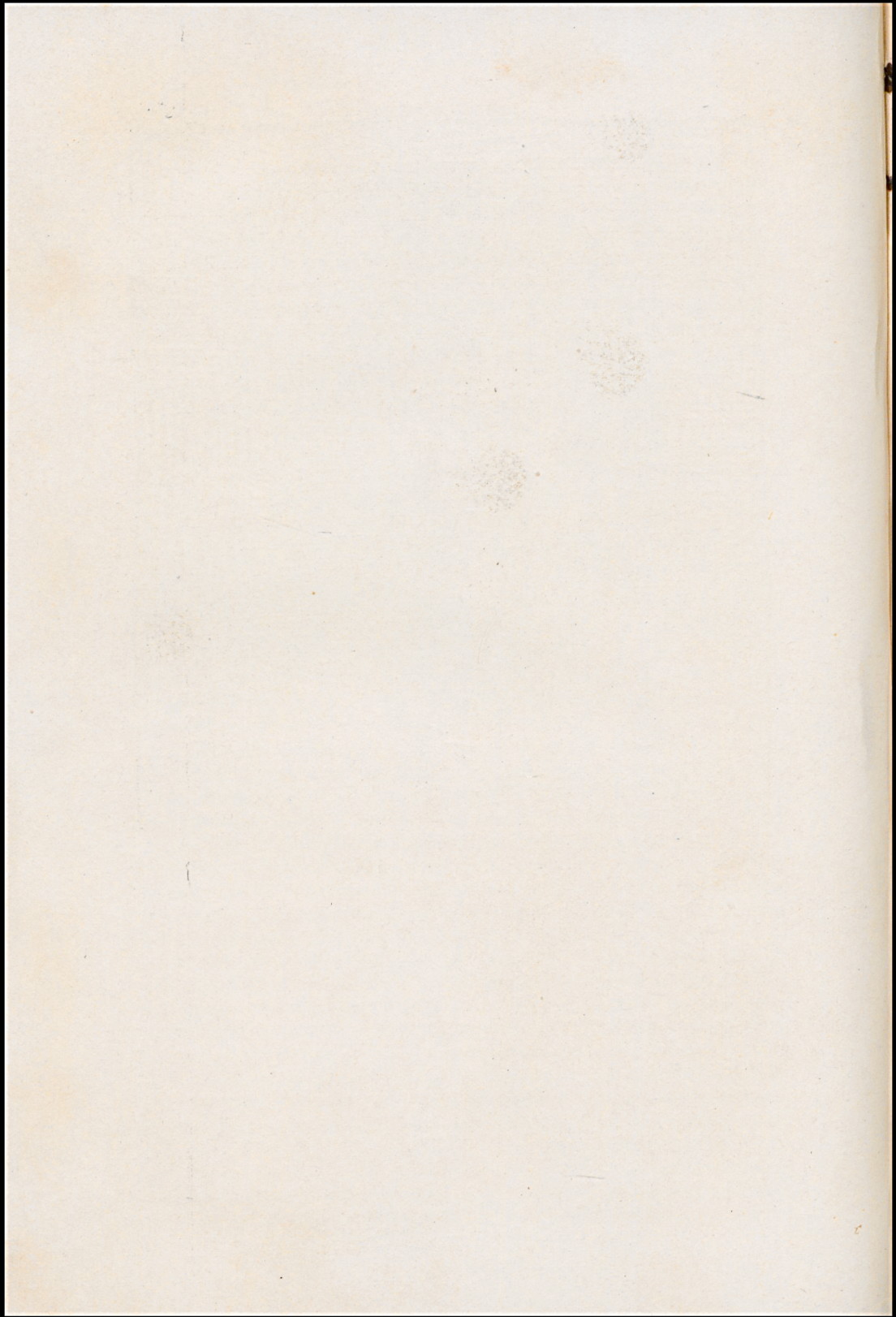


Paulo Rossi
- Escadaria - 18-1-1921.

O Sr. Antonio Ferreira
Nulgo Paulo -

PAULO ROSSI — Caboclo mineiro.





sustentadas sem energia; tratados vergonhosos e aviltantes. Ninguém viu mais esses rasgos heroicos, que tinham illustrado mesmo os reinados infelizes. O amor da gloria, esse aguilhão tão poderoso nos francezes, embotado pela indolencia do príncipe, não estimulou mais a actividade natural dos subditos. Os costumes pouco respeitados na côrte se degradaram no povo; uma multidão de livros, tão contrarios á autoridade soberana como á religião, inundou a França. Tornou-se moda pôrem-se em duvida os principios; medir, por assim dizer, a parte de obediencia ás antigas leis; sustentar que era tempo de abrogar-as e de crear outras novas". Tal é o triste quadro da época a que nos vimos referindo e que preparou a ultima catastrophe — a grande revolução. O edificio social ostentava ainda a sua grandeza d'antanho, apoiada ficticiamente sobre séculos de oppressão e desenvoltura de costumes. Para derruil-o foi preciso um trabalho de sapa tenaz e infatigavel. Foram seus obreiros intellectuaes os livres pensadores. Voltaire foi o chefe e o patriarcha da nova seita. "A Encyclopédia" foi a immensa machina de guerra posta ao serviço das doutrinas philosophicas do século XVIII, (1751 — 1772). Foi grande e poderosa a côrte do Rei-Voltaire que influiu em todos os dominios da vida social, preparando o advento do cataclismo revolucionario de que desce toda a sociedade moderna. E, no meio desse côro de ovações e triumphos, ouviu-se uma voz estranha e paradoxal, que, prégando idéas destoantes, sob pontos de vista diversos, collimava os mesmos intuitos demolidores dos abusos do passado e promissores de um porvir melhor. Um pobre relojoeiro de Genebra, que, na juventude, ás primeiras letras apenas accrescentara a leitura de alguns romances e das "Vidas" de Plutarco, dá a volta ao "estado de natureza" como unica salvação do homem corrompido pelas artes e pelas sciencias. São poucas as suas obras deante do formidavel arsenal dos encyclopedistas; mas a sua influencia parece preponderante em todas as direcções da vida publica e particular, produzindo o romantismo, repercutindo na philosophia e nas letras allemãs, culminando na revolução de 1789, e até as intransigencias da cultura leiga da França contemporanea em lucta com o clericalismo obedecem ás suas doutrinas innovadoras. Toda a philosophia, a politica e a literatura do século XIX até aos dias actuaes estão impregnadas do espirito de Rousseau. Contra o amor "galanteio", escondendo a "nua" paixão nos europeis da phrase rebuscada e da moda elegante, insurgiu-se "Julia, ou a Nova Heloiza", romance de amor, como muitos outros, mas de um amor rebelde á hypocrisia e ás filigranas sociaes. Os dois amantes são de classes e posições differentes, o que não era admissivel, no an-



tigo regimen que, aliás, tolerava a mulher nobre, mesmo casada, entregando-se a quem quizesse.

Os dois discursos sobre — “Si o progresso das artes e das sciencias contribuíram para corromper ou apurar os costumes” (1749) e “Sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens”, (1753) e a “Carta a d’Alembert” sobre os espectaculos louvam o estado natural e accusam a sociedade. “O recurso será uma educação conforme á natureza, respeitando-a e defendendo-a contra as convenções sociaes (”Emile, ou Da Educação” — 1762); a prática de virtudes naturaes na familia, dando livre curso ás inclinações do sentimento, isentas das attribuições mundanas da paixão (“Julia, ou a Nova Heloiza”); a submissão dos homens ao governo a que os conduziria a natureza, si fossem mantidas as condições naturaes — a lei de todos acima das vontades de cada um — realizada no “Contracto Social”. O dr. Afranio Peixoto, num bello artigo sobre o segundo centenario do nascimento do philosopho, publicado no “Imparcial”, do Rio, de 8 de dezembro, faz o seguinte commentario: “Depermeio e através do percurso de suas obras, Rousseau deu livre e abundante desenvolvimento ás suas idéas favoritas, manifestadas na directriz inicial. Um optimismo invencivel, quasi mystico, que tudo via bom, primitivamente no dominio da natureza, mais tarde deformado e corrompido pelos homens, graças á civilização mas passivel de emenda, por processos ás vezes violentos e absolutos... E’ que elle tivera a coragem de falar sériamente da virtude, desacreditada num tempo leviano de dissolução; de respeitar o amor no casamento e na familia, quando era a moda dos prazeres galantes, e o adulterio o mais facil dos passatempos mundanos; a de defender os direitos soberanos do povo, quando, nos systemas politicos, não havia siquer logar para elle; de restaurar a crença em Deus, contra os creadores da Encyclopedia, dictadores do pensamento humano nessa época”. (43)

(43) A vida deste homem extraordinario é um tecido de enigmas e contradicções. De origem obscura, tendo sido relojoeiro, mestre de musica, lacaio, escriba, secretario de embaixada, sem estudos preparatorios, influiu, talvez mais do que Voltaire, no espirito dos seus contemporaneos e nos destinos da humanidade. Tendo dado o mau exemplo de engeitar os filhos numa casa de caridade, tornou-se no “Emilio” o educador por excellencia, acompanhando a creança desde o aleitamento materno até ao ensino experimental pela lição de coisas. Todos, grandes e pequenos, o consultavam sobre questões de educação. Foi tanto em moda que as bellas damas faziam trazer os filhos ao theatro, no fundo dos camarotes, para lhes dar de mamar. Atacando o theatro, o romance e a philosophia, foi, publicando obras nestes tres generos literarios, que conquistou a gloria e dominou a posteridade. Até a sua morte é um mysterio inextricavel. Encontrado morto em companhia de sua mulher Thereza Levasseur, creatura de baixa condição e instinctos perversos, os seus mimigos attribuiram-na a um suicidio e os seus adeptos a um insulto apoplectico. O anno passado, por occasião do bi-centenario do grande escriptor, o illustre clinico, dr. Juliano Raspail, aventou a idéa de que Rosseau fôra assassinado pela propria companheira. Tristissimo e tragico fim do heroico advogado dos direitos do senti-

XII. — A questão de reformar e governar a sociedade humana tem por base a educação e para Rousseau o thema capital glosado em todos os tons, num estylo novo, amplo, distendido e sonóro, é que “tout consiste à ne pas gêter l’homme de la nature en l’appropriant à la société. “Nestes principios — diz Tobias Barreto — culmina-se o edificio de suas idéas reformadoras”. Ahi está consagrado o antagonismo profundo, irreconciliavel, entre a natureza e a sociedade. Tobias admite a reacção, mas sómente como remedio provisório e temporario contra uma ordem de coisas intoleravel e falseada pelos requintes da degenerescencia geral. O philosopho brasileiro sustenta o principio contrario, isto é, que o processo da cultura deve consistir em gastar, em “desbastar”, por assim dizer, o homem da natureza, “adaptando-o” á sociedade. O homem é um animal que “se prende”, que “se doma a si mesmo”, todo o apparatus social da cultura não é mais do que um immenso arsenal de armas diversas para vencer e subjugar a natureza. (44)

Ao mesmo tempo que oppõe um principio ao outro, Tobias reconhece os seguintes factos que impõem uma conciliação aos extremos das duas doutrinas: 1.º — que a sociedade, estudada em suas origens, não obstante as mais das vezes ser uma antithese, é tambem uma continuação da natureza; 2.º — que, emquanto o homem, esse “fidalgo de hontem”, não sustentar com melhores dados as suas pretensões de celigena “pur sang”, ha bôas razões de tel-o sómente em conta de um phenomeno natural, como outro qualquer; 3.º — que os diversos processos de selecção social estão sujeitos á degenerescencia, não por desleixo, mas tambem por excesso de rigor nas suas applicações; então importa appellar para a natureza, como meio de reacção e salvação unica possível; 4.º — que, si o homem póde vencer e subjugar a natureza, não é menos certo que esta só tolera essa sujeição dentro de certos limites, reagindo, por sua vez, indomita e fazendo valer a sua omnipotencia; 5.º — que muitas regras convencionaes da sociedade não merecem respeito: são como cordas de “philisteus”, prendendo a Sansão, que um espirito superior arrebenta sem grande esforço; 6.º — que, apezar de antitheticas as relações entre os dois systemas de forças — a natureza e a sociedade, muitas vezes um tem necessidade de ser corrigido pelo outro; 7.º — que os grupos organicos sociaes,

mento individual e da bondade nativa da humanidade! Voltaire e muitos outros o consideravam como doido varrido, e, de facto, os seus ultimos annos foram atormentados pela mania da perseguição, aliás justificada pelas perseguições reaes de que foi victima. Assim vai o mundo... conduzido para nossa humilhação por actos vãoos e por palavras loucas!...

(44) Tobias Barreto — “Estudos Allemães”, pags. 621 a 624; “Estudos do Direito”, escripto inicial e pags. 350 a 355.



diversos uns dos outros, obram e se desenvolvem segundo as mesmas leis fundamentaes, que vigoram nos demais seres da natureza, etc.

Tudo isto prova que Rousseau estava com a verdade, clamando pelos direitos da natureza como reactivo contra um pessimo estado social. Foi por isso que a sua voz, a principio solitaria como a dos antigos prophetas, écouu pelo mundo inteiro, revolucionando todos os departamentos da actividade e do saber humanos. “Voltaire e Rousseau — diz Eugenio Noel — têm exercido sobre a sociedade moderna uma influencia enorme. O mundo actual vive da sua palavra, como a idade média vivia da dos padres da Egreja; até os seus adversarios são, sem o saberm, animados do seu influxo poderoso; todos têm soffrido esta acção mysteriosa.”

A pedagogia moderna flue directamente das obras de Rousseau: as questões de regimen alimentar e escolar, de hygiene, de vestuario, de exercicios ao ar livre, de excessos de estudos, enfim, de educação physica para fazer do homem “um bom animal”, segundo a expressão do ensaista americano Emerson, são todas provenientes daquella fonte inexgotavel. O seu systema fez a alegria das mães e das creanças, restabelecendo para aquellas as delicias do amor conjugal e da maternidade e para estas o direito á felicidade e á liberdade. Preconizou a “educação negativa”, que é a mesma da disciplina das reacções naturaes preconizada por Spencer, um século depois. “Tanto na educação domestica — diz o philosopho inglez — como no mundo, a unica disciplina salutar é a experiencia das consequencias, boas ou más, agradaveis ou penosas, que decorrem naturalmente dos nossos actos.” (45)

A idade média condemnava o corpo e a instrucção como origens do peccado. A idade moderna tentou desenvolver demasiado a instrucção, descurando os aparelhos materiaes do corpo. Nos tempos antigos, predominava o vigor physico na lucha pela vida; por isso os homens eram fortes e robustos com pequeno desenvolvimento cerebral. Nos tempos modernos, predomina o vigor espirital; a força muscular e os trabalhos manuaes passaram para plano inferior, pois o exito na vida depende inteiramente da força da intelligencia. Estes extremos não são mais admittidos pelos scientistas competentes na materia. A pedagogia actual precisa restabelecer o equilibrio entre o corpo e o espirito, e neste sentido vai fazendo progressos imensos em todos os povos cultos. Spencer, antes de terminar a sua obra sobre a educação, faz estas considerações magis-

(45) H. Spencer — “L'E'ducation, trad. franc., chap. I. p. 31”.



traes: "Em vez de respeitar o corpo e desprezar o espirito, nós respeitamos o espirito e desprezamos o corpo. Estes pontos de vista exclusivos são máus, tanto um como o outro. Ainda não comprehendemos esta verdade — que, sendo a vida physica o fundamento necessario da vida intellectual, a intelligencia não deve ser desenvolvida em prejuizo do physico. As duas concepções da educação, a antiga e a moderna, devem, pois, combinar-se mutuamente." (46)

XIII. — Já vimos que o uso da vestimenta collima tres objectos: 1.º — resguardar o corpo contra os rigores do clima, especialmente nas zonas frias; 2.º — enfeitá-lo ou ornamentá-lo satisfazendo o sentimento da vaidade, predominante na mulher; 3.º — esconder certas partes do corpo, consideradas pudendas. Na ordem chronologica, alguns sabios collocam os ornatos antes da roupa, que delles procede. Segundo Humboldt, um indio orenoco, a quem é indifferente a commodidade physica, trabalha quinze dias para comprar tintas, por meio das quaes se faça admirar; e a mesma mulher, que não hesitaria em sahir de casa sem sombra de vestido, nunca seria capaz de perpetrar tão grave quebra da decencia, qual a de se apresentar despintada a olhos estranhos. Refere Speke que os selvagens do seu sequito, nos dias de tempo enxuto, e claro, costumavam pavonear-se ufanamente nos seus mantos de pelles de cabra; mas, si chovia, apressavam-se em despil-os, e arreacadal-os, expondo-se, tiritantes, ao frio e ao aguaceiro. H. Spencer observa, a proposito desses factos, que, na ordem do tempo, a decoração precede ao vestuario, a ornamentação á utilidade "(decoration precedes dress... the ornamental comes before the useful". "Tanto mais razão temos de insistir — diz elle — quanto ainda entre nós não falta quem se ocupe muito mais com o luxo do que com o conforto, com a elegancia do que com a commodidade, com o aspecto que dá a roupa, do que com os serviços que presta. (47) O grande pensador londrino discute o assumpto em diversas das suas obras, especialmente na "Educação". O vaidoso amor da pompa, tanto no ponto de vista intellectual como physico, é um phenomeno atavico prejudicialissimo ao regular funcionamento da vida individual e social. Verberando o nosso atrazo em materia de instrucção popular, á qual procuramos dar exterioridades brilhantes com menos-cabo dos verdadeiros progressos pedagogicos, Ruy Barbosa faz as seguintes judiciosas ponderações: "Dá-se a lembrar deste

(46) Em assumptos de pedagogia o melhor trabalho que ha no Brasil e talvez na lingua portugueza é o "Parecer" do dr. Ruy Barbosa sobre a reforma do ensino primario (1882).

(47) Vide o citado "Parecer" do dr. Ruy Barbosa.



modo o luxo de avellórios, missangas, ou a tatuagem vistosa do selvagem descomposto. Fazemos praça do superfluo, do inutil, das superfluidades illusorias, das apparencias dispendiosas e brilhantes, quando nos fallece o necessario, o essencial, o rudimentar, os primeiros elementos da realidade modesta e efficaz.”

Um dos prejuizos que Spencer combate com vigor é o que suppõe “endurecer o corpo” das creanças, expondo-as nuas ao frio ou vestidas com roupas leves ou demasiado elegantes, que lhes tolhem a actividade natural. A usura que soffre o organismo infantil com a perda excessiva do calor vital damnifica todo o desenvolvimento do systema. A regra é que não devemos vestir os nossos filhos em todas as circumstancias de uma maneira invariavel, mas com roupas “sufficientes, como quantidade e como qualidade, para proteger o corpo contra uma sensação habitual de frio, por mais leve que seja”. Os inconvenientes do regimen contrario são visiveis tanto no estado selvagem (fueguinos e laponios pigmeus) como na criação das raças animaes, nas corridas desportivas e na mortalidade das creanças mal vestidas das grandes cidades européas.

Depois da alimentação e da vestimenta, outra necessidade das creanças é o exercicio corporal, que lhes robustece o organismo, expande o coração e tonifica o espirito; não sómente o exercicio methodico e technico da gymnastica, aliás indispensavel, mas principalmente os jogos ao ar livre, em bosques arejados com lagos e correntes d’agua crystalina, em communhão com os passaros e com os outros animaes amigos do homem.

Formam-se assim, dentro dos collegios, campos de experiencia em miniatura, na falta dos verdadeiros campos em plena natureza. Ainda aqui vigora a disciplina de Rousseau. E’ bom não esquecer que este salutar regimen pedagogico não se applica sómente aos varões, mas tambem ás creanças femininas com as restricções exigidas pelas contingencias do sexo.

Muitos exercicios são apropriados a ambos os sexos, como a equitação, a natação, a esgrima, a dança e o canto.

Não queremos fazer guerra systematica á moda e ao pudor, que tanto realce dão á belleza feminina e ás delicias do goso esthetico. Mas é preciso combater muitas convenções artificiaes que lembram épocas de ascetismo, incompativeis com o preceito de Juvenal — “mens sana in corpore sana”, significando que a saúde do corpo é indispensavel á saúde do espirito.

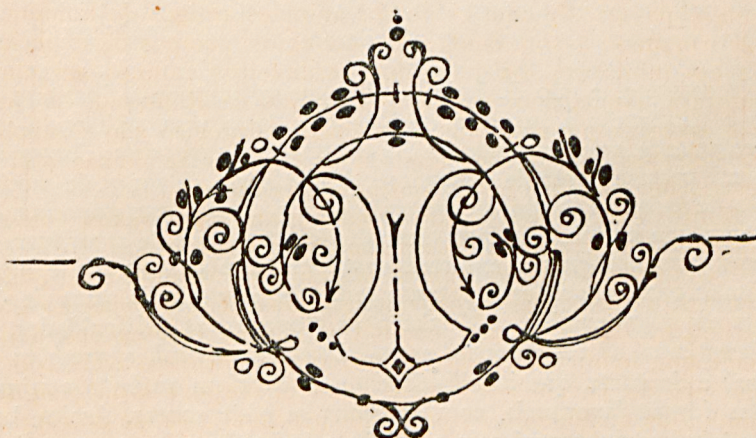
“Sem duvida, — ensina Spencer — os homens não são atrahidos para as mulheres de fórmulas masculinas. Admittimos plenamente que uma certa fraqueza relativa, que demanda protecção, é para elles um attractivo. Mas a differença que corresponde aos sentimentos do homem é a differença preestabe-

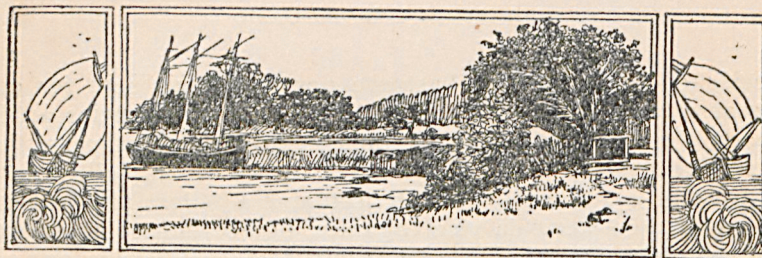


lecida que se affirmará bastante por si mesma, sem ter que recorrer a meios artificiaes. E, quando por esses meios artificiaes, o grau de differença ultrapassa o voto da natureza, torna-se um elemento de repulsa antes que de attracção”.

O corpo é a base da vida intellectual, e a belleza physica, que é a expansão plena da vida organica, liga-se indissolavelmente as mais elevadas manifestações espirituaes, produzindo pela selecção os typos do homem ou da mulher fortes, que são o orgulho das raças e das nações progressivas. Pouco importa que os ornatos sejam anteriores ou posteriores ao vestuario, o essencial é que estejam de accôrdo no mesmo intuito de desenvolver o individuo integralmente, tornando-o apto para o exito nas luctas da vida. Todas essas filigranas da moda e da elegancia são apparencias fallazes que a omnipotencia do amor desfaz na plena nudez do rictus procreator. A natureza recupera então todos os seus direitos, rompendo, num momento, toda a trama das mentiras convencionaes. A volta ao “estado de natureza” é o supremo correctivo aos requintes inhibitorios da civilização.

Piahy — Therezina.





CUIDAR DA INFANCIA !

(Conferencia realizada em Ribeirão Preto, a 25 de Dezembro de 1920, na festa annual do Instituto de Protecção á Infancia)

POR AMADEU AMARAL

Não se poderia fazer melhor obra social, entre nós, do que esta: cuidar da infancia. Mas disto, que é fundamental, não se cuida. Porque tudo quanto se faz por ahí, embora alguns optimistas exaggerados julguem que já é muito, não passa de coisa ridiculamente mesquinha em relação á magnitude do que devêra ser feito. Esta conferencia não é mais que um largo esboço do problema, pelo seu lado mais geral, mais comprehensível e mais humano.

Senhoras.

Senhores.

CONHEÇO, e não de hoje, a obra magnífica que o Instituto de Protecção á Infancia, de Ribeirão Preto, vem realizando, modestamente, valentemente, de alguns annos a esta parte. Conheço o que é preciso haver de tenacidade, de paciencia, de tacto, de sacrificio, de todas as formas de energia contida, de coragem concentrada, de virtude intima, e ao lado disso de desinteresse e de amor, para se metterem hombros a empresa desta indole e deste vulto e, mais ainda, para a manter por tanto tempo e, ainda mais, para de dia em dia augmental-a... Conheço os tropeços, as difficuldades, os desanimos, as resistencias, as mil insidias e as mil aggressões do mal e da sorte, que infallivelmente se mesclam ao bello conjunto das forças favoraveis, com as quaes se póde contar. Assim, bem podeis imaginar qual seja a minha admiração pelos autores desta obra de bondade e de intelligencia. Foi essa admiração que me trouxe a Ribeirão Preto.

Não temo ser-vos indelicado, antes espero dar mais forte relevo ás minhas homenagens, dizendo que precisei fazer violencia ás

minhas commodidades, para me achar hoje em vossa presença. O appello recebido colheu-me em época de intenso trabalho obrigatorio e inadiavel e de cansaços longamente accumulados, que anciavam por um doce periodo de repouso, de apartamento e de silencio. Nestas condições, que poderei dizer-vos, que mereça a pena de ser dito e de ser ouvido, a vós, polido escol de uma cidade opulenta e culta? Mas, diante do appello insistente, — fosse gentileza, fosse generosidade, — vindo de quem vinha, não me julguei com direito a persistir nas primeiras esquivanças. Abandonei as suggestões melancolicas da fadiga, o antegozo do descanso projectado, o receio de vos vir sacrificar as minhas commodidades apenas para comprometter as vossas... e aqui estou. Venceu a admiração.

A admiração dizia-me: "Vae. Não inventes subterfugios nem pretextos para te furtares. Fazes um sacrificio? Muito maior tem feito quem te chama. Quem te chama é um homem que tem empregado o melhor do seu tempo a espalhar boas obras em redor de si, na pura simplicidade de gesto de um sementeiro silencioso. Clinico, vive entre as realidades sangrentas do soffrimento humano, a suavisa-as. Quanta tortura e quanto desmaio de corpos e de almas tem desaparecido ao toque das suas mãos beneficicas! Philanthropo, não se contentou de ser esse dispensador de allivios e de confortos, de esperanças e de sorrisos, e quiz atacar os venenos da vida nas proprias fontes desta, contribuindo para tornal-as mais crystallinas e mais puras. Que esforços, que trabalhos, que penas, que maguas, que ansiedades não lhe terá custado, dia por dia, essa casa, filha dilecta da sua bondade activa, menina de seus olhos de pae! Esses, sim, é que são sacrificios. Ao passo que tu, que tens feito em toda a tua vida senão enegrecer papel, infatigavelmente, loucamente, com frioleiras que não servem senão de aggravar o desconcerto do mundo, esporeando outras vaidades adormecidas, suscitando estupidas rivalidades, dando occasião, embora involuntariamente, a mil pequenos attrictos inuteis e, mais que tudo, prolongando além do que seria justo os ocios estereis dos teus raros leitores? E queres, julgando teres bem merecido o repouso que buscas, fugir ao appello do batalhador indefesso, que te chama por um momento em meio da peleja, apenas para o ajudares a arredar uma pequena pedra do caminho!"

Arredar uma pedra do caminho — isto é maneira da falar. Eu creio bem que o Instituto de Protecção á Infancia já não encontra pedras no seu caminho. Eu quero crêr que a phase difficil, a phase heroica, tenha passado. O contrario seria nada fiar das forças bemfazejas, que tenho ouvido serem tão fecundas, na sociedade



de Ribeirão Preto, como a famosa terra roxa das vossas lavouras. E' impossivel que esta adiantada cidade não tenha estendido o seu manto, num gesto de apropriação affectuosa, sobre esta instituição que não tem rival na belleza. Outras poderão merecer tanto. Nenhuma merece mais.

Muitas são as obras, os estabelecimentos, os serviços que a imaginação fertil dos homens tem inventado, para corrigir e reparar as falhas e os aleijões dos corpos e das almas. Inventaram-se já cem variadas fórmas de ensino. Inventou-se uma pedagogia complicadissima. Inventaram-se systemas penaes, varias instancias, typos e maneiras de tribunal, extensas e minuciosas engrenagens de policia e de prisões. Inventaram-se hospitaes, asylos, abrigos, manicomios, leprosarias, dispensarios. Formidavel a somma de riqueza que se consome nesse immenso conjunto. Mais formidavel ainda a somma de energias moraes que se transfundem nesse mundo de fabricas e de actividades. Comtudo, quanto mais crescem e mais se multiplicam as leis e as instituições, mais alto se erguem as paredes das cadeias, mais vastos os pavilhões de enfermarias, mais complicadas, mais perfeitas e mais abundantes as escolas; quanto mais formigam os prophetas e reformadores, mais legiferam os legistas, mais sentenciam os pedagogos, mais trovejam os censores, tanto mais triste, mais atormentada, mais louca, mais horrivel a vida que estua e estruge em redor de nós, mais cruel, mais tragica, mais suppliciante a incompreensão, o desaccôrdo, a odiosidade, a furia sem treguas e sem diversão, em que se estorcem e rodam, rebolindo e raivando, urrando e chorando, os homens ebrios de dôr e de rancor, de vicio e de iniquidade!

E' que de tudo se tem cuidado, menos de purificar as fontes... A agua que de lá vem já vem contaminada, e mais gravemente se contamina depois. Cuidemos das fontes! Cuidemos da criança!

Contendem moralistas, philosophos, economistas, educadores sobre as causas de toda essa incuravel miseria. Todos devem ter a sua parte de razão quando denunciam a irreligiosidade, o pauperismo, os defeitos das leis, as falhas da educação, as deficiencias do ensino. Mas, além de tudo isso, e talvez na raiz de tudo isso estão as reservas de saude cada vez mais fracas e mais ameaçadas, estão as diatheses, as taras, as torturas e as insufficiencias que se accumulam. A maior parte dos males do mundo vem das más tendencias e das más paixões. Ora, o predominio irrefreiado das tendencias perversas é, em grande parte, imputavel a causas anatomicas e physiologicas bem conhecidas e susceptiveis de correcção. E o influxo das paixões malignas é mais poderoso nos individuos que, por predisposições organicas e por motivos de saude, não possuem



aquella força, que é a superioridade e a gloria dos homens harmoniosos e bons, de graduar, soffrear e suavisar a violencia das rajadas que o instincto sopra.

Por tendencias perversas e por paixões malignas não devemos entender os pendores e os impulsos combativos. Batalhas de idéas, de opiniões e de crenças, encontros de sentimentos, conflictos de interesses, todos os embates, todos os remoinhos, todas as oscillações da vida collectiva são necessarias, são uteis e, pôde-se portanto dizer, são boas. Tudo no mundo e na vida é luta, é choque, é opposição, é contraste. Lutam os infusorios, as plantas, as cellulas, os povos, as raças, os continentes, os elementos. . . Só não luta o que é morto e o que apodrece. A luta é a unica expressão constante da vida, desde a irritabilidade do protozoario até o sorriso do sabio e o esplendor do heroe. E' ella que faz a alvura relumbrante das aguas batidas, a formosura robusta dos grandes vegetaes, a graça e a belleza das aves canoras, a força e o brilho das virtudes fecundas. O mal não está no impeto batalhador que pulsa dentro do homem, como dentro de todos os seres. O mal está em que o homem, tendo elle só a consciencia da fatalidade da luta, em vez de procurar sempre e sempre tornal-a mais bella, ainda em regra prefere as suas fórmulas brutas e opacas, repugnantes e estereis, com que semeia infatigavelmente pela terra a peçonha inextinguivel dos rancores inuteis e rastilhos innumeraveis de sangue e de lagrimas. Oh! essas fórmulas abominaveis de luta, das quaes a propria natureza parece querer evadir-se, suscitando as apparencias estheticas dos combates de aguias, nas alturas e na claridade, ainda conservam na sociedade dos homens os aspectos repulsivos da sanha dos lobos e das serpentes!

Porque? Perguntae-o á hygiene, á eugenia, á physio-psychologia, á psiquiatria. E' que nos temos desleixado excessivamente da infancia! Temo-nos esquecido de purificar as fontes!

Um humorista celebre, Swift, foi testemunha de uma quadra de grande miseria na Irlanda. Como muitos de seus contemporaneos, viu-se forçado a voltar a attenção para o doloroso problema. E sahiu-se afinal com uma proposta surprehendente. No tom mais calmo e mais grave que um escriptor poderia adoptar, lembrou que se supprimissem a um tempo as grandes proles dos pobres e as angustias que ellas acarretavam — matando-se e salgando-se as tenras crianças, para se exportarem sob a forma de conserva, o que não poderia deixar de constituir negocio muito remunerador.

Esta feroz brincadeira representava provavelmente uma satira disfarçada contra os espiritos frios e curtos, que timbram em abor-



dar as questões humanas pelo casco dos interesses immediatos. Nunca se escreveu nada mais cruel nem mais desconcertante, mas ao mesmo tempo mais eloquente, a demonstrar, de maneira absolutamente persuasiva, a que extremos de monstruosidade pode arrojar-se o raciocínio desgovernado do sentimento — do sentimento contra cujo dominio obscuro loucamente se insurgem os vagalumes da intelligencia orgulhosa.

Não faltou quem se indignasse com o funebre humorismo de Swift. E de certo não falta ainda hoje, nem faltará de futuro quem nelle veja um exemplo de insensibilidade moral. E', mais ou menos, a sorte de todos aquelles que um dia tiveram a desdita de revelar um recanto qualquer da infinita miseria humana, ou apenas uma maneira nova de se contemplar um velho aspecto dessa miseria. Os homens sempre tiveram a triste mania de tratar esses videntes da realidade desagradavel como apostolos do mal. Incrível a quantidade de accusações e de injurias desencadeadas sobre os economistas que primeiro tentaram isolar, concatenar e vulgarisar noções, hoje correntes, sobre a producção e a circulação da riqueza, sobre a natureza e a indole do capital, sobre o trabalho considerado como mercadoria. Tempestuosa, a chuva de apodos que cahiu sobre os que primeiro sustentaram a humildade das nossas origens biologicas. Lafontaine, por ter escripto a fabula da "Cigarra e a Formiga", em que se limitou a constatar a presença bem visivel e dolorosa do humano egoismo, é censurado a cada passo como autor de uma lição de immoralidade... Assim Swift.

Mas o que é na verdade triste é que Swift estava com a razão. O que é medonho, o que é assombroso, o que envergonha, e espanta, e abate de veras, é que o sombrio humorista não só teve, como continua a ter toda a razão. Swift, ao fundo de mais de um seculo e meio, ergue-se, lá em Dublin, na sua vasta roupagem de ecclesiastico, sob a moldura branca dos cabellos armados e cacheados, frio, inexoravel, e de lá nos arremette com uma lanceta diabolica ao mais dolorido dos nossos apostemas internos.

Ninguem pensa, na verdade, em matar crianças como leitões. Oh! a horrivel idéa!... Nós fazemos, apenas, peor. Nós deixamos que as matem varias pragas provenientes da incuria, da ignorancia e do egoismo. E' assustadora e vergonhosa, permitti que vol-o diga, a mortalidade infantil em Ribeirão Preto; como assustadora e vergonhosa é em todo este rico e prospero Estado de S. Paulo. As restantes criaturas, que vingam, contra a conspiração de tantos males, "deixamos" que vivam, como "deixamos" que morram as primeiras. Deixamos que vivam, carregadas das heranças que infanda paternidade lhes lega, esmagando-as com o castigo tremendo de culpas dos antecessores. Deixamos que vivam... Vem uma dessas



criaturinhas ao mundo já com todo um inferno potencializado dentro do seu corpinho minúsculo e tenro. Bole ali dentro, ansiando por brotar, toda uma sementeira de atrocidades: cegueira, surdez, chagas, ataques, paralyisia, allucinações, angustias, vícios, maldades, todos os legados organicos do pae avariado ou alcoolatra, da mãe nevropatha ou tuberculosa. E o desgraçadinho vive, muitas vezes, como se fosse perfeito: nenhuma prevenção, nenhum cuidado, nenhum zelo especial, nenhum correctivo opportuno. E cresce, e arrasta a sua tragedia lancinante, e deixa descendentes que continuem a desenrolar a cadeia infindavel dos condemnados sm culpa! E continuam a altear-se de mais a mais os muros das prisões, assumem vulto de cidades os manicômios, mais se reproduzem as enfermarias, mais longas e mais bulhentas se tornam as alfurjas do vicio em pleno coração das cidades, e essas gehenas refervem de angustias, de desesperos, de lentas agonias. Ahi padecem os miseraveis condemnados do nosso desleixo, do nosso egoismo, da nossa dureza, da nossa ferocidade, ahi se estorcem como vermes, atascados em maldição e horror, — e nós passamos ao lado sorrindo, e nós passamos ao lado cantando, dansando, tagarelando, traficando, quiçá muito satisfeitos de termos essas vastissimas penitenciarias, esses enormes hospitaes, esses grandiosos manicômios, esses imensos monumentos do inenarravel soffrimento humano... Será isto acaso um quadro menos horrivel que o horrivel açougue ideado por Swift?

Não. O açougue horrorisa-nos e revolta-nos, porque nos impressiona pelos sentidos. O horror que se vê ou que se imagina ver é muito mais forte do que aquelle que só nos podemos representar com algum esforço de pensamento. Tal scena dos "Espectros" de Ibsen ou do "Macbeth" de Shakespear, tal pagina do "Crime e Castigo" de Dostoiewski ou do "Giovanni Episcopo" de D'Annunzio nos fazem estremecer de sincero desgosto, de pavor profundo ou de abatida tristeza. Entretanto, em redor de nós perpassam os Roskolnikoff e os Oswalds de carne e osso, em redor de nós desfila e ondeia a ronda lamentavel e burlesca dos bonecos disformes que a Vida agita, joga uns contra os outros, abóla, machuca, esventra, esfarrapa e dispersa, — e essa "selva selvaggia" de tragedias quotidianas se arrepella em torno de nós, e nós a contemplamos como se fosse o molle ondular de um vasto jardim tranquillo sob a caricia de um vento brincalhão! E' que lhe faltam, a esse tragico anonymo e vulgar, de que apenas pequenissima parte transparece das rapidas e apagadas noticias da imprensa, aquellas sensações fulgurantes do gesto dantesco, da côr demudada, da voz que urra ou que regouga, dos dentes que rangem, dos olhos



que relampejam fora das orbitas. O que nos commove, na realidade, e em regra, não é a dor, mas a sua expressão...

As crianças, porém, que devem merecer a nossa atenção e o nosso carinho não são apenas as taradas e as imperfeitas. Ha a grande multidão das que vêm ao mundo com as condições anatomicas e physiologicas para viver com saude e em paz, mas a quem a penuria, o desleixo, a ignorancia e a maldade de parentes e de estranhos acabam por tornar nunç serezinhos enfezados, enfermiços, gebos, tortos, indolentes, malignos, cheios de carepas e de mazellas no corpo e na alma.

Não se pode decidir qual seja mais dolorosa: se a desgraça daquelles que já vêm ao mundo destinados a expiar culpas que não commetteram, se a daquelles que chegam talhados para os sorrisos da saude e da força, do trabalho e da bondade, e entretanto se corrompem, irremediavelmente, como frutos que apodrecem antes de amadurar. Se, porém, não se sabe qual seja mais doloroso, pode-se bem verificar em qual dos casos nos cabe a culpa mais grave. O caso das crianças taradas não se pode, ou, melhor, não se "deve" considerar insolúvel, mas é de uma complexidade temerosa: depende tanto dos esforços conjugados do biologista, do hygienista e do clinico, quanto dos do legislador, do governante e dos conductores espirituaes da massa, e quer para uns, quer para os outros, se apresenta inçado de difficuldade theoricas, sitiado de difficuldades praticas. O caso das criaturas sadias é muito outro. A perda desses elementos inapreciaveis de ordem, de producção, de bem estar e de adiamento social só pode ser levada á conta de criminosa indiferença, de indesculpavel, de selvagem, de indigno relaxamento.

Consoante um dito de Spencer, não é decente que, numa sociedade onde se gastam fortunas para introduzir melhoramentos em raças de porcos e de bois, nada se faça, nada se tente, nada se deseje ao menos fazer, de veras, em prol do melhoramento do homem. Menos decente, porém, é ainda que, numa sociedade onde se esgotam rios de dinheiro com mil coisas inuteis e mil doidices nocivas, haja serezinhos humanos, sem culpa de terem sido chamados á vida, que se tornam mofinos e tristes, e têm todas as possibilidades felizes do seu futuro comprometidas, não raro irremediavelmente, apenas por falta de uma alimentação regular e sadia e por falta de alguns cuidados hygienicos elementares.

Aqui já não ha difficuldades a resolver, não ha complexidades a deslindar, não ha opposições a combater; aqui não ha senão, unicamente, em toda a sua esbagachada insolencia, o egoismo cego e surdo ao soffrimento alheio. Gastam-se milhares de contos em sedas, em joias, em carruagens, em plumas, em flores, para gozar o



prazer de uma temporada lyrica, e aferrolham-se com zelo feroz as migalhas que proporcionariam o spectaculo mil vezes mais lindo de uma immensa guirlanda de crianças esbeltas, rosadas e gentis a entrarem no "palco" de vida em rondas joviaes, na eurythmia da saude, enchendo o ar da musica ineffavel das suas risadas. Fundem-se em ignobeis licenciosidades carnavalescas, todos os annos, apenas para se inflingir a nossos filhos uma lição colossal de insensatez, de immoralidade e de mau gosto, fortunas que dariam para se fundar e custear, em cada uma das nossas capitaes, um estabelecimento grandioso e modelar de puericultura integral, com edificios proprios, com jardins, com campos, com thermas, com leitaria, com pharmacia, com laboratorios, com creches, com escolas, com batalhões de medicos, de enfermeiros, de mestres e de empregados.

Em compensação, crianças ha, nem porisso mais felizes, que se divertem embezerradas com grandes brinquedos que são almanjarras e cujo preço em dinheiro proporcionaria alimentação a varias familias famelicis durante um anno. Mas, ainda temos peor do que isso: temos a suprema nodoa desta nossa civilização de tinturaria, temos ahi mães obrigadas a venderem o leite que pertence a seus filhos, para que a estes não falem duas bananas cozidas ou um pires de caldo de feijão...

Oh! o açougue de Swift era realmente horripilante — mas não submettia as criancinhas á tortura lenta, nem continuava a torturar-as depois pela vida; nem, ainda, deixava canalisarem-se para a torrente social os alfobres empestados da miseria economica, da miseria physica e da miseria espirital. Era feroz, mas logico. Ao passo que nós, com o nosso profundo horror á crueldade, nós candidamente permittimos que a crueldade exista, que impere e viceje, que esmague e triture cada vez maior numero de nossos irmãos, e comprometta ao mesmo tempo os mais elementares e mais sagrados interesses humanos.

De alguns annos a esta parte, intensificaram-se notavelmente as manifestações da opinião publica em favor do ensino primario. Todos os que têm voz activa, ou apenas voz, no concerto das publicas aspirações, entraram a clamar contra a chaga do analphabetismo e a reclamar escolas. E' justo reconhecer, como contrabalanco aos exaggeros dos que não querem sequer admittir o facto objectivo da existencia de uma opinião publica no Brasil, que este movimento não se limita ás avançadas de alguns precursores superiormente dotados, é já o impulso uniforme e imperioso de um desejo definido, que se pode dizer commum á totalidade da nossa população educada.



Entre aquelles que assiduamente se têm encarregado de entreter a attenção publica em torno do assumpto, cabe-me a honra de um pequeniño e modesto lugar: ha varios annos que este é um dos themas obrigatorios das minhas frioleiras inocuas de jornalista. Nem por muito escrever e, portanto, muito reflectir no problema, o meu enthusiasmo de convencido se adelgaçou ainda. Comtudo, sinto-me bem longe de acompanhar os espiritos imaginosos e ardentes que vêm na disseminação do alphabeto uma especie de panacéa para as varias molestias de que adocece a nação brasileira.

O alphabeto disseminado trará vantagens positivas e solidas, já de si bem consideraveis, para que precisemos fantasiar outras tantas. As vantagens consistem, principalmente (opinião que não expriimo pela primeira vez) em pôr-se a população nativa, senão em perfeito pé de igualdade com a que vem de fóra, ao menos em condições que não sejam, como até aqui, de absoluta inferioridade. Trata-se de não permittir que o grosso da nossa gente continue a ser submergido e esmagado pelas ondas de povos mais fortes, mais energicos, mais afiados para a luta, cheios de justas ambições de bem estar e de justificaveis ideaes que lhes são proprios, a desaguardem nas varias porções do territorio nacional. A unidade e a cohesão brasileira dependem das forças latentes na massa da antiga população indigena, e essas forças nunca poderão desenvolver-se convenientemente sob o regimen de obscurantismo em que ella tem vivido. A luta contra o analfabetismo é antes e acima de tudo uma questão de urgente interesse nacional. E, sendo acima de tudo uma questão de interesse nacional, este é que deve predominar em todas as soluções que se proponham; e assim todas as soluções razoaveis hão de receber d'elle, e não de outra parte, as determinantes especiaes da sua oportunidade, extensão, formas e maneiras.

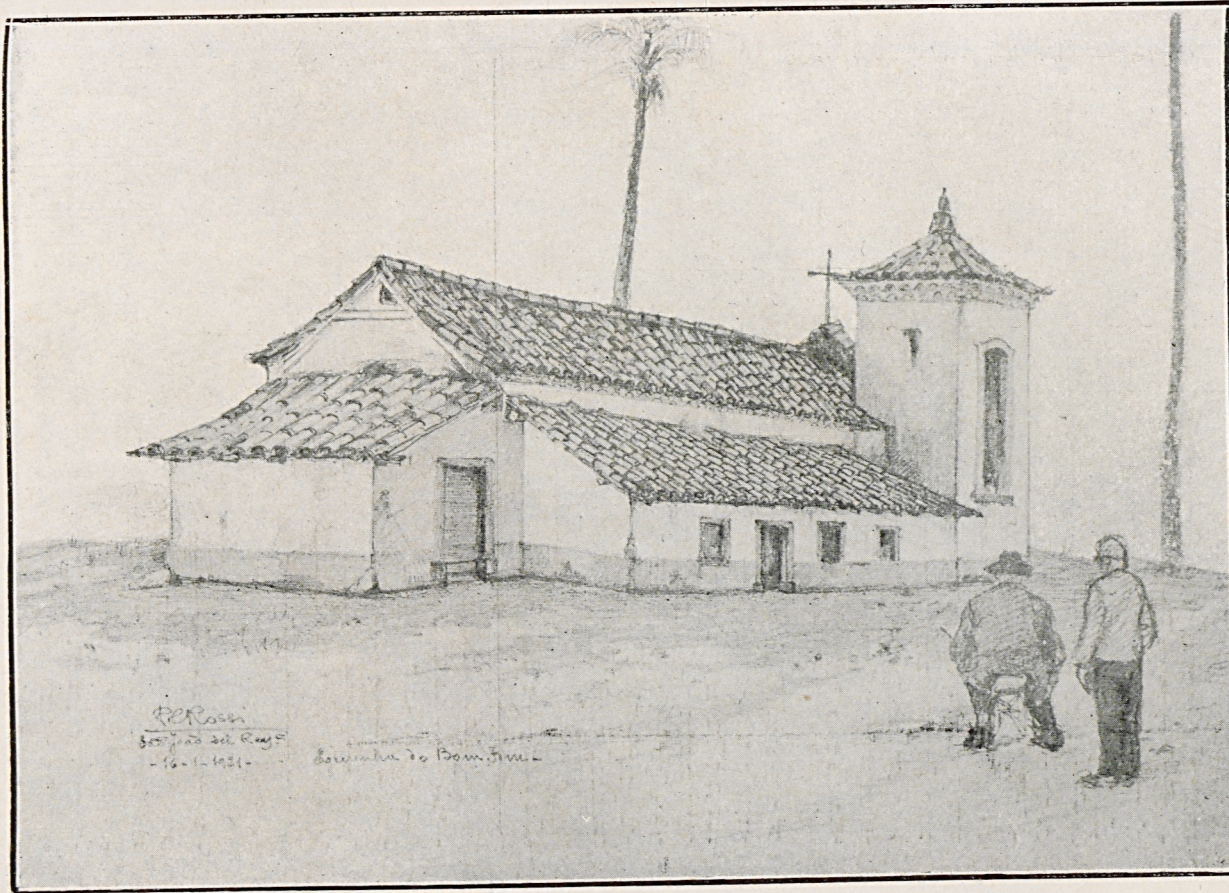
Não fossem esses interesses, e não sei se valeria a pena que o governo estivesse a empregar tanto e tão bem intencionado esforço, para que se espalhem mais depressa as luzes do A-B-C através de montes e valles. Em these, sob o ponto de vista moral, o menos que se póde dizer é que o alphabeto não tem virtude nenhuma propria, não é bom nem é mau, póde ser mau e pode ser bom, conforme o individuo que d'elle se utiliza e conforme a sociedade onde elle se derrama. E' uma arma para a luta da vida — eis o que é indiscutivel. Essa arma, porém, não tem forma nem destino preciso; pode ser a nobre espada dos caracteres dignos de carregar uma espada, pode ser uma anavalha ignobil, e pode ser uma infame gazúa.

O alphabeto prolonga o homem com as suas qualidades boas e más; mas como o numero das más qualidades é infinitamente superior ao das boas, o alphabeto, fatalmente, desdobra por multiplos espantosos a capacidade malfazeja de cada individuo. O



cm
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16

unesp



PAULO ROSSI — Igrejinha em S. João d'El-Rey, Minas.



PAULO ROSSI — Igreja do Rosario, Ouro Preto.

alfabeto, mais do que qualquer outra coisa, faz do homem aquillo que Guerra Junqueiro define: "a fera dilatada". Uma hyena só nos pode fazer mal desde alguns passos de distancia: um homem physicamente inoffensivo e moralmente aleijado, pode, sósinho, pequenino, enfermicho e triste, espalhar a leguas de si catadupas de malfetorias e de angustias.

O alfabeto derramado ás cegas operou transposições ineditas do instincto de destruição. A historia regista casos de homens poderosos que, por desfastio, não tendo outra coisa que fazer, matavam transeuntes a bala para provar a sua pontaria, ou faziam que soldados se despenhassem do alto de muralhas, para provar o seu poder. Hoje, são sem conto os simples e democratissimos cidadãos, entusiastas de "todas as liberdades", como se diz, os quaes, achando-se um pouco enervados com a monotonia da vida, se proporcionam a diversão de um inopinado arremesso vitriolico de injurias e de calumnias contra o primeiro que passa, tranquillo e sorridente, respirando a serenidade confiante do homem que está em paz com a sua consciencia!

Devemos, então, renunciar á luta contra o analphabetismo? Não. O alfabeto é de todo em todo impotente para melhorar os homens, mas isto não quer dizer que seja inutil. Tambem não está provado que a carne secca e o feijão mulatinho melhorem a humanidade, e comtudo ninguem dirá que sejam inuteis... O alfabeto, hoje, é um genero de primeira necessidade. Não se discute: aceita-se, propaga-se. E' indispensavel.

Mas, já que essa campanha é indispensavel, e nem sequer devemos mais discutil-a, porque toda discussão sobre este assumpto é esteril e ociosa, é mister que ao lado della, antes della, tratemos, com toda a sinceridade, de promover os meios realmente capazes de trazer algum progresso. Esses meios, quaes podem ser elles? Se o soubessemos, o melhoramento humano já não seria um problema. Mas, entre todos os meios possiveis, se alguns ha que pareçam basicos, acima de quaesquer duvidas, esses não são senão os fornecidos pela hygiene, pela medicina e pela eugenia. Só o melhoramento physico do homem poderá trazer um real e definitivo melhoramento moral da especie.

Mas, entendamo-nos. Isto não quer dizer que devemos concordar com certos fanaticos, para os quaes toda a educação parece resumir-se numa sorte de zootechnia humana e a moral deve substituir o principio abstracto pela intervenção cirurgica ou pela injeccão, o preceito pelo purgante ou pelo revulsivo, o conselho pela gymnastica ou pela ducha. Não: aquillo quer dizer apenas, e modestamente, que, se deveras desejamos assistir a algum progresso genuino, devemos tratar de purificar as fontes da vida e de fornecer aos educadores e aos guias espirituaes da sociedade a



materia ductil, fina e selecta em que possam plasmar individualidades mais solidas e mais harmoniosas do que aquellas que até aqui temos tido.

José Bonifacio, o velho, notou, com perspicacia, que nós temos a particularidade de detestar "novidades de pratica", mas abraçamos logo "as especulativas, sejam quaes forem". Grande verdade. E' claro o nosso pendor para fazer fogos de artifício de phrases e para agitar idéas no vacuo; e, em regra, nos servimos, nesses exercicios, das ultimas novidades estrangeiras que os livros, os jornaes, ou o proprio telegrapho nos transmite. Não menos clara é a nossa incapacidade, pode-se dizer, com pouco exaggero, absoluta, para avançar até as consequencias praticas que nossas pretensas convicções pareceriam tornar imprescindiveis.

Que quer dizer isto? Quer dizer que, na realidade, não costumamos ter convicções. A convicção real tende ao acto, como a agua tende a deslizar, levada pelo proprio peso; manifesta-se, como luz através de um corpo transparente, nas attitudes predominantes e nas actividades habituaes do individuo. Nós temos o vicio barbaro de brincar com as idéas, recusando comprehender que as idéas não são propriamente coisas de passatempo e de brincadeira. Enfeitamo-nos com ellas, de passagem, segundo a moda, ou o capricho, — mais ou menos como o selvagem que se adorna com as misangas e os botões, as pedras preciosas e os cacos de vidro que encontra por entre despojos de naufragos dados á costa, sem admitir que nada disso lhe possa trazer a minima especie de compromisso.

E' tempo de reagirmos contra essas enfermidades do nosso espirito. Mas, para que a reacção se opere (ella deve operar-se por si mesma) nada melhor do que o effeito sereno e maravilhoso de um grande exemplo. Mais do que todos os tratados, todas as dissertações, todos os livros, todos os discursos, debates e parlendas, valeria a irradiação de um bello e imponente exemplo concreto.

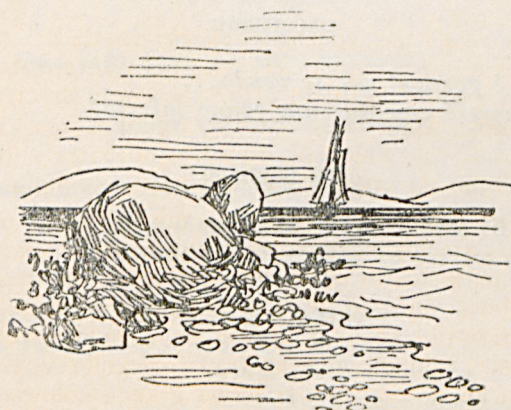
Se houvesse, no Brasil, uma localidade, uma só, onde, pela acção de uma elite esclarecida e generosa, se procurasse dar solução pratica e intelligente aos problemas de hygiene social mais graves e mais incommodos, onde se tomasse a decisão inflexivel de combater nos seus proprios antros a ignorancia, o vicio, a vadiagem, a doença, a miseria, a imprevidencia, transformando-se a povoação irrequieta, desigual e desordenada numa grande colmeia operosa, pacifica e satisfeita, — essa localidade poderia ser, seria sem duvida o ponto de partida de uma era nova para todo o paiz, e ficaria brilhando na historia do continente de um brilho incomparavel, capaz de fazer empallidecer constellações inteiras de velhas

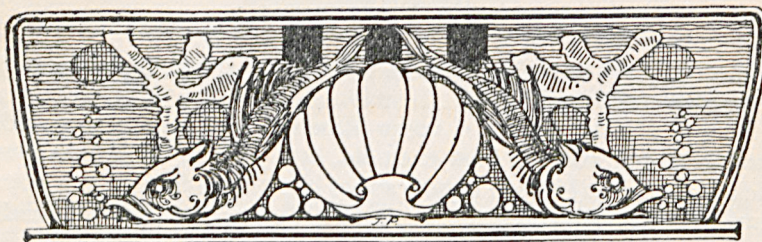


glorias! E, com tudo isso, apenas teria feito, afinal, uma boa obra de egoísmo esclarecido.

Porque não ha de ser o vosso Ribeirão Preto essa localidade venturosa, esse fóco do bom exemplo, esse modelo magnifico, esse iniciador glorioso? Desde alguns annos que esta cidade goza a justa fama de ser no Estado de S. Paulo uma das mais avançadas, sendo ha já muito tempo uma das mais prosperas. Tudo lhe indica o papel preponderante e admiravel que se acaba de esboçar.

E, para começar pelo melhor e pelo mais facil, tome a cidade sob a sua guarda, como coisa sua, como a mais preciosa das suas joias, este instituto benemerito. Nada poupe, nada negue, nada retarde, em se tratando de ampliar, de aperfeiçoar e de embellezar essa casa. Cresça ella em grandeza e em esplendor! Embebam-se as suas fundações muito a dentro deste solo, ergam-se as suas flechas ás maiores alturas no espaço, deite ella ramificações que abracem todos os poderes politicos e sociaes da cidade e entrem por todos os lares e avancem por fabricas e fazendas, e emfim — arvore magnifica, sempre verde — tire de toda a parte alentos de vida e por toda a parte derrame os beneficios da sua exuberancia feliz! Que á sua sombra se abrigue um dia toda a infancia desta terra, cantando e rindo, e seja toda essa infancia que ri e canta de concerto, na alegria da saude, da paz e da bondade, a maior das riquezas, a suprema ventura e a ufanía mais justa da cidade, tornada opulenta, sabia e dominadora pelo bem que fez.





MARIA MAGDALENA

POR BAPTISTA CEPellos (*)

SCENA III

(OS MESMOS, OS SOLDADOS, O POVO)

UM SOLDADO (agitando uma tunica)

*A tunica do rei! bella fazenda!
Que se deve fazer deste objecto?*

UM JUDEU

*Isto não é possível que se venda...
Quem quererá comprar um panno infecto?*

UM SOLDADO

*Cala-te! E' uma reliquia, uma lembrança,
Que bem merece as honras de um museu...*

OUTRO SOLDADO

*Ergamol-a na ponta desta lança...
Assim... Quanto me dão?*

O JUDEU

Nada.

O PHARISEU

Nem eu.

PRIMEIRO SOLDADO

*Aqui temos ainda o sceptro e a capa.
Podem examinar. Valem dinheiro...*

O JUDEU

*Homem, pareces um ladrão de chapa:
O defunto ha de ter algum herdeiro.*

PRIMEIRO SOLDADO

*Os descendentes de um monarcha forte
Não necessitam de miserias taes.*

(Pondo a capa ao hombro)

*Isto me calha bem, Bonito córte!
Vejo que tenho propensões reaes...*

(Batendo na testa)

Tenho uma idéa aqui, no meu bestunto!

todos (approximando-se)

Tens uma idéa? Desembuxa-a logo!

PRIMEIRO SOLDADO

*E' isto: a sorte que resolva o assumpto:
Olhem, vamos lançar tudo isto ao jogo!*

*(Os soldados estendem os capotes e preparam
os dados para o jogo.*

*Começa a escurecer. Uma mulher vem correndo
dos lados da cruz).*

SCENA IV

OS MESMOS, A MULHER

*Vinde depressa, vinde e vêde!
Jesus gritou: "Eu tenho sede!"
Mas um soldado foi cruel:
Para matar-lhe a sede louca,
Por malvadez levou-lhe á bocca,
Que coração! vinagre e fel!*

UM PHARISEU

*Si elle não fosse um trapaceiro,
Mas sim o Christo verdadeiro,
Os anjos seus, entre laureis,
Cortando o azul do firmamento,
Iriam dar-lhe do alimento
Que outr'ora deram a Moysés.*

A MULHER

*Depois, clamando por Elias,
Todos fizeram zombarias.*

O PHARISEU

E elle ficou furioso, não?

A MULHER

*Elle somente ergueu a fronte,
Cravou os olhos no horizonte
E proferiu o seu perdão.*

O PHARISEU (ironico)

*Que vá bebendo o seu vinagre,
Ou que o transforme, por milagre,
No melhor vinho que puder.
Si foi um sabio sem estudos,
Si deu a voz a tantos mudos,
Está soffrendo porque quer.*

UM JUDEU

*Elle curou-me. Eu era cego.
Que seja Deus, porém, eu nego:
E' porque eu tinha de sarar.*

OUTRO JUDEU

*Eu era mudo, Elle curou-me.
Mas a memoria de seu nome
Póde este vento carregar.*

O PHARISEU

*Eu não podia dar um passo.
Elle curou-me a perna e o braço
E agora eu posso até correr.*

A MULHER

E tens piedade?

O PHARISEU

*Só por isto?
Si elle não fosse um falso Christo,
Estava livre de morrer!*

UM VELHO

*A minha filha estava morta
E, mal Jesus transpoz-me a porta,
Abriu as palpebras lirias.
Hoje elle morre. E' muito justo.
Quiz derrubar o templo augusto
Que levantaram nossos paes.*

TODOS (em altos brados)

*Morra Jesus! morra o falsante!
Não viva mais nem um instante!
Despedacemol-o na cruz!
Que o sol da Paschoa, desejado,*



*Não allunie um condemnado.
Morra Jesus! Morra Jesus!*

(Neste momento apparece Maria Magdalena transfigurada por uma dôr immensa).

SCENA V

(OS MESMOS, MAGDALENA)

MAGDALENA

*Que vejo?! Não será tudo isto um sonho horrivel?
Estou louca de certo: isto não é possivel!*

(Encarando um judeu)

Contra quem gritas tu, ingrato coração?

O JUDEU

Grito contra Jesus, propheta charlatão!

MAGDALENA

Eu te conheço bem, alma de fera bruta!

O JUDEU

Eu tambem te conheço: és uma prostituta!

MAGDALENA

*Maldito sejas tu e o dia em que Jesus
Tocou nos olhos teus, abrindo-os para a luz!
Eras cego e infeliz. Solicitando esmola,
Ias de casa em casa, estendendo a saccola,
Repelliam-te os cães, num ladrido feroz,
Mal ouviam de longe o som de tua voz;
E, em meio ao recruzar de chufas e pedradas,*

*Seguias, cambaleando, através das estradas.
Dormias sobre a relva, aos orvalhos do céu,
Cujo fundo lembrava o teu roto chapéu...
Teu corpo não gozou a brandura dos leitos,
Mas tua alma sentiu a dureza dos peitos!
Até que um certo dia encontraste o Rabbi
E elle, vendo-te assim, teve pena de ti...*

UM PHARISEU

Morra Jesus!

MAGDALENA (encarando-o)

*Oh! tu tambem, tu, que eras mudo
E elle curou?!*

O PHARISEU

Tambem! A patria antes de tudo!

MAGDALENA

*E foi para accusal-o, arrogante e feroz,
Que elle te restituiu, miseravel, a voz?*

O PHARISEU

*Olha quem quer falar! Vai grangear tua vida!
Não acceito lições de uma mulher perdida!*

MUITAS VOZES

*Morra o phopheta-rei! Morra o falso Jesus!
Abreviemos-lhe a morte, insultando-o na cruz!*

MAGDALENA (arreatadamente)

*Matai-o de uma vez! Que morra no abandono!
As pedras que atiraes lhe bastam para o throno!
Elle um reino sonhou e sonhou promulgar
Um codigo de leis feitas do verbo amar.
Aos enfermos de corpo — elle foi lenitivo!
Aos famintos de amor — elle foi o pão vivo!*

*E agora vai morrer! Matai-o de uma vez,
Pagando pelo mal o bem que elle vos fez!*

DIVERSOS JUDEUS (indignados)

*Cala essa bocca, vil! Tua fala é irritante!
Escarneo de mulher! Esta foi sua amante!*

MAGDALENA

*Sua amante não fui! Amal-o bem o quiz!
Quizesse elle me ouvir, talvez fosse feliz!
Amar a humanidade, attrahir estas feras,
E' o mesmo que semear um campo de chimeras!
Antes o bom Jesus, ouvindo os rogos meus,
Esquecesse a Missão e supplicasse a Deus,
Um destino melhor, num recanto tranquillo,
Onde os homens jamais alcançassem feril-o
E elle pudesse ouvir, no instante de morrer,
Bem junto de seu peito outro peito bater...*

UM VELHO JUDEU

*Que medonho trovão e que horizontes torvos!
Vamos! Adeus, Jesus! Recommendo-te aos corvos!*

*(Vai sahindo, acompanhado pelo povo, entre ri-
sadas e gritarias. Começa a escurecer. Relampagos,
seguidos de trovões, allumiam a scena).*

MAGDALENA (sublime de dôr, enquanto a turba
vai passando)

*Ide todos em paz! Eu permanço aqui.
Nos labios de Jesus nunca um beijo colhi;
Mas hoje sei que o amor, que eu julgava um delirio,
Póde ter a brancura impeccavel de um lirio:
Por isso, eu que rolei no prazer mundanal
O meu seio hei de abrir, como se abre um pombal,
E semear pelo mundo a esperança que encerra
Aquelle grande amor que Elle sonhou na Terra!*

(Cae o panno)

FIM





POR ARTHUR MOTTA

FRANCISCO OCTAVIANO

(Patrono da cadeira n. 13. Nasceu no Rio de Janeiro, a 26 de Junho de 1825, e falleceu na mesma cidade, em 28 de Maio de 1889).

BIBLIOGRAPHIA

- * 1 INTELLIGENCIA DO ACTO ADDICIONAL, na parte relativa ás assembléas provinciaes — 33 pgs. in 4.º, Rio 1857 (escripto por incumbencia do governo). Possui a obra na edição de 1869, juntamente com as "Assembléas Provinciaes".
- * 2 CARTA E TRADUÇÃO DO SONHO DE BYRON — como introdução ás "Traduções poeticas" de Francisco José Pinheiro Guimarães — 636 pgs. — Rio, Typ Universal de Laemmert — 1863.
- * 3 AS ASSEMBLÉAS PROVINCIAES ou collecção das le's, decretos, avisos, ordens e consultas que se têm expedido acerca das attribuições e actos de taes corporações, següida de um trabalho em ordem alphabetica, feito por ordem do governo. Edição annotada por J. M. Pereira de Vasconcellos (contem a "Intelligencia do acto adicional") — 114 pgs. — Rio, Ed. e Henrique Laemmert — 1869. Ha 2.ª edição de 1871.
- * 4 O TRATADO DA TRIPLICE ALLIANÇA — discurso do senador na sessão de 13-7-1870 — 34 pgs. in 8.º — Rio, 1870.



- * 5 NEVE A DESCOALHAR — introdução ao volume de versos "Vãos icários" do dr. Rozendo Moniz Barreto — XXXII, 398 pgs. Rio, Imperial Instituto Artístico — 1872.
- 6 INTRODUÇÃO aos "Estudos e commentarios da reforma eleitoral" do Conselheiro Tito Franco de Almeida.
- * 7 CANTOS DE SELMA — com uma carta de Salvador de Mendonça a José de Alencar — poesias — edição de 7 exemplares publicados para D. Eponina Octaviano, F. Octaviano, J. de Alencar, Eduardo de Andrada Pinto, Salvador de Mendonça, Luiz Barbosa, e Henrique Brown — Rio, Typ. da Republica — 1872. Possui a edição da "Lyra Popular" de Quaresma & Cia., sem o prefacio e a da Revista da Academia Brasileira de Letras, n. 2 de 1910.
- 8 TRADUÇÕES E POESIAS de F. Octaviano, publicadas pelo dr. Amorim Carvalho — 44 pgs. in 8.º — Rio, 1881 (edição de 50 exemplares).
- * 9 POESIAS, contidas na "Lyra Popular" de Quaresma & Cia. (25 produções, têm dos 'Cantos de Selma") 2.ª edição, Rio, Livraria do Povo — Quaresma & Cia. — 1906.
- 10 QUESTÃO MILITAR — discursos proferidos no Senado e na Camara dos Deputados pelos snrs. Barão de Cotegipe, Saraiva, F. Octaviano, Affonso Celso e Silveira Martins — Rio, 1887.

A sua principal acção foi exercida no jornalismo. Escreveu na *Sentinella da Monarchia*; *Gazeta Official* do Imperio do Brasil (Rio, 1846-1848, 5 vols.); *Jornal do Commercio*: Da instrucção publica no Imperio do Brasil (serie de artigos) 1851. Escreveu tambem anteriormente sobre a administração e outros assumptos; *Semana* (revista hebdomadaria); *Gazeta da Instrucção Publica* (Nietheroy 1851-1852); *Correio Mercantil*, órgão do partido liberal que começou a redigir em 1854; *Tribuna Liberal*; *Reforma*. Collaborou na *Violeta* (1848), jornal litterario dedicado ás senhoras paulistas; no *Cruzeiro do Sul*, periodico academico de S. Paulo (1848): "O ultimo canto de Childe Harold" de Byron, traducção primorosa; *Gazeta da Tarde* (21-7-1881): O proscripto, poesia de Jean Carlos Gomes (?) (informe de Sacramento Blake).

No "Mosaico poetico" de Emilio Adet e J. Norberto foram incluidas a elegia "Imitação de Parny", as poesias "Sonho", "Ausencia", offerecidas a Joaquim Norberto de Souza e Silva, e a canção "Adeus á vida"; no "Florilegio da infancia" de J. R. da F. Jordão estão a ode a Martim Francisco Ribeiro de Andrada e a canção "Adeus á vida"; ha produções poeticas no "Parnaso brasileiro" de Mello Moraes Filho, nas "Paginas de ouro da poesia brasileira", de A. de Oliveira; "Thesouro poetico brasileiro" de O. Duque-Estrada; "Anthologia Brasileira" de Eugenio Werneck; n.º 15 da "Revista da Academia" etc.

Encontra-se o seu retrato na "Lyra Popular", "Anthologia Brasileira" de Eugenio Werneck e em avulso.

FONTES PARA O ESTUDO CRITICO

- 1 Sylvio Romero — Estudos de literatura contemporanea, pg. 109.
- " " — Historia da Literatura Brasileira, II, pg. 112.
- " " e João Ribeiro — Compendio de Literatura Brasileira, pg. 132.
- 2 José Verissimo — Historia da Literatura Brasileira, pg. 312.
- 3 Souza Bandeira — Discurso n. 3 da Revista da Academia Brasileira de Letras.
- 4 Gama Rosa — Sociologia e esthetica, pg. 239.
- 5 Albino Santos Pereira — Typos politicos.
- 6 Sacramento Blake — Diccionario bibliographico.
- 7 Teixeira de Mello — Ephemerides nacionaes, 24-5-1867, pg. 330.
- 8 Eugenio Werneck — Anthologia brasileira.
- 9 Joaquim Nabuco — Um estadista do imperio.



- 10 Pereira da Silva — Memórias do meu tempo.
11 Lery dos Santos — Pantheon Fluminense.
12 Barão do Rio Branco — Ephemerides brasileiras.

NOTICIA BIOGRAPHICA E SUBSIDIOS PARA UM ESTUDO CRITICO

Em nosso paiz, principalmente durante a phase do segundo imperio, muitas vocações literarias foram absorvidas pela politica, que exerce sobre os homens poderosa atracção.

Francisco Octaviano não escapou á seducção da “infecunda Messalina, que de seus braços convulsos pelo hysterismo a ninguem deixa sair senão quebrantado e inutil”, segundo as proprias expressões, no prefacio aos “Vãos Icarios” de Rozendo Moniz Barretto. “Veio-me ao encontro, arrastou-me para suas orgias e, com as emoções e fadigas, me arredou das boas lettras, despenhando-me do céu da poesia na terra calcinada do jornalismo de partido”.

Nasceu Francisco Octaviano de Almeida Rosa na cidade do Rio de Janeiro, aos 26 de Junho de 1825, filho do dr. Octaviano Maria Rosa (medico) e de D. Joanna de Almeida Rosa. Recebeu esmerada educação e estudou varias linguas, destacando-se-lhe o aperfeiçoamento em inglez e latim.

O estudo da mathematica fel-o, sob os cuidados de José de Souza Corrêa, no 1.º anno da Escola de Marinha.

Quasi foi para a Escossia estudar sciencias naturaes e cirurgia, sob a orientação competente de um professor de Edimburgo; mas os carinhos paternaes não consentiram na longa separação.

O progenitor, medico illustrado, inculiu-lhe o gosto pela leitura dos classicos portuguezes, italianos e inglezes. Mais tarde inicou-se no estudo da litteratura franceza e, depois de formado, estudou o idioma de Homero.

Com 16 annos incompletos matriculou-se na Faculdade de Direito de S. Paulo, onde concluiu o curso juridico em 1845.

Durante a phase academica escreveu varias poesias, originaes algumas e outras traducções de Byron, Shakspeare e Ossian, introduzindo, com Alvares de Azevedo, o influxo *byroniano* na poesia brasileira, até então sob a influencia de Lamartine e outros poetas francezes e portuguezes. Datam desse período a ode a Martim Francisco R. de Andrada (1841), “A ausencia”, dedicada a Joaquim Norberto, “Adeus á vida”, “Salve Rainha” e algumas traducções do “Childe Harold” e “D. Juan” de Byron.

José de Alencar refere-se aos effeitos produzidos pelas poesias e pela escolhida bibliotheca de Francisco Octaviano, sobre o espirito dos estudantes, principalmente dos *calouros*.



As suas producções poeticas foram sempre escassas, a não se admittir que fossem muitas perdidas em um naufragio, como se disse vagamente, sem as necessarias provas. Nunca se distinguio pela fertilidade nesse genero; escrevia de vez em quando uma poesia ou compunha uma traducção para jornal, revista ou album de pessoa amiga.

Temperamento de sybarita e alma de estheta, possuia o requinte do goso na arte, com sobriedade, saboreando aos poucos ou simplesmente prelibando emoções a transmittir.

Era inspirado e possuia a delicadeza de tons e imagens.

O seu lyrismo era subordinado a desvendar os mysterios da alma, com delicadeza e gracilidade, na fórma e nas ideias. Distinguia-se pelo caracter subjectivo e sentimento epicurista, mas revestia-se de ternura algumas vezes, como na poesia escripta em Buenos Aires. O celebre soneto "Morrer... dormir..." apresenta accentuado caracter pessimista.

As suas producções andam esparsas, sem a devida classificacão. Apenas se conhecem as collectaneas feitas pelo dr. Amorim Carvalho, sob a epigraphe "Traducções e poesias"; a de Quaresma na "Lyra Popular" e os "Cantos de Selma", de que a "Revista da Academia de Letras" fez a reproducção no 2.º numero de 1910. Agora a mesma Revista está collegindo a sua producção, a partir do n. 15, sob o titulo "Poesias esparsas de F. Octaviano".

Traduziu tambem versos de Shelley, A. Musset, Dumas e Uhland, manifestando predilecção pelos poetas extravagantes e originaes, como Baudelaire, Heine e João Paulo Richter, alem de Byron.

Ao regressar diplomado ao Rio de Janeiro, devotou-se ao jornalismo, como ccllaborador da *Sentinella da Monarchia*.

Escreveu de 1846 a 1848, a convite de Sinimbú, na *Gazeta Official*, até ser nomeado secretario da provincia do Rio de Janeiro, cargo em que se conservou até ser eleito para a legislatura de 1853.

Distinguiu-se como jornalista elegante, sobrio na linguagem, incisivo na argumentação, com simplicidade de estylo e artigos breves e concisos.

Era a sua feição caracteristica, embora dissesse Sylvio Romero que "o poeta fluminense não foi um jornalista por vocação; fez caminho pela imprensa, como necessidade politica".

São do mesmo critico esses conceitos: "Elle era um homem calmo, de trato ameno, palestrador engenhoso, fluente, gostosamente, deliciosamente *entraînant*, ao que referem os seus intimos".

"Creio bem que assim fosse; era um espirito de feições classicas, proprio para ter vivido em Pariz, no seculo XVII. Não era homem do nosso tempo com suas luctas e suas durezas. De resto foi meticoloso e indeciso; natureza essencialmente sceptica".

Recusou duas vezes a nomeação para a presidencia de provincia e, enquanto deputado, escreveu no *Jornal do Commercio*, onde creou o folhetim "Semana", e escreveu varios artigos, até assumir a direcção



do *Correio Mercantil*, em 1854, para defender a politica do Marquez do Paraná.

Modelos de atticismo do polemista e de envergadura do jornalista transmite-nos Joaquim Nabuco no segundo volume de "Um estadista do Imperio", reproduzindo varios trechos de seus artigos, inclusive aquelles em que salienta a funcção da imprensa nos partidos politicos e reclama a inclusão dos moços nos ministerios.

Alem de jornalista emerito, era Octaviano um orador elegante e discreto; excellente argumentador, calmo na exposiçãõ dos assumptos e extremamente cortez.

Foi deputado de 1853 até 1867, anno em que entrou para o Senado.

Quando foi recusado pelo Imperador o convenio de 20 de Fevereiro de 1864, recebeu F. Octaviano, do gabinete Furtado, a espinhosa incumbencia de substituir o conselheiro Paranhos na missãõ do Rio da Prata, para onde seguiu em Março de 1865, levando instrucções precisas. Ahi conseguiu o tratado da triplice a'liança, revelou sagacidade diplomatica e muito tino, o nosso ministro plenipotenciario.

Mais de uma vez o politico liberal recusou a pasta de ministro a elle offerecida, preferindo manter-se na attitude de mentor ou chefe politico, considerado como fraco, pela condescendencia revelada para com os adversarios e falta de energia no commando.

Fez parte do conselho do Imperador, era advogado nos auditorios da côrte e pertenceu a varias associações: socio honorario do Instituto Polytechnico, membro do Instituto dos Advogados, da Sociedade de Historia de New York e de muitas outras. Era dignitario da ordem do Cruzeiro e official da ordem da Rosa; exerceu o Conselheiro Octaviano, a'em dos cargos já ennumerados, os de membro do conselho director da instrucção publica, da commissãõ de estatistica do Imperio, etc.

Como politico tomou parte activa e saliente nas magnas questões que se discutiram no parlamento do Imperio, preferindo, porém, a imprensa para explanar as suas ideias e discutir os planos alheios.

Entre as manifestações do espirito liberal, manifestou-se adversario da escravidãõ, com franca tendencia de abolicionista.

Aggredido fortemente pelos desaffectedos, sentia desfal'ecimentos quando lhe feriam injustamente a honra, de que aliás exhibiu attestados eloquentes, quer como jornalista, diplomata ou parlamentar.

Em 1872, 17 annos da morte, escreveu o preracio dos "Vôos Icarios" de Rozendo M. Barretto e ahi revelou a sua descrença de politico e o arrependimento por haver abandonado a brilhante carreira literaria. Nesse trecho de prosa, como em quasi todos os artigos de jornaes, revela-se um escriptor elegante, de estylo correcto e muita erudição.

Morreu Francisco Octaviano, na cidade natal, em 29 de Maio de 1889, completamente desilludido, depois de expiar culpas na Siberia da politica, como elle proprio confessou, indicando como unica compensação



os amigos leaes adquiridos, entre os quaes distinguia Martinho de Campos. Entre as injustiças que soffreu, destaca-se a aggressão de Sylvio Romero.

Maneiroso no trato, elegante no trajar, sempre correcto, na sua compleição franzina, apezar de sua estatura elevada, era exrtemamente delicado, de fina educação. Não obstante esses predicados sufficientes para grangear sympathias, foi muito alvejado pelos invejosos e aggreddido pelos desaffectedos.

Mas quem se der ao trabalho de estudar a sua feição politica e principalmente a acção do jornalista, dispensará justiça posthuma ao distincto cavalheiro, poeta illustrado e digno estadista.

SUMMARIO PARA UM ESTUDO COMPLETO

Preparo do espirito — O poeta na Academia — Inicio de sua vida jornalística — A erudição do poeta—Traduções e cultura — Poesias esparsas — Os cantos de Selma — Caracter de sua produção literaria — O jornalista sobrepuja o poeta — Na politica — O orador — O diplomata — Balanço de um homem de valor.

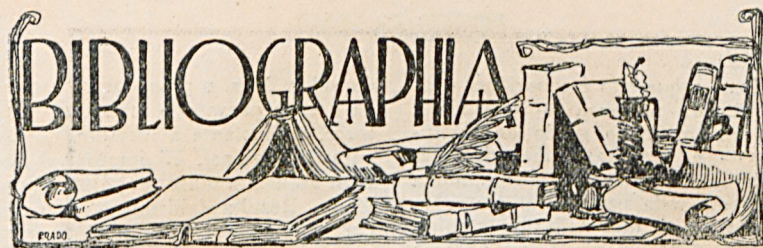




PAULO ROSSI — Igreja de S. José, em Congonhas do Campo.



PAULO ROSSI — Rua na cidade de Tiradentes, Minas.



Valdomiro Silveira: *OS CABO-
CLOS, contos.* — 220 páginas.
Ed. da "Revista do Brasil".
S. Paulo, 1921.—12×16,5.—4\$.

Incontestavelmente, os paes do actual movimento literario de São Paulo, que a ninguem passa despercebido porque é um grande facto, são Cornelio Pires e Juó Bananére. Juó Bananére? E' possível?... Perguntará o leitor.

Esta coisa seria que é a literatura paulista de hoje provém do chistoso escriptor dialectal do *Pirralho!* Nasceu da geringonça do "Abaixo o Piques" de connubio com a aliada da Capella de Nossa Senhora da Ponte dos Remedios do Tietê! Pode parecer insolita a afirmação, mas é verdadeira. Foi a pequena literatura do caipira, de accordo com as "pochades" italo-brasileiras, que, invadindo o mercado jornalístico e livreiro, levando a toda a parte o gosto da leitura e, provando a possibilidade certa da industria literaria, suggeriu, animou e promoveu esse bello e pujante florescer das letras. Acção inconsciente, natural e imperceptivel, não ha, porém, como não reconhecê-la. Della partiu o maior entendimento entre auctores e leitores, editores e publico. Primeiro marco da nossa evolução ainda plena de promessas, porque não o confessar?

Aos dois grandes pioneiros, entretanto, precedeu, com larga antecedência, Valdomiro Silveira, de cujas chronicas na imprensa a nossa meninice alcançou o melhor, decerto. São gratas recordações. O trabalho de roteamento, porém, não

produziu todos os fructos. E' que faltaram os continuadores. Os contos de Valdomiro Silveira ficaram dispersos. O livro que dariam, vendabilissimo, sem duvida, não appareceu a medir a peso do dinheiro — padrão vulgar e mais certo do valor — a capacidade do mercado livreiro. Foi um grande erro. Erro imperdoavel, que só a epoca, de desassocego politico e agitada transição historica, pode explicar.

Assim, fructo tardio, apparece agora o volume — *Os caboclos*. Vem fóra de tempo, mas cercado de ampla e verdadeira sympathia. Vinte, trinta annos de atrazo, que bellos dias aquelles, em que Zezé Piza e o então collaborador do *Estado* faziam as nossas delicias!

E agora, assim, editados, que impressão nos causam os velhos contos?

Primeiramente, são uma veridica e honesta documentação de costumes, como poucas eguaes já se fizeram. Em segundo logar, um farto e grandioso repositorio de testemunhos linguísticos, de valor inconteste. Finalmente, sob a feição artistica, mais uma prova da nossa incapacidade dialectal.

Sob o aspecto consuetudinario, nada tão fortemente significativo. E' simples. Leia *Os caboclos* quem já leu José Verissimo e Inglez de Souza nos seus quadros e scenas da vida amazonica. O contraste é violento. Qualquer dos contos de um ou de outro dos dois escriptores da Amazonia é o flagrante da immoralidade e deliquescencia de character da plebe amazonica. Não escapa um só. Tudo alli naquellas

paginas, o que não é soporífera descripção da natureza — que ainda não encontrára o genio de Euclides — é perfeitamente pulha. A deshonra, a baixeza, a ignominia estão em toda parte. Em *Os caboclos*, não. O que nelles se respira, vasado e documentado em phrases absolutamente typicas para serem verdadeiras, é um alto sentimento de honra, de hombridade, de dignidade. O caboclo tem consciencia de si e dos seus. Acontece-lhe alguma, pesada? Rende-se elle, humilde e abatido, conscio da quéda. Ataca-o o “mal”? Foge-lhe a familia? Não é elle quem a contaminará. Monta a cavallo, traça as esporas e é com um grande, magnifico transporte de fé que exclama: — “Ah! meu Bom Jesus de Pirapóra!!” E jamais o hão de ver. Batem-lhe a gallinha, espancam-lhe o filho? E’ cheio de uma sagrada indignação que se apresta para a desforra, philau-cioso, entre invectivas e bravatas.

Não ha favor na caracterisação. O caboclo de São Paulo, na generalidade, póde gabar-se da boa raça. E’ gente da melhor, que empobreceu e se amesquinhou e, senão, homens que têm noção de familia e certas tradições Moraes, á sua moda. A leitura de *Populações meridionaes do Brasil*, de Oliveira Vianna, será proveitosa á comprehensão disto. A formação da communitate paulista, nesse livro estudada, corrobora perfeitamente a pintura de Valdomiro Silveira.

Infelizmente, os contos, que tão bella feição psychologica esboçam, em geral se afogam no inextricavel do falar caipira. A letra, a meticulosidade na reproducção das phrases, absorve quasi sempre o autor, que, parece, antes de pretender contar-nos coisas, deseja ferir-nos com o inesperado e caracteristico da expressão. Com isso, fez bom trabalho glottologico.

Mas, por fim, a arte em si mesma?

Ha no autor um prosador cheio de qualidades de estylo e um artista

de valor. Mas, o prosador se esconde a cada passo e o artista se contorcé, de instante a instante, na algaravia regional. E’ impossivel resistir alguém a tanto proposito transviado. Resulta dahi que o livro não corresponde ao gosto publico, nem ao ambiente em que vivemos.

Quando foi escripto e ainda ha alguns annos, outro era o caso. Existia entre nós a crença erronea de que, falando o povo o dialecto e escrevendo os autores lingua culta, cavava-se um abysmo entre um e outro. Importava, pois, atulhar o abysmo, escrevendo á altura do publico. Entretanto, nem só não nos é peculiar aquella distincção, commum a todos os povos, que por isso não deixam de ter literatura em dialecto e em lingua official, como tal separação já não existe em São Paulo, seja pela decadencia dialectal, seja pela melhoria da producção literaria. A literatura que, para lhe dar nome, chamaremos culta, existe em nosso meio, o que não impede que tambem exista a outra, a que se filia *Os caboclos*.

Monteiro Lobato: *NEGRINHA*.
Ed. da “Revista do Brasil”,
S. Paulo, 1920.—11 × 15.—2\$500.

E’ o quarto volume de Monteiro Lobato.

De “Urupês” para “Negrinha” que distancia vae? Não é, decerto, a de um grau acima, porém, será a de um salto a baixo?

Ha neste livrinho signaes evidentes de um progresso de technica. Os contos *Negrinha* e *O jardineiro Timotheo* dão a medida de uma bella simplificação que se vae operando na “carpintaria” do auctor. As grandes linhas quebradas, irregularrissimas, do seu estylo de fabulação, distendem-se numa só recta nessas duas paginas modelares, as melhores do volume. E’ uma prova da libertação, de desembaraço e desenvoltura de um espirito que aborrece a estagnação e ama, sobretu-



do, a independencia, mesmo contra si proprio. E', tambem, um aperfeiçoamento.

Comtudo, "Urupês" ainda é o livro unico...

A *O jardineiro Timotheo e Negrinha* oppõem-se, diametralmente oppostos, *O bugio moqueado* e *O collocador de pronomes*. Representam a processualisação artificiosa do melhor de "Urupês" e a transacção do seu autor com o proprio mau-gosto. *O bugio moqueado*... E' tão artificial essa historia inverosimil de um negro assado e comido aos pedacinhos, á força, por uma senhora nervosa, que só foi possivel narral-a enquadrada na moldura facil e falsissima de uma conversação banal, interrompida vinte vezes, por amor do effeito. Recurso bem aproveitado, mas recurso berrante, escandaloso. Por isso mesmo, o seu valor documental é grande: põe á mostra, unicamente, a technica de Monteiro Lobato. Quereis penetrar-lhe o trabalho subconsciente? — Lêde o *Bugio*...

O collocador de pronomes é outro exemplar de mau gosto. Thema surrado e gasto; gargalhadas de antemão marcadas: é só chegar e rir, no logar certo. Satyra, caracterisa-a o exaggero. Tem o destino proprio — brilhar e morrer, moda passageira.

O indice accusa ainda um titulo vago — *Fitas da vida*. E' uma pagina distincta. Respondo á pergunta: — São possiveis os milagres?

Quando as coisas positivas aborreceram e o realismo, chapado e rasteiro, entrou a enfiar com os seus massudos e estereis relatorios, a indagação, em boa hora, occorreu aos temperamentos mais imaginosos. A vida e o mando ainda têm surpresas. Nem tudo está previsto, medido e pesado. Quando não, restam as apparencias, com toda uma craveira de tons, incoersivelmente variaveis e capazes de effeitos literarios, aliás do maximo vigor realista. Viuse, então, na literatura o que se pode chamar a defesa do milagre.

Excavados Ossian e Hoffmann, eis o symbolismo e a psycho-pathologia, a que se devem algumas bellas maravilhas, engenhosamente construidas e humanizadas a rigor. Reproduziram-se os casos da suggestão e hypnose e não houve impossiveis nas letras.

Se então muito bugio se moqueou, verdade é que nem sempre foi preciso tanto. Coisas mais pavorosas se fizeram vêr, mas, por explicaveis apparencias.

Assim, *Fitas da vida* conta o caso de pobre veterano do Paraguay, que, retirante do Ceará, chega a S. Paulo. Cégo ha muitos annos, confiava num milagre: o seu velho capitão — e só elle — seria capaz de restituir-lhe a vista. Encontra-o, afinal e, de facto, mandado a operar-se da cataracta, recupera a visão.

E uma alma simples não ha de ter fé! Finda a leitura de *Fitas da vida*, não ha como negar que para um bom narrador o instincto humano do sobrenatural ainda é o mais rico filão de emoções.

Das seis narrativas do volume, sem duvida, *O jardineiro Timotheo* é a melhor, a mais equilibrada e serena. Compara-se-lhe *Negrinha*, mas, se esta se anima de uma quasi nevrose, aquella, em sua fina sensibilidade, é de uma serenidade e equilibrio muito superiores. Em nenhum conto, até hoje, Lobato foi tão senhor de si. O cuidado minucioso da pintura, a delicadeza do pensamento, a fidelidade perfeita do typo sobre-excedem. O velho Timotheo, reduzido á impotencia, ao vêr devastado e destruido o jardim que era todo o seu mundo, lançando uma praga vã, baldada ameaça, é profundamente humano. A colera dos Deuses, que o transfigura, não lhe arranca mais que uma phrase fulminante de intenção:

— "Deixa estar!..." E retira-se, repetindo-a, vingado e inerme.

Com tudo o que dizemos, em resumo, *Negrinha* é um livro interessantissimo.

Amadeu Amaral: O DIALECTO CAIPIRA. 223 págs. Ed. da Casa Editora "O Livro", S. Paulo, 1920.—12×16,5.—5\$.

Existe uma "língua brasileira"? Podemos, sequer, empenhar-nos por formal-a?

Não e não, certamente. Falamos e falaremos português. E' o laço, o unico liame sério, que nos prende á latinidade. Rompido elle, em favor de um problematico idioma nacional, romperiamos com a Historia e com o mundo, isolando-nos no tempo e no espaço. Ainda é a grammatiquice das regras com que falamos o que nos identifica entre as nações historicas. E' o que nos relaciona entre os povos. Por ella filiamos-nos aos latinos e por ella aos indo-europeus e, pois, á civilização occidental. Sem ella, afastados da comunidade universal, seriamos perfeitamente inhumanos.

Não ha "língua brasileira". O nacionalismo pára ao defrontar o monumento de Camões. Nada tem que fazer ahí, senão remontar ás origens do falar em uso. A acção individualista do nacionalismo redundaria na propria desnacionalização. A lingua é a base, é a essencia. Não lhe toquemos. E, se a destrataremos, acaso, no commercio diario de nossas relações e necessidades do officio — e não raras vezes o fazemos! — proteja-nos a santa innocencia das intenções...

Senão, porque não nos impormos um esperanto nacional, catado e coligido, artistica e scientificamente, entre a algaravia africana e o linguajar indigena? O vasconso assim produzido — e facilmente, decerto — corresponderia ás necessidades cariocas do nacionalismo extremado... Ficariamos insulados, sem ligação historica e social? Que importa ao jacobino cego!

Se não ha lingua nacional, licito nos será esforçar-nos por constituil-a? Certamente, não. O esforço é artificial. O simples proposito se eiva de artificio. O idioma luso

nasceu *naturalmente* do latim. Sem esforço e sem proposito, sem preconceito algum, o povo iberico da orla occidental da peninsula, povo de formação complexa, apropriando-se do falar latino, muito de oitiva e sem nenhum resguardo, resalva ou cuidado que o amparasse, veio a falal-o diversamente de como alhures se falava: dahi o portuguez. Ora, nós estamos a dois mil annos... O mundo não é exactamente o mesmo. O aparelhamento social, convenhamos, differe um pouco, para melhor. Escola e imprensa, livros e jornaes são, parece, instrumentos respeitaveis pela efficiencia e — na vida do idioma — factores que, nem por essencialmente cultos, são hoje menos naturaes que quantos, outróra, barbaramente, trabalharam o latim. Antes, pois, de uma approximação apressada entre as duas epochas, convem perguntar o que teriam feito, no phenomeno néo-latino, escolas, jornaes e livros, taes como hoje os temos. Elementos culturais, qual teria sido a função delles? Sem duvida, velar pela unidade e continuidade do ideal linguistico.

E', decerto, o que nos cumpre agora, aos que manejamos aquelles instrumentos sociaes. E' possivel que, ante as forças naturaes, nada valham elles, nada possam arte, sciencia e cultura. Talvez seja tudo instrumental mesquinho de fragil civilização. Serão, talvez, elles mesmos agentes de corrupção. Serão, na pratica, mas não o devem ser. E' do espirito da escola e do livro, da sciencia e da arte o conservar isso que é o mais precioso e maraviloso aparelho da vida no que tem ella de mais caracteristicamente humano: a lingua. Só a corrompem eventual e desastradamente, por contingencias, não de proposito. Elementos conservadores, têm a função *natural* de conservar.

O "nacionalismo" carioca, inspiado na velha lusophobia... Nada temos com elle. Falamos e queremos falar portuguez. Quando a Belgica repelle por insufficientes os





dialectos flamengo e vallongo, que são idiomas; quando o "sinnfeiner" irlandez, que teria para resuscitar o "erse" dos celtas, procura em inglês a independência da Irlanda; quando, agitadas as populações bascas da Hespanha, falham as tentativas de unificação do euskára, que é lingua e lingua aglutinante em uso, no meio de idiomas de flexão, — teria graça que nos empenhassemos por formar lingua nossa.

Absolutamente, não obedece a intuito phantasista assim o — *Dialecto caipira*, que Amadeu Amaral acaba de publicar. Estudo experimental da linguagem paulista, é pura constatação de factos. Não o anima aquelle extranho espirito "nacionalista". Ao contrario, a melhor, a mais bella, a mais valiosa observação do livro é exactamente aquella que, longe de insinuar a solução de continuidade historica da lingua, proclama com a maior eloquencia o phenomeno de apego atavico ao velho falar dos navegantes portuguezes, que deram nascimento á nação. A linguagem caipira está cheia, não só de termos e expressões vernaculas, como — o que é de extraordinaria belleza — de reminiscencias da epopéa descobridora.

Para oppôr aos sonhadores do "idioma nacional" que mais convincente argumento?

A observação é das mais ricas em suggestões. Como pôde decorrer o phenomeno? Quaes as suas razões na historia e na sociedade?

Certamente, ha ali uma peculiaridade paulista. A formação de São Paulo diverge, profundamente, da do resto do paiz. A leitura de nossa historia regional dá esta impressão: — Martin Affonso fundou a capitania, abandonando a colonia aos seus proprios recursos; nunca mais, dir-se-ia, aportaram novos colonos a S. Vicente; e, assim, no

coração da America, ainda no terceiro quartel do seculo XIX, se enkystava uma população quinhentista no espirito e no falar. Não é o mesmo o caso do Rio nem o da Bahia, metropoles em contacto diario com europeus. Não o é tambem o de Recife, porto de escala. Não o é ainda, o do Ceará e Maranhão, cujas colonias datam de 1600. Só, pois, a linguagem paulistana pode ter guardado tão pronunciados traços da lingua dos chronistas da India, tão diversa da de um seculo mais tarde.

O auctor não quiz chegar a essa conclusão. Fazendo obra impessoal, estrictamente delimitada nos seus moldes positivos, extreme de generalisações e sem qualquer desvio para campos adjacentes, absteve-se de uma affirmação, passivel, talvez, da pécha de bairrismo. E' preciso, entretanto, que seja feita. Pretendemos, os paulistas, que somos nós os filhos mais velhos do Brasil e, para a pretensão, que tem fundamentos na Historia, o *Dialecto caipira* traz preciosa contribuição glottologica.

Resta que, estudadas as variações dialectaes de região a região, possamos um dia comprehender perfeitamente a nossa evolução mental, sem pruridos, aliás, de autonomia do idioma.

BRENNO FERRAZ.

*

Recebidos:

Oswaldo Vergara: *Problemas de Portuguez*.

Afonso de E. Taunay: *S. Paulo nos primeiros annos*. S. Paulo.

Godofredo Rangel: *Vida Ociosa*. S. Paulo.

Homero Prates: *No Jardim dos Idolos e das Rosas*. Rio.

Alrutz e Krumbhaar: *Lições praticas de Orthograph'a Portugueza*. S. Paulo.





DEBATES E PESQUIZAS

LITERATURA

A ARTE DE EMENDAR EM RAYMUNDO CORRÊA

O sr. JOÃO RIBEIRO dedicou, em columnas d'“O Jornal”, interessante estudo literario a certas emendas feitas pelo grande poeta Raymundo Corrêa em alguns dos seus versos. Começou recordando que ha cincoenta annos, mais ou menos (menos, ao que nos parece) rompeu no Brasil a guerra aos pronomes mal collocados. Raymundo já fazia versos admiraveis, e ainda não se iniciara nos segredos da complicada topologia. Quando publicou as “Poesias”, em 1898, entendeu que devia corrigir os “deslises” commettidos nos versos ahí reeditados; e corrigiu-os.

Em primeiro lugar, Raymundo Corrêa, uma vez achada a expressão definitiva dos seus versos, muito pouco emendava, e, realmente, nada tinha que emendar. Um ou outro epitheto, acaso, podia ser substituído.

No soneto — “As Peregrinas” — no ultimo quarteto, vemos um “generoso vinho” substituído por “capitoso vinho”.

E eil-as dormindo ao capitoso vinho...

A correção é insignificante e quasi imperceptível, pois ambos os epithetos cabiam excellentemente no lugar.

De outra feita, no soneto — “Prima-veril” — outra adjectivação semelhante — roupas “ondulosas” — reaparece em —“roupas vaporosas”—nos bellos versos dactylicos, como os costumava fazer:

E sob as finas roupas vaporosas,
Seus leves pés, precipites, saltitam,
Pequenos, microscopicos, ch'nezes...

Em geral, as suas correções, sempre bem feitas ou bem inspiradas, são discre-

tas e temperadas pelo bom gosto e pela suavidade de estylo do grande poeta.

Na “Cavalgada” um som “flebil” passa a ser “confuso”, com maior propriedade:

A lua banha a solitaria estrada...
Silencio! Mas, além, confuso e brando,
O som longinquo vem se approximando
Do galopar de estranha cavalgada...

E' natural suppôr que um ruido de longe é confuso melhor que flebil.

Mas, bem se vê que a correção não tem alcance para um poeta, — como elle era, impeccavel.

*

Percebe-se desde logo que ao poeta de excessivo escrupulo e de profunda inspiração repugnavam as correções que importam em creação nova e inteiramente diversa do texto primitivo. Esta regra tem a excepção obvia que apontamos precedentemente.

O poeta viu-se coagido diante do tumulto da questão pronominal. Como escapar ao terror panico? Neste caso unico, a correção syntactica levou-o, por vezes, para longe da fidelidade e constancia com que guardava a physionomia antiga dos seus versos. Nesta emergencia, a emenda é visivelmente inferior. A psychologia propria é sacrificada á erudição grammatical.

Veja-se, para exemplo, a belleza desses versos espontaneos, que tão bem traduzem a paisagem:

Que extensos campos! Que profundos
[vallos
Vêem-se...

A pintura exacta de perspectiva das linhas e de côr descôra e fica empobrecida com a correção syntactica:

Que ledo campo entre risonhos vallos
Se vê...

Desapparece a extensão, como desaparecem os sulcos dos vallos no gracioso quadro campestre. A poesia paesagista foi sacrificada a uma preocupação, a toda hora, desmentida, na linguagem popular brasileira. "Dura lex"...

Hoje, os homens de letras não mais necessitam dessa disciplina que de tão conhecida e banal se tornou fácil e espontânea. Emquanto, porém, ainda se quebravam lanças, era grande Africa tomar uma praça, e ainda maior a galhardia de resistir por algum tempo. A submissão de Raymundo foi raras vezes excessiva. Numa destas chegou, entretanto, a transformar inteiramente meia duzia de versos por amor de uma particula... Leia-se a lição primitiva do—"Beijo posthumo"—no volume das "Symphonias":

Teu corpo decompõe-se; e a suppurar em
[Inermes
Com funereo pudor, os teus membros
[Inermes
Hoje são a vivenda e o pabulo dos ver-
[mes,
Asquerosos, crueis, frios e roedores...

E o beijo que eu pedite e que nunca
[me deste,
Que em vida quiz colher-te e nunca foi
[colhido,
Cae do seu labio como um fruto apodre-
[cido.
O' beijo virginal! fruto que apodreceste!

Essa poesia é uma das poucas, pouquíssimas, que não nos agradam. Valeria a pena de supprimila á contingencia de qualquer correção. Raymundo Corrêa tentou a emenda. Parece-nos evidente que foi aquelle — "o beijo que eu pedite" — a razão principal de uma revisão do texto primitivo. D'esta arte substituiu aquelles versos por est'outros tão mofinos como os primeiros:

E antes que tudo venha a suppurar em
[flores,
Sob o pudor da morte os membros seus
[Inermes
Tem de ser fatalmente o pabulo dos ver-
[mes
Frios e roedores...

E o beijo que pedi e ella jámais me deu,
Que em vida quiz colher e nunca foi co-
[lhido,
Cae do seu labio como um fruto apodre-
[cido...
O' beijo virginal! fruto que apodreceu!

E's o magro resultado de tão insolita eversão dos elementos! Destruiu a apostrophe em proveito de uma narrativa fria e até pouco original, pois que de releance lembra famoso verso ("n'osant rien demander"...). Aliás, em Raymundo Corrêa, como em todos os maximos poetas e escriptores, a questão de originali-

dade é insignificante. Estes e aquelle estão sempre acima dos originaes em que se inspiram.

Não se deduza, porém, desse exame superficial, antipathico, e, naturalmente, apressado e imperfeito, que Raymundo Corrêa tenha modificado sensivelmente a sua obra magistral e incomparavel. As alterações não passam de algumas minucias de expressão, levissimas, aqui ou ali, feitas no momento de uma reedição em Lisboa. Cá, teria de obedecer ao mesmo criterio, já então vulgarizado entre os que escreviam. Poucos, como elle, sabiam achar a expressão propria e immutavel que lhe vinha já, implexa e inconsutil, desde o fundo da alma.

HISTORIA

EM TORNO DE PEDRO II

O sr. CARLOS DE LAET publicou no "Jornal do Brasil", a propósito da vinda dos despojos de D. Pedro, o seguinte e tocante episodio da vida do imperador durante o exilio, em Cannes:

Achava-se o Imperador em Cannes, velho, enfermo, quasi sem amigos, desprovido de meios pecuniarios que lhe depa-rassem, não o fausto de que elle não gostava, mas honesto tratamento correlativo á sua jerarchia.

Um dos raros cortezãos daquella desgraça era o medico de Sua Magestade, o Conde de Motta Maia, nobilissima figura que na historia tem de ficar, quaes os companheiros de Napoleão em Santa Helena, para aos pósteros demonstrar que a gratidão não é uma vã palavra.

Pedro II era infatigavel na leitura de jornaes; e num delles encontrou noticia que o deixou impressionado. Morrera Afonso Karr, o conhecidissimo critico das *Guêpes*, autor do *Sous les tilleuls* e de tantas outras imaginosas narrativas. Os livros do romancista iam ser vendidos em leilão, na vizinha cidade de Niza, que á franceza costumamos dizer Nice.

A dispersão de uma bibliotheca é sempre cousa penosissima. Riam quanto quizerem os homens praticos, para quem não passam de p'eguices estas e outras questões de sentimento: ha nos livros que se desirmanam e separam uma dôr e um protesto, que são ao mesmo tempo saudade e clamor contra as durezas do destino. O Imperador leu o annuncio, e meditava. Chamou, em seguida, o Conde de Motta Maia:

— Quanto pôde, perguntou, custar tudo isso? Não era o Karr um erudito nem um b'bl'ophilo. Deve ser uma b'bl'iotheca es-collida e modesta. Quero adquirila.

Ponderando as estreitezas dos recursos do Imperador, bem desejara o Motta

Maia oppôr algumas considerações ao desejo imperial; mas o imperador falára com aquelle accento firme e imperioso que o longo habito de mandar dá aos chefes de homens.

No dia immediato foi Motta Maia a Niza, tomou parte no leilão e arrematou a livraria do Karr, por cerca de oito mil francos, se me não falha a memoria. Já sabia, aliás, que fazer daquillo: offereceu á viuva do escriptor todos os livros do recém-morto esposo.

A Sra. Karr escolheu, entre os volumes da bibliotheca, uma bella edição das obras de Santa Tereza de Jesus e com expressiva dedicatoria a remetteu ao doador. *Santa Tereza*: havia nisto uma delicada lembrança onomastica da finada Imperatriz, por quem ainda se carregava de luto o Imperador banido.

Quando, pouco depois destes factos, Pedro II e seu medico davam o costumado passeio á beira-mar, entendeu Motta Maia que azado era o ensejo para offerecer ao ex-soberano o quadro exacto da sua triste situação financeira. O Imperador nunca formara fortuna particular. Com o que lhe davam, custeava a sua casa, mostrando-se liberalissimo para com os que o serviam. O resto, aliás, cerca da terça parte, elle o dava aos necessitados, em pensões e esmolos. Quando tinha de ir á Europa, dispensava o que para tal fim pretendiam votar as Camaras Legislativas, e contrahia emprestimos particulares. Os palacios em que morava, o de São Christovão e o paço da Cidade, não eram seus, senão quando se tratava de os asseiar e embellezar. Emfim Pedro II, após meio seculo de reinado, sahira do Brasil, como vulgarmente se diz, com as mãos vazias — sem que se lhes tivesse apegado uma só parcella dos rios de ouro que por ellas haviam corrido...

Ora, do Brasil não vinham recursos; o Imperador, por outro lado, obstinadamente rejeitava as offeras que de varios paizes, e notadamente da França e de Portugal, lhe faziam alguns principes seus collateraes e affins. Zelando, mais que tudo, a dignidade majestatica, elle não tolerava que a expensas de potestades estrangeiras vivesse o ex-Imperador do Brasil.

Tudo isto expunha o Motta Maia, procurando adoçar o amargo das circumstancias: e a tudo, com a sua habitual serenidade, dava attentos ouvidos o régio banido.

— Em conclusão... adjectivou, logo que o interlocutor concluiu.

— Em conclusão, senhor, é preciso que Vossa Majestade, ao menos por emquanto, ponha cobro á sua liberalidade, e não repita o que acaba de fazer com a livraria do Karr.

— Meu caro Motta Maia, répliou Pedro II, agradeço a franqueza da sua advertência. Ella contulo i.º me surprehende. Já o sabia. Tenho pensado bastan-

te sobre o caso, e tomei uma resolução. Quero acolher-me a um convento, e acabar como Carlos V. Veja se me acha algum que me receba. Faço questão de uma cousa: que os frades sejam ledores e tenham uma boa bibliotheca... Só me pesa o ter-me de separar de alguns, poucos amigos, e entre elles de Você, que me vae fazer muita falta.

— Senhor, disse commovido o Motta Maia, Vossa Majestade não deve pôr em duvida que, para onde quer que vá, fielmente será por mim acompanhado.

— Tinha disto certeza, respondeu o Imperador, mas desejava o prazer de ouvir-o de sua bocca.

E com um aperto de mãos ficou sellado aquelle pacto entre a realza bemfeitora e a dedicação abnegada.

Os votos do Imperador não se cumpriram, como sabemos. Mezes depois, em Paris, ao voltar de uma sessão no Instituto de França, apanhou a pneumonia que lhe fechou o cyclo de soffrimentos moraes e physicos. Não morreu como Carlos V, mas precedido por uma santa, que foi a Imperatriz, e tendo outra ao lado, para lhe cerrar os olhos, essa que pelo ideal da extincção do captivo sacrificou os interesses de sua dynastia.

Ultima dádiva. — sim, ultima em vida. O Imperador, que não tinha fortuna, legou-nos, ao morrer, um grande e oxalá que fecundissimo exemplo. Deixou-nos a lição de uma vida toda consagrada ao bem publico, e sollicitamente encaminhada a firmar, entre os servidores da Patria, a noção da honestidade intransigente e incorruptivel.

Sua *fraqueza* unica (e sublinho o antecedente vocabulo para que litteralmente não o interpretem os espiritos praticos) sua unica fraqueza era acudir a todo soffrimento, e disfarçar o mimo para que não parecesse esmola.

No dia seguinte ao da revolução, quando os soberanos depostos estavam ainda a bordo do *Parnahyba*, corajosamente os foi visitar o Dr. João Pedro de Aquino, lente da Escola Naval, que para isso se fardou e obteve licença especial de Wandenkolk, Ministro da Marinha. O que se segue foi-me relatado pelo meu amigo, Dr. Aquino, de saudosissima memoria.

Era de manhã, ainda muito cedo. Imperador e Imperatriz no convés liam as folhas diarias, que iam chegando. Encontrando um nome (sej qual foi, mas não quero dizel-o) a Imperatriz passou, commovida, o jornal a D. Pedro, exclamando:

— Fulano! veja: Fulano! Quem o diria!

— Senhora, retorquiu-lhe o neto de Marco-Aurelio, se quando fazemos um beneficio, fosse já contando com a gratidão do beneficiado, então o acto perderia a sua nota principal, passando a ser um contrato interesseiro.

O sr. P. P., no "Estado", recorda algumas impressões pessoais de dom Pedro e alguns factos em que estiveram envolvidos o monarcha e Francisco Rangel Pestana (pae do articulista):

Ao decorrer de 1878, nos primeiros annos da nossa infancia, estavamos na côrte — aquelle antigo Rio de edificios coloniaes, da febre amarella, das diligencias desengonçadas, dos pretos seminús e dos chinezes de rabicho. E' no meio desse confuso scenario, destruído pelo Tempo, que se grava em a nossa memoria a figura inolvidavel do ultimo soberano brasileiro, então no vigor da idade, o rosto de castanha de cajú" com dos olhos azues ao fundo e longas barbas ainda pretas. Frequentemente viamos o imperador passar pela nossa residencia. Vinha de São Christovam para o paço da cidade em dias de despacho. Precedido de dois batedores transportava-se numa caleça commum, seguida por um piquete de cavallaria, que, a trote largo, deixava nuvens de poeira no caminho.

Volvidos nove annos, em 1887, já adulescente tornavamos a ver d. Pedro II, mais edoso, um tanto alquebrado pela enfermidade, com as barbas inteiramente brancas. Ao subirmos a rua da Imperatriz (hoje Quinze de Novembro), o imperador descia de uma corruagem ás portas da Livraria Garraux. Dando o braço á imperatriz, que demorava em apearse, s. m. lhe disse com inconstancia impertinencia: "Ande, senhora!" E, apressado, quasi arrastava a velha soberana, cujo defeito physico lhe difficultava a marcha.

Recordamo-nos sempre de tal scena com a mais penosa impressão. Que podia explicar essa impaciencia de um homem reconhecidamente bondoso e affavel? Certo, padecimentos causados pelo "diabetes" tornavam-no impertinente a ponto de interromper seus ministros com o desconcertante "Já sei, já sei". Mas qu'cá havia nisso tambem um pouco da conhecida indifferença que pela esposa revelava o imperador, pois se casára enganado por seu representante em Napoles.

Se d. Thereza Christina não realisou o ideal do seu consorte, mostrou-se todavia, digna companhe'ra do soberano brasileiro. Assim como d. Pedro II nada tinha do temperamento despotico e violento de seu pae, assim essa princeza italiana nada herdou do genio cruel de seu pae, o odiado rei Bomba. Modesta e boa conquistou a estima geral e, no throno do Brasil, evitou correctamente ingerir-se em os negocios publicos.

Nesse mesmo anno encontravamos o imperador no Lyceu de Artes e Offic'os, que funcionava num velho predio á rua do Imperador, onde agora se constróe a nova cathedral. Visitava a instituição, ini-

ciada modestamente pela Sociedade Promotora da Instrucção. A directoria dessa casa de ensino, presidida pelo conselheiro Leoncio de Carvalho, recebeu á porta o soberano. Apertando a mão a todos com seus modos democraticos, d. Pedro saudou a Rangel Pestana, um dos directores, com certa timidade, revelando lembrar-se bem da sua pessoa: "Como vae, senhor Pestana?"

Por incumbencia dos companheiros, Rangel Pestana, vice-presidente, falou no salão principal, agradecendo a honrosa visita e o interesse que o chefe da nação tomava pela instrucção popular.

Levado á sala das aulas nocturns de primeiras letras, s. m. quiz examinar a classe. Pediu uma cartilha, abriu-a, collocou no nariz o pincez de ouro e percorreu com o olhar os bancos onde se sentavam os alumnos, na maior'ia adultos. Ao descobrir, na última fileira ao fundo, o autor destas linhas e um seu irmão, disse-nos naquella sua vozinha desafinada e fanhosa, tão em desaccôrdo com a sua corpulencia e elevada estatura:

— "Comecem vocês dois, meus meninos. Leia primeiro o menorzinho a paginas tantas".

Olhámo-nos perplexos. Não que fossemos incapazes de ler uma cartilha de a b c; já lamos até a selecta de Aulete. Mas não possuíamos o livro cuja pagina s. m. indicava.

O commendador Gabr'el Franzen, professor da classe, tirou-nos do embaraço, explicando:

— Perdão, majestade. Aquelles meninos não são alumnos do Lyceu; são os filhos do nosso vice-presidente, que estão entre a assistencia.

— Bem, tornou o imperador. Vejamos então o mais velho. Leia você, meu amigo.

Um preto sexagenario, que estava num dos bancos da frente, começou a ler lentamente, na sua meia lingua de africano. Era o "Parapapá", conhecido vendedor de verduras, que devia essa alcunha ao monotono pregão com que annunciava suas hortaliças pelas ruas, todas as manhãs.

Impressionante exemplo de força de vontade e amor ao saber! Filho das selvas africanas, algemado na barbara do escravismo, esse humilde velho, quasi ao termo da vida, buscava a luz redemptora da instrucção no meio de moços que ainda tinham o futuro adiante de si!

Como um simples professor primario, o imperador fez algumas perguntas mais aos discipulos do commendador Franzen e retirou-se, acompanhado por todos os presentes.

Ao contrario dos nossos orgulhosos presidentes, d. Pedro não desdenhava descer de seus palacios para vir até ás escolas primarias. Jámais comprehendeu, porém, a importancia social da educação popular. Podia tudo emprehender em beneficio da cultura do povo, cujo atraso

não ignorava. No entanto, homem sceptico e estadista mediocre, permittiu vivessem seus subditos atolados em vergonhoso analfabetismo, que retardou de cem annos o progresso nacional. Pelo que mereceu fosse o seu longo reinado condemnado com esta simples sentença: "Emquanto a Argentina despende 2\$000 por habitante com o ensino primario, gasta o Brasil apenas 400 réis".

*

Dir'gindo-se daquelle modo a Rangel Pestana, o imperador mostrava bem recordar-se do jovem director do "Diario Official" do Imperio, que se transformára num dos mais ardorosos republicanos da provincia de S. Paulo. Effectivamente, os dois se conheciam desde 1865, quando entre ambos se deu ruído incidente, que os separou para sempre.

No referido anno, durante o ministerio Zacharias de Góes e Vasconcellos, exercia F. Rangel Pestana o cargo de director do organo official. No dia de Anno Bom recebeu convite para ir cumprimentar o imperador, como era de praxe. Foi. Ministros, senadores, deputados, diplomatas, dignatarios, officiaes de mar e terra, funcionarios, etc., em trajes de gala, reuniam-se no salão de honra do paço imperial. Cada um desfilava diante do throno, ajoelhava-se respeitosa e nos degraus e beijava a mão ao monarcha, que a conservava estendida. Chegando a sua vez, o director do "Diario Official" fez uma reverencia e passou sem observar a cerimonia. Escandalo. Aulicos de fardões dourados murmuravam palavras indignadas. As damas cochichavam, crivando de olhares o insolente que ousava quebrar o rigor da solemnidade.

No dia seguinte, em despacho, d. Pedro estranhava o facto ao conselheiro Zacharias. Este contou a observação imperial a Rangel Pestana, que explicou serem seus sentimentos liberaes incompativeis com um acto ridiculo e humilhante.

Por identico motivo, o glorioso Theophilo Ottoni provocou a antipathia do soberano em 1860. Ao ser-lhe estendida a mão imperial para beijar, limitou-se a apertal-a.

Abolido em 1831 por Feijó, o "beijamão" foi restabelecido pelo regente Araujo Lima, marquez de Olinda, um dos instrumentos predilectos do fallecido imperador. Depois de 1865, foi novamente abolido, em razão dos protestos e da resistencia que provocou, por parte de varios liberaes, como os acima indicados.

O certo é que o monarcha, agastado com o procedimento de Rangel Pestana, procurou manifestar-lhe a sua má vontade. Primeiramente, criticou artigos do "Diario Official", com especialidade um desfavoravel a Maximiliano do Mexico, principe austriaco aparentado com a familia reinante no Brasil. Depois, pediu

o plano de reforma da folha do governo e propositalmente guardou-o sem dar solução.

Indignado, Rangel Pestana solicitou demissão. O chefe do gabinete quiz dissuadi-lo: o caso não era para isso, pensasse bem, ia cortar sua carreira politica. O referido funcionario, porém, insistiu: a resolução era definitiva, irrevogavel.

A' tarde, um correio do Thesouro entregava a Rangel Pestana uma carta de Zacharias insistindo para que retirasse o pedido de demissão. Ao inteirar-se do assumpto, o destinatario encolerisou-se, amarrotou o papel e resmungou a celebre palavra com que o general Cembrene fulminou os esquadões inglezes em Waterloo.

Cah'ndo em si, Rangel Pestana despachou o correio, que o olhava espantado: — Diga ao conselheiro que está entregue. Mandarei depois a resposta.

De volta ao Thesouro, o correio narrou a scena: o director do "Diario Official" era um moço terrivel, respondera atrevidamente ao conselheiro Zacharias. E dahi passou a historia á rua do Ouvidor com alguns pontos a mais: a resposta do general francez havia sido enviada ao proprio imperador...

Nunca mais Rangel Pestana aceitou empregos publicos no extincto regimen. Foi fazer propaganda republicana, certo de que a Monarchia era incompativel com a dignidade humana e o progresso nacional.

O sr. HEITOR DE MORAES consagrou a Pedro II esta pag'na pamphletaria, pelo "Commercio de Santos", sob o titulo — "As tres sombras":

Numa destas derradeiras, calidas noites de Dezembro, perambulava eu, a esmo, pela praia, em busca de algum repouso para o meu espirito atribulado e quasi desilludido, na luta quotidiana e vã, em que me empenho, em prol da lei e do direito, contra as brutalidades do policiaismo, quando, vencido da fadiga, me de'tei, resupino sobre o jundú.

Reinava, em torno, absoluta calmaria. O ar, pesado e quieto, quasi suffocava. E do mar, placido e sem ondas, mal chegava aos meus ouvidos um murnurio abafado e surdo, como o de uma voz amordaçada.

No alto, no céu, sem lua, mas limpido e sereno, resplandeciam as estrellas...

E eu me puz a contemplal-as, num profundo embevecimento.

Quedei-me, assim, a devanear, longos minutos, fugindo de fixar o pensamento, fosse no quer que fosse. Sentia que me chumbava ao sólo um torpor irresistivel; e, ao mesmo tempo, tinha a sensação de estar sendo atrahido para as alturas luminosas, como se os astros fossem myriades de imans incandescentes e eu uma

barra de ferro, misera, abandonada e inerte.

O céu era límpido e sereno, mas sem lua... De subito, porém, cheio de espanto, vi que, sobre o oceano, ao longe, muito ao longe, como se o horizonte houvesse recuado, e para o lado do norte, fendia o espaço um claror maravilhoso, largo e imenso, que eu não sei se descia das nuvens, ou se subia das águas.

Sei que a minha impressão, bom me recorde, era que a Via-Lactea, por effeito de uma formidável eversão, se desprendera, em grande parte, do firmamento constellado, e, suspensa do infinito, balouçava-se nos ares, como a flammejante cauda de um cometa, numa tremenda ameaça contra a terra.

Assombrado ante o phenomeno jamais visto, ergui-me do jundú, com grande esforço, num atordoamento...

Lancei o olhar atônito, por sobre a infinita immensidão oceanica, buscando em vão alcançar a linha daquelle extranho horizonte, cuja extrema, se existia, fugia e refugia, a cada instante, para mais longe, para mais longe ainda.

E, de repente, vi, claramente vi, na transluminosidade daquelle luar sobrenatural, moverem-se e gesticularem tres sombras gigantescas, de humano aspecto. Vi, claramente vi, que, de minuto a minuto, os seus vultos se augmentavam, como se caminhassem para o lado onde eu me achava. E, depois, vi, claramente vi, que, á flôr das águas verdes, se movia uma grande massa informe, de linhas ainda indistinctas aos meus olhos, e que se me afigurava o pedestal fluctuante sobre o qual pisavam aquellas tres sombras gigantescas...

E, depois, quando mais proximas, vi, claramente vi, que a primeira dessas tres sombras tinha a nobre figura de um patriarcha biblico: alto e forte; a fronte larga e altiva, embóra encanecida; nos olhos azues, grandes e tristes, a serenidade de um perdão constante; e sobre busto, sempre erecto, a barba florida, veneranda e bella.

E vi que a segunda sombra tinha no rosto uma expressão tão forte, de sofrimento e de bondade, que logo me acudiu á mente a idéa de que, por certo, era uma santa, peregrinando sobre a terra.

E, finalmente, vi que a terceira sombra era a de um gigante, espadado e musculoso, evidentemente joven, mas trazendo nas faces a pallidez e o abatimento de uma velhice prematura...

E eis que senti crescer o meu assombro e arripiar-se-me o cabello, ouvindo, claramente ouvindo, mysteriosas vozes, que partiam — não havia duvida — que partiam da paragem remota onde eu via moverem-se e gesticularem aquellas sombras.

Eis o que diziam essas vozes mysteriosas:

— Eu bem vos reconheço, ó veneran-

das, augustas sombras, protectoras da minha patria!

"Fostes vós, Senhor, a criança infeliz, que uma revolução encontrou, sem mãe, ainda no berço, e de quem a patria se converteu, afinal, em madrastra, consentindo em que, após sessenta annos de sacrificios por ella, e por mim, já na extrema velhice, fosseis, vós ambos, arrancados violentamente dos nossos braços, por outra revolução, para acabardes a vossa existencia gloriosa e immaculada, nas longes terras do exílio.

"Fostes vós, Senhor, o adolescente rote, que, aos quatorze annos, recebeu sobre os hombros o pesadissimo encargo de garantir a unidade e a independencia de minha patria, e de educar-me e proteger-me a mim, ensinando-me e assegurando-me a liberdade.

"Fostes vós, Senhor, o soberano universalmente amado e venerado, pelos mais altos representantes dos mais cultos povos da terra, pois, de vós, disse Lamartine: — "*Le prince philosophe dépassa le poète couronné de Potsdam*"; e Gladstone: — "*That is what I call a great and good Sovereign and a man who, by his conduct, is enabled to make the high station which he holds a pattern and a blessing to his race!*" e Charles Darwin: — "*L'empereur a tant fait pour la science, que tout savant lui doit le plus grand respect*"; e Victor Hugo: — "*Sire, vous êtes le petit fils de Marc Aurèle!*"

"Fostes vós, Senhor, o estadista preclaro e generoso, que aboliu de facto, em minha patria, a pena de morte, por entender que não é perseguindo, nem supprimindo, mas regenerando, mas reformando, que a sociedade pôde livrar-se dos criminosos.

"Fostes vós, Senhor, o homem coroado, que, num seculo pleno de revoluções, soube fazer-se amado pelos operarios, pelos humildes, pelo povo, e só foi des-thronado pela força armada, em nome, sim, mas sem o mandato expresso da nação.

"Fostes vós, Senhor, o chefe de Estado, que não consentiu na edificação de um palacio para a sua residencia, mandando que o dinheiro a isso destinado fosse gasto na construcção de estradas de ferro e na colonização do paiz.

"Fostes vós, Senhor, o cidadão que recusou, terminantemente, uma estatua em vida, ordenando que o producto da subscrição para esse fim aberta fosse applicado na criação e melhoramento das escolas primarias.

"Fostes vós, Senhor, o defensor da soberania nacional, que, em 1862, quando a poderosa Inglaterra nola ameaçava, por causa da "questão Christie", na subscrição aberta para o augmento da esquadra, contribuiu, patrioticamente, com a importância mensal de oito contos de réis, tirada do seu bolso particular.

"Fostes vós, Senhor, o supremo comandante das forças armadas da nação,

que, marchando com ellas para a campanha do Paraguay, afim de an'mar as tropas com a sua presença, proferiu estas palavras immortaes: — "Lá onde succumbirem a honra e a soberania da nação eu succumbirei com ellas..."

"Fostes vós, Senhor, o imperador-democrata, que, tendo governado o paiz, á frente de trinta e seis ministerios, representando cento e sessenta e um ministros, como órgãos dos differentes partidos em que se dividia a opinião nacional, sempre fez ponto de honra do seu govern — o manter em sua plenitude a liberdade do voto, condemnando qualquer influencia das autoridades nas eleições, e a intervenção abusiva da força publica..."

"E vós, Senhora, fostes a mulher extraordinaria, que soube ser a imperatriz, a esposa e companheira do Grande Imperador, na gloria e no infortunio, a mulher de quem um republicano disse que, "vivendo no Brasil um quarto de seculo, aqui não deixou uma só desaffeição: desde o mais ferrenho legitimista até o mais desbragado demagogo, todos a respeitavam e todos veneram a sua memoria."

"Fostes vós, Senhora, a encarnação viva da bondade feminina.

"Fostes vós, Senhora, a mãe augusta da gloriosa Izabel, a redemptora da raça negra, em minha patria.

"Fostes vós, Senhora, numa palavra, que tudo vale, pois que resume toda a nobreza e a grandeza da vossa alma, fostes vós — a Mãe dos Brasileiros!

"Sabei, agora, augustas e venerandas sombras, protectoras de minha patria, sabei, agora, que eu sou o povo, o grande povo, que vós tanto amastes e guiastes para os mais gloriosos destinos, através da civilização e sob o respeito dos mais poderosos povos do planeta.

"Sabei que aqui venho, sobre a erma vastidão do oceano, e sob a luz clara das estrellas, tomando a estas como testemunhas e áquelle como altar, para ajoelhar-me, perante vós ambos, sombras gloriosas, triste sombra que eu mesmo sou, sombra do que fui, sombra de um grande povo, que, envelhecido e desilludido, sente fugirem-se lhe as ultimas esperanças de realização dos nobres ideaes de igualdade, fraternidade e liberdade, em nome dos quaes, ha trinta annos, consentiu, bestificado, nas brutalidades do extremo sacrificio, que vos foi imposto pela força bruta de uma revolta militar.

Desse crime, na minha consciencia, eu me accuso, e ora me penitencio, ó venerandas sombras, ajoelhando-me perante vós, e pedindo-vos perdão..."

Nisto, outra voz, em tom mais imperioso se levantou, soando assim aos meus ouvidos:

— Eia, levanta-te! Bem te conheço, filho. Porque, na verdade, eu sempre te amei, e procurei o teu bem, como meu filho.

"Eia, pois, levanta-te!

"Esquece os males, que te affligem. Perdoa aos violadores da lei, aos cor-

ruptores da justiça, aos demolidores do direito, aos estranguladores da liberdade, os crimes que elles têm praticado, abusando da tua paciencia, e cobrindo de opprobrio a nosa patria. Porque elles ignoram que, no dia em que o resolveres a entrar na posse e no uso dos teus direitos, o espirito da democracia, da verdadeira e sã democracia, de outros tempos, resurgirá, victorioso e indomito, para o castigo delles e a redempção da republica.

"Sim, não attribuas as tuas miserias á republica. Não são as fórmulas de governo que fazem os povos felizes ou desgraçados. São os homens de governo. São os costumes das nações. Só os bons costumes fazem os homens bons e os bons governos. E para a formação dos bons costumes não debes esperar somente pela acção do poder. É um erro entender que os povos dependem dos governos. O contrario é que é o certo: estes é que dependem daquelles. Isto, porém, só se verifica nos paizes onde existe uma consciencia nacional, o espirito de nacionalidade.

"Eis o que te falta: o espirito de nacionalidade. Eis o remedio para os teus males. Procura-o no amor á liberdade e á unidade do Brasil.

"Houve quem dissesse que essa unidade e essa liberdade foram sepultadas, commigo, no estrangeiro. Não o quero crer. Mas, se isto é verdade, eis-me aqui, de novo, a caminho da patria. Com o meu espirito, ha de voltar o teu amor á unidade e á liberdade do Brasil.

Mas, se tal não se der, escuta bem o que te digo! se me foste despertar do meu ultimo somno, em terra estrangeira, para assistir ao desmembramento de minha patria e á trucidação da liberdade, nesse caso, desde já t'o imploro, pede ao governo, em nosso nome, a extrema graça de, ainda uma vez, nos reconduzir ao exílio!..."

Calou-se a grande voz. As tres grandes sombras apagaram-se na sombra. Nada mais ouvi, nem vi...

Tudo fôra um sonho, apenas. Uma voz amiga viera despertar-me.

Voltei do sonho ao pesadelo, — á vida.

POLITICA

INTERNACIONAL

A ARGENTINA E A LIGA DAS NAÇÕES

O sr. OLIVEIRA LIMA acha louvavel o procedimento da Republica Argentina retirando-se da Liga das Nações, e diz porque, no seguinte artigo mandado de Washington ao "Jornal do Brasil":

A Argentinna collocou-se no primeiro plano internacional, simplesmente porque se deixou dominar pelas idéas de justiça

verdadeira — que tambem a ha falsa — e de direito sem mistura — que tambem o ha falsificado. Eu não esperava outra cousa do homem d'Estado, que é egualmente um homem de bem, levado pela bo aestrella dos nossos vizinhos á presidencia da Republica. Desta vez é certo que a Europa "se curva ante" a Argentina, como outrora se curvou ante o Brasil, no dizer da canção. Os nossos nacionalistas que se consolem com a idéa de que o Sr. Pueyrredon, o habil ministro das Relações Exteriores que foi como chefe da delegação argentina, é meio brasileiro pelo sangue, como elle me dizia em Buenos Aires, referindo-se com saudosa ternura a sua mãe, que era uma senhora rio-grandense.

Foi o Sr. Pueyrredon quem em Genebra se retirou da reunião por não querer a Assembléa entrar na discussão das emendas ao convenio da Liga, adiando-o para uma futura sessão. A Argentina entendeu e muito bem que não havia absolutamente razão para o adiamento de emendas que têm fatalmente de ser adoptadas, sob pena de succumbir esta Liga que eu tenho dado como moribunda, atacada de paralytia infantil.

As propostas argentinas, secundadas pelo Paraguay, são inspiradas por um sentimento superior de equidade publica que honra uma nação. Abrangem a admissão na Liga de todos os Estados soberanos, como taes reconhecidos; a admissão dos Estados mesmo ainda não reconhecidos, posto que sem direito de voto; a eleição de todo o Conselho da Liga pela sua Assembléa, segundo as boas normas democraticas; finalmente, a organização de uma Côte Internacional de Justiça com jurisdicção obrigatoria, como o Sr. Elihu Root preconisa.

Na carta dirigida ao presidente da Assembléa, Sr. Hymans, o qual envidou todos seus esforços para que a delegação argentina modificasse sua attitude intransigente nestes pontos, que ella reputa essenciaes, diz o Sr. Pueyrredon que elles encerram idéas que a Argentina sempre acariciou e que o seu paiz trahiria sua linha de conducta abandonando os principios sustentados, que exprimem a profunda convicção determinante da adhesão nacional á Liga internacional. A Argentina retirar-se-á da Liga se elles forem repellidos, porque não só nenhum de taes principios diminue a obrigação dos membros ou restringe o esforço collectivo, mas pelo contrario todos dão maior amplitude á organização directiva e tendem a fortificar a alludida criação internacional, associando ao seu labor toda a humanidade civilisada. A Liga dá a medida da sua impotencia separando-se sua Assembléa sem considerar as referidas grandes questões constitucionaes, que poderiam ter fornecido á opinião publica a melhor garantia da magnitude e vigor organico da associação tão buscada e que bem se

póde julgar uma vez mais mallograda, e por culpa propria.

O Senador Knox, que foi o Secretario d'Estado do Presidente Taft, commentando as noticias de Genebra, observou que "já começara a inevitavel desagregação da Liga": apenas um pouco mais cedo do que elle esperava. O Senador Lodge, presidente da Comissão de Relações Exteriores, ponderou por sua vez que algumas nações — as propostas argentinas são tambem escandinavas — começavam a enxergar as mesmas objecções ao convenio que os senadores republicanos tinham levantado dous annos ha. A "Associated Press" poz a cousa em termos mais pittorescos: as discussões proseguiam em mar de bonança, quando sobreveio o nevoeiro suscitado pelo debate sobre as emendas e a nau que se diz internacional bateu no escolho argentino.

O Sr. Pueyrredon espera ainda, sem desesperar, que a Assembléa o convide officialmente a vir discutir as suas emendas, o que importaria num triumpho completo, pois que ellas não deixariam de arrastar a Assembléa, por mais esforços que contra isso produzisse a França, que é a nação que sahiria diminuida de tal resolução collectiva. Ella tanto farejou o mau vento que para ella sopra desse lado, que resmungou com a presença da delegação argentina em Genebra, sob pretexto de que ainda não era constitucional a sua participação na Liga. O Sr. Pueyrredon deu, porém, como plena e definitiva a adhesão do seu governo e do seu paiz, pois que declarou pertencer ao Congresso argentino a resolução ulterior sobre a continuação de semelhante adhesão.

O Sr. Pueyrredon, que aliás foi injusta e grosseiramente tratado pelo ministro allemão Luxburg, em telegrammas cifrados — cuja decifração é comtudo muitas vezes o que sabemos — defendeu-se energicamente contra a qualificação de germanophilo dado ao seu programma, acrescentando que "a Alemanha era uma obsessão de uma parte da Assembléa e que cada gesto em desacordo com certos modos de ver era qualificado de germanophilo". Elle poderia ajuntar o que escreveu Mr. Asquith, no seu recente, curiosissimo livro de reminiscencias, a saber que "talvez estivesse fazendo injustiça ao mundo, mas se Deus Nosso Senhor tivesse vindo á terra entre a declaração de guerra e a paz depois da opinião que se lhe attribue sobre os inimigos, não ha a menor duvida de que teria sido taxado de germanophilo".

"O meu programma", disse o Sr. Pueyrredon com um justo desvanecimento, "não é em favor deste ou daquelle, é universal. A menos que a Liga inclua todo o mundo civilisado, não constitue uma Liga das Nações, sim uma liga de algumas nações". As suas propostas estão, de resto, na tradição da nação que na primeira Conferencia Pan-americana em Washing-

ton, em 1890, declarou pela voz do seu delegado Saenz Pena, que a America não era só para os americanos, que era para a humanidade. Ellas contrastam favoravelmente com a tonalidade exclusivamente egoista das propostas canadenses, as quaes comportam, além da eliminação do artigo X — esta para attrahir os Estados Unidos e tambem para escapar a novas sangrias — o direito para cada nação de regular o caracter da sua população por meio da restricção da immigração estrangeira, o que significa excluir os amarelos, e a completa independencia economica, para não ter que contribuir com materias primas para a penuria européa.

O jornal hespanhol de New York *La Prensa*, pondo em relevo a larga visão intellectual dos maiores pensadores argentinos e a expressão "quasi evangelica" de Saenz Pena, escreve que a delegação argentina levou ás sessões da Liga uma rajada de ar puro, um impulso generoso de povo joven para o qual não existem os egoismos ancestraes, pois que por elle corre uma seiva nova e regeneradora. Suas propostas resumem o pensamento de uma grande parte dos povos americanos". Por outras palavras, a Argentina pôz-se á frente delles.

VIAGENS

O JAPÃO VISTO PELO DR. ARTHUR NEIVA

Regressou do Japão, em começo do mez passado, o illustre dr. ARTHUR NEIVA, que para lá fôra commissionedo pelo governo de S. Paulo, a estudar a organização sanitaria daquelle paiz, e tambem para realizar algumas conferencias, a convite da autoridade sanitaria japoneza. S. s. fez interessantes declarações aos jornaes do Rio. Eis o que disse ao "Imparcial":

As minhas impressões — começou o Dr. Arthur Neiva — são as melhores possíveis. Naturalmente, o Japão tem um modo de viver completamente differente do Occidente, mas tudo quanto elle accitou da Europa realiza de uma maneira inexcédível.

Telegraphos, correios, vias de navegação, estradas, tudo é extraordinario.

Todos os elementos que a industria moderna tem inventado para auxiliar o movimento das nações são ali recebidos com entusiasmo, podendo-se ver mesmo nas remotas provincias lanchas e automoveis em serviço de pescarias e outros engenhos mecanicos postos pelo homem a serviço do progresso.

A nação é dividida em partidos e o povo tem uma exacta comprehensão dos deveres de cidadão, de modo que se pode ver correntes de opinião sustentadas pelos seus jornaes.

O habito da leitura está diffundido em todas as camadas, sendo commum ver-se o mais humilde operario, nas horas de descanso, lendo ou frequentando as numerosas livrarias existentes em toda parte, no Japão.

Nesse particular, aquelle paiz faz-nos lembrar a Noruega.

Pude apreciar o carinho com que são tratados os operarios nas grandes usinas japonezas, carinho expresso em confortos de toda a ordem, desde a assistencia medica até ás diversões, cinemas, campos para sport e ainda seguros contra os accidentes.

Em geral, as installações hospitalares no Japão não têm o luxo das similares occidentaes, mas o que dá logo na vista é o perfeito funcionamento de todas ellas.

E' preciso lembrar-se que o Japão começou o trabalho de remodelação ha apenas 60 annos e, nesse espaço de tempo, realizou obras devéras maravilhosas, e duvido que qualquer outro povo fizesse mais nesse curto prazo.

Poderemos proval-o dizendo que o Japão ha 60 annos não conhecia nem o phosphoro, coisa que causou impressão quando do desembarque das tropas europeas; entretanto, hoje, o Japão não só se abastece de todos os productos que a industria moderna fabrica, como ainda exporta para varios paizes.

E isto apezar da luta incessante e quotidiana que tem de travar com o concorrente.

Falando sobre a imprensa do Japão, informamos o Dr. Arthur Neiva:

— Os maiores periodicos japonezes são "Osaka Asahi Shinbun", "Tokio Asahi Shinbun", orgãos neutros.

Ainda existem o "Tokio Nichimichi", "Kokumin Shinbun" e "Hochi Shinbun", os quaes estão divididos conforme a orientação dos partidos politicos, que são os seguintes:

Heiyuhai, presidido pelo Sr. Hara, actual presidente do Conselho, que possui a maioria no Congresso; Kenseikai, que tem como presidente o Sr. Kato, partido de opposição ao primeiro e que occupa o segundo logar em importancia parlamentar; Kokumin, chamado nacional, de opposição aos dois primeiros e chefiado pelo Sr. Inukai, que possui alguns homens no Congresso.

Ao lado disso ha correntes modernas sustentadas por revistas de grande sahida e correntes propriamente socialistas que vão abrindo caminho no Japão, tendo por orgãos periodicos como "Kaizo" (A reconstrução) e "Kai Ho" (A Emancipação).

A imprensa não se reduz a isso. Ha, ainda no Japão, revistas de theatro, litteratura, sciencia, tudo escripto em japonez.

Os principaes jornaes têm tiragens formidaveis, pois, no Japão, que possui a oppulação de 60 milhões de habitantes, todos sabem ler, possuindo, alem disso,



grande avidez pelo estudo e interessando-se vivamente pelos problemas que agitam o paiz.

O estrangeiro lê de preferencia um jornal escripto em inglez e sustentado por capital norte-americano, visivelmente infenso a tudo quanto é japonez.

Surprehende o tom aggressivo dos seus artigos.

Isso vale por uma demonstração eloquente do espirito de tolerancia e de liberdade existente na grande nação.

Apezar de ser uma monarchia com 2.500 annos de existencia, o Japão é mais adeantado, democraticamente, que a nossa terra.

A sciencia é lá applicada para resolver todos os problemas, e foi com agradavel empresa que tiver oportunidade de visitar a grande cultura de perolas pelos methodos scientificos existente em Mianamoto, uma das paragens remotas do Japão.

Essa foi uma das melhores impressões que me ficaram da visita.

Resumindo com muita eloquencia as impressões de que nos falava, disse o Dr. Arthur Neiva:

—Naturalmente todo o paiz possui o lado brilhante e o lado escuro, mas somando todas as parcelas de um e de outro, o total a favor do Japão é extraordinario, além de ser um maravilhoso exemplo de energia, capacidade de trabalho, tenacidade e grande intelligencia, operado por um povo que depois de ter cultivado o proprio solo desde a beira-mar até o cume das montanhas — e isso não é figura de rhetorica, mas a expressão da verdade, — realizou o prodigioso trabalho de criação de uma industria moderna; resolveu todos os seus problemas mais prementes, como a instrução publica, por exemplo, que é encarada, no Japão, como das mais sérias questões; formou uma enorme frota mercante; produziu um magnifico aparelhamento militar, cujos gloriosos feitos todos conhecem e conseguiu sanear suas finanças a ponto de a moeda nacional ser das raras que não se depreciaram com a crise mundial sobrevinda com a guerra.

Quanto aos sentimentos do Japão para com o nosso paiz, o dr. Arthur Neiva disse-nos que os japonezes nos consideram um paiz amigo, e prova irrecusavel disso são as carinhosas manifestações e as extremas gentilezas de que foi alvo.

Sentia, porém, que a Argentina é alli um paiz mais conhecido que o nosso, não só no Japão como por todo o oriente e ainda na Africa do Sul.

HYGIENE

O FLAGELLO DA UNCINARIOSE

O sr. professor HACKETT, chefe da missão Rockefeller no Brasil, falou ha dias na Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio, onde foi recebido como socio honora-

rio, sobre a anemia na uncinariose. Qual a causa dessa molestia, caracterizada pela redução dos globulos vermelhos?

Uns a attribuem a uma toxina injectada pelo verme; outros julgam-na conseqüente de uma hemorragia. O dr. Hackett acha esta hypothese mais accetavel. Nenhuma toxina ainda foi demonstrada, nem mesmo no extracto concentrado de milhares de vermes. Os pequenos desvios de complemento, pelo emprego de antigos preparados de uncinaria, não são de molde a convencer ninguem. A mesma reacção é observada nas outras helminthoses, maximé nas infestações com ascarides. Aliás, muitos são os que consideram impossivel que 100 ou mesmo 500 desses minusculos nematodes possam produzir tanto damno, pela mera subtracção do sangue. E' absurdo suppôr, com Kofoid, que a hemorragia trivial causada por cinco vermes seja a unica responsavel. E' muito provavel que a uncinaria se alimente de preferencia, não de sangue, mas de tecidos, estabelecendo pequenos pontos hemorragicos no acto de se alimentar. Assim, em vez de uma gotta de sangue de que necessita o verme para a sua nutrição, ha uma perda que pôde atingir a quatro ou cinco gottas, que, numa infestação de 300 vermes (a media encontrada nas lavouras de café de S. Paulo), perfazem um total não inferior a 10 centimetros cubicos, podendo approximar-se de 40 ou 50. Deve-se notar que as infestações de 500 a 1.000 vermes são frequentes.

Ora, sempre se julgou que todos os casos de uncinariose revelam um grão de anemia mais ou menos proporcional ao numero de parasitas abrigados. Os estudos de Darling em Malaya levaram-no a attribuir a cada doze vermes uma baixa de 1% na taxa de hemoglobina. Elle proprio observou que esse effeito se poderia velar em certos individuos em virtude de factores como a alimentação abundante e a isenção de trabalho physico. Coube, porém, ao dr. Smillie, apontar, em S. Paulo, que, numa população mixta de ambos os sexos e todas as classes, edades e profissões, a taxa hemoglobínica não é positivamente um indice seguro do numero de parasitas abrigados por um individuo. Seus graphicos demonstram que as crianças até 10 annos podem augmentar a sua taxa de hemoglobina, apesar duma infestação com uncinaria. Os adultos podem manter um quadro sanguineo normal, quando infestados. Em regra geral, uma anemia extrema não significa sempre uma infestação numericamente grande, assim como uma taxa approximadamente normal de hemoglobina não indica a ausencia de uma infestação nociva. A anemia é symptoma saliente na uncinariose apenas porque esta recae sobre a classe mais desamparada da sociedade, ignorante, mal nutrida e sobrecarregada.

E' certo, diz o dr. Hackett, que numero

igual de uncinarias produzirá a mesma perda de sangue em todos os individuos. Em certos casos, porém, a destruição está mais ou menos mascarada. A mocidade, o ocio e o alimento farto permitem aos elementos formadores de sangue compensarem o damno, á medida que elle occorre. Uma batalha não é menos mortifera, porque seja possível providenciar reforços sufficientes para preencher as vagas deixadas pelos mortos. O custo dum combate não se determina com a contagem dos sobreviventes, senão pelo recenseamento dos cahidos. Mudando o symbolo, podemos comparar um individuo infestado mas que possui taxa regular de hemoglobina a um caso de insufficiencia valvular bem compensado. O aspecto de saude apresentado é bom, mas as reservas estão sendo gastas. A uma companhia de seguro tal individuo apresentaria um caso arriscado, apesar de sua boa apparencia.

O numero approximado de vermes abrigados por um dado individuo deve ser calculado, não sobre a anemia revelada, mas sim em relação á occupação da pessoa.

"A uncinariose é uma molestia verdadeiramente de occupação: ella existe principalmente entre os pequenos agricultores e depende, para a sua propagação, de um longo contacto com o solo humido, quente e polluido, da roça. Um roceiro hospedará, em geral, 300 uncinarias para cima e deverá receber tres tratamentos completos, qualquer que seja a taxa de hemoglobina.

A infestação se propagará por todas as classes ruraes e mesmo suburbanas da região, porém, numa forma leve, necessitando menor numero de tratamentos, mas nunca menos de do's, fóra os velhinhos e as crianças inferiores de 5 annos de idade.

Conclusões:

I — Anemia, posto que o mais commum e importante dentre os symptomas de uncinariose, depende menos do numero actual de parasitas hospedados de que outros factores como sejam a idade, a nutrição e a condição de vida.

II — Antes de podermos aceitar a theoria de que a causa da anemia está numa toxina elaborada pela uncinaria, devemos explicar por que ella não produz alteração immunologica nos tecidos do hospede.

III — A favor da theoria hemorragica está o facto de que nos adultos bem nutridos a perda do sangue pôde ser completamente compensada pela actividade da medulla ossea.

IV — O uso do índice da hemoglobina para determinar o numero de tratamentos a serem dados é illogico. Este deve depender do numero de vermes abrigados, por sua vez, depende, em regra, da occupação do individuo.

QUESTÕES SOCIAES

CASAMENTO E PATERNIDADE

Sob uma fórma leve e engraçada, mas com boas razões, entre boas pilherias, o chronista da Vida Forense, n.º "O Estado de S. Paulo", rebateu algumas conclusões apressadas, que se haviam tirado das estatísticas judiarias da Capital da Republica.

Impressionou-se muito um jornal do Rio com o avultado numero de processos de nullidade de casamento e de investigação da paternidade, que durante o anno findo se julgaram naquella capital, e com a admiravel impavidez de generalisação, que só se encontra entre os jornalistas e os caixeiros viajantes, concluiu, desalentado, que nem a legislação do Brasil é sufficientemente cautelosa, nem a sociedade nacional se recomenda pelo amor aos bons costumes.

Ha grande eaggero na conclusão e pessimismo doctio no desalento. O que se passou no Rio foi, mais ou menos, o que se passa em todas as partes do mundo: a manifestação vulgar do pendor humano para a mudança de estado... As nullidades de casamento não denunciam qualquer molestia especifica do nosso organismo social; revelam apenas que o homem é, no Brasil, a mesma coisa que costuma ser e tem sido nas outras partes da terra: um ser curioso, que se deleita nas mudanças... As acções de nullidade de casamento, longe de accusar frouxidão de costumes, denotam precisamente um grande respeito ás fórmulas jurídicas e sociais. O brasileiro em vez de procurar na mancebia a necessaria satisfação aos seus instinctos de animal curioso, vae buscar recurso na propria lei, para alimentar o seu vicio sem ferir as susceptibilidades das familias. Com a multiplicidade de casamentos realizados de accôrdo com a lei elle descobriu o meio de conciliar as exigencias do seu temperamento cambiantemente com os rigores intrataveis da pudicia collectiva. Naturalmente polygamo, o homem não consentiu que a civilisação lhe suffocasse as tendencias nativas. Entrou em accôrdo com ella e obteve que ella lhe concedesse a faculdade de exercer a sua polygamia de maneira discreta. Em vez de praticar a de golpe, simultaneamente, passou a praticar a aos bocados, por séries. Momentaneamente monogamo, a sua vida é, entretanto, um conjuncto de actos de polygamia. Pela monogamia successiva, facilitada pelo divorcio e pelas nullidades de casamento, elle alcança o objectivo natural de se manter polygamo, e os bons costumes que a civilisação tem o dever de amparar, nada soffrem. Com a civilisação, como com o ceu, "il y a des accommodements"...

Do que é esse instincto e qual a sua

força mostra-o com uma evidencia de cegar o caso de David. David foi um cidadão escolhido por Deus, pessoalmente, para exercer as funções de rei do seu povo amado e de tronco de uma familia que, entre os seus descendentes, viria a contar, mais tarde, o proprio Christo. Reservou-lhe, portanto, o destino mais alto que se podia offerecer a um homem. Cumulou-o de bençams de toda a ordem; deu-lhe victorias innumeradas; dotou-o com talentos especiaes de musico e dansarino; fel-o amavel e gentil; poz-lhe no gesto e no porte todas as seducções, ornou-lhe o espirito com todas as graças; collocou-o, em sua palavra, num plano superior ao que occupavam os homens superiores da época. David ficou sendo, na terra, um membro da sua familia celeste. Pois bem, esse cavalheiro, assim tão mimado do Senhor, que não avançava um passo que não fosse alumiado pela sabedoria divina, legou-nos o exemplo de uma assombrosa actividade polygama. Leja-se, para vê-lo, o capitulo III do segundo livro de Samuel. Enumerando os filhos que a David nasceram em Hebron, aponta-lhe Samuel, logo de pancada, seis mulheres: Aquinoão de Jezabel, mãe de Amnon; Abigail, mãe de Quelab; Maaca, mãe de Absalão; Haggith, mãe de Adonias; Abital, mãe de Saphatia; e Egia, mãe de Jathraão. Como se já não fosse pouco, conta o propheta, logo adiante, que, morto Saul e desbaratados os seus exercitos, o commandante das forças, Abner, mandou propôr pazes a David, compromettendo-se a reduzir ao seu mando todo o Israel. Sabem qual foi a resposta de David? Foi esta, textualmente:

— Optimamente. Eu farei amizade contigo; mas, peço-te uma coisa, dizendo: tu não me verás, sem primeiro me trazeres a Michol, filha de Saul. E, deste modo, virás e me verás ..

E acrescenta o escriptor bíblico:

Envio depois David mensageiros a Isboseth, filho de Saul, dizendo: — Restitue-me a Michol, minha mulher, que eu desposi por... (a Biblia narra, neste ponto, o estranho presente de nupcias que David offereceu a Michol. Nós, porém, que somos muito menos virtuosos que a Biblia e que não temos a candidez que ella possuia, não nos atrevemos a escrever qual foi. Quem a quizer saber e não tiver as fibras do pudor muito sensíveis, que procure o versiculo XIV, do capitulo III, do segundo livro de Samuel...)

Não satisfeito com a restituição dessa dama ao seu patrimonio feminino, David, é ainda Samuel quem o affirma, tomou concubinas e mulheres em Jerusalém, depois que de Hebron para alli foi. Dessas mulheres teve mais onze filhos entre os quaes figura Salomão, que, como se sabe, lhe herdou a furia matrimonial e concubinal...

E o Senhor não se agastou com isso. Tanto assim foi que, após essas proezas

amorosas, affirma o chronista bíblico, David se ia fortificando e crescendo mais e mais e o Senhor Deus dos exercitos era com elle. Nas vespersas de um combate, appellando o rei mulherengo para a clemencia do Senhor, este ainda lhe respondeu, sem a mais leve sombra de queixume ou de ameaça:

— Vac e eu entregarei e porei os philisteus nas tuas mãos.

Vê, portanto, o nosso collega do Rio que a polygamia, ora disfarçada em nulidade de casamento, não é incompativel com a existencia da collectividade, nem merece os raios com que a estreita moralidade dos nossos tempos procura fulminar-a...

Menos razoaveis ainda são os seus sustos, no que toca ao volume de investigações da paternidade. Não é a dissolução de costumes que as faz proliferarem. E' tambem um instincto nativo do homem — o instincto de crescer aos olhos de semelhantes. Mais vale ter um pae illegitimo, do que não ter pae algum... Demais a mais, ha gente que tira vaidade do facto de ter nascido á margem de certas familias. Por milhares contam-se os individuos do estofa daquelle a que se refere a anecdotica franceza. Apresentado um mancebo, todo empertigado, em certo salão de Paris, a um grupo de senhoras risonhas, disse alguém que elle era descendente de um grande senhor, cujo nome não nos occorre.

— Ah! Sim? — exclamaram as damas, a uma voz, maravilhadadas.

E o mancebo, empertigando-se ainda mais, com toda a solemnidade:

— Sim, senhoras; pelo ramos bastardo.

ENSINO

O DESCASO NACIONAL PELA INSTRUCÇÃO POPULAR

O sr. LOURENÇO FILHO examina, em artigo inserto no "Estado de S. Paulo", o valor da asserção commumente avançada, de que o nosso paiz não tem recursos para diffundir o ensino primario em proporção com as cifras da população analfabeta.

A affirmativa de que a instrucção não se faz sem muito dispendio, innegavel na sua accepção geral, é, aliás, um circuito vicioso, que já o conselheiro Paulino frizava na Camara do Império, e Ruy Barbosa deu tão larga documentação no seu nunca bem louvado parecer de 1883. Se para instruir é preciso dispendier, os gastos em breve fructificam nas mais potentes fontes de renda. Se ha, com effeito, verdade economica bem estabelecida hoje, dizia já Greard, no seu celebre relatorio á Exposição Universal de 1878, está em que o paiz mais illustrado é, ou ha de ser, se ainda o não é,

o mais rico. A estatística organizada em 1872 pelos conselhos escolares da America do Norte, punha frente a frente os Estados onde a instrução primaria se achava atrasada e onde havia progresso: e esse quadro correspondia com uma precisão quasi mathematica ao quadro do movimento do commercio e da industria. A mesma concordancia foi demonstrada em relação á Austria e á Allemanha.

Se ficarmos esperando que o dinheiro cáia do céu, para com elle dar combate á ignorancia popular, claro está que as trevas hão de ser cada dia mais espessas, e o céu, cada manhan, menos caridoso. Verdade se diga, porém, nem o Brasil está em tal penuria que não possa e deva cuidar do ensino, nem a penuria justificaria o abandono da educação popular, porque é por ella mesma que, mais depressa, poderá o paiz ter as suas abastanças.

O que nos tem faltado é uma mais lucida comprehensão, por parte da maioria dos governos estaduaes, da necessidade da instrução popular extensa, do ABC a todos, com uma organização nacional do ensino, e mesmo melhor aproveitamento dos dinheiros que por essa verba se gastam. Ainda não chegaram os nossos estadistas á comprehensão de que, sem instrução, o nosso povo é uma mistura sem alma; de que as nações modernas terão de ser obra de arte politica e a politica, hoje, mais que tudo, é EDUCAR.

O mesmo articulista, proseguindo nas suas considerações, mostra, com os seguintes quadros, relativos ao exercicio de 1920, o que dispendem com a instrução varias circumscrições da Republica:

ESTADOS	RECEITA	INSTRUCÇÃO
S. Paulo	102.446:800\$000	18 %
Districto Federal.	57.015:602\$000	18 %
Minas Geraes	38.377:400\$000	13 %
Rio Grande do Sul	29.498:607\$000	13 %
Bahia	29.361:500\$000	5 %
Pernambuco	21.432:332\$000	4 %
Rio de Janeiro	14.883:722\$000	12 %
Pará	11.697:500\$000	7 %
Paraná.	9.650:000\$000	8 %
Amazonas	9.595:000\$000	10 %
Ceará	5.989:178\$000	18 %
Parahyba	5.640:547\$000	12 %
Espirito Santo.	5.406:500\$000	8 %
Santa Catharina	5.345:017\$000	17 %
Sergipe	4.790:934\$000	10 %
Alagoas	3.877:699\$000	12 %
Rio Grande do Norte.	2.694:000\$000	12 %

(Faltam os Estados de Matto Grosso, Maranhão e Piauhy)

Da educação do povo, verdadeiramente, pois que instruir o povo, segundo o nosso proprio preceito constitucional, é dar-lhe instrução elemental, estas cifras não dizem bem a realidade. Ahi estão computados justamente os gastos com os estabelecimentos de ensino primario, secundario e superior — as fabricas de doutores,

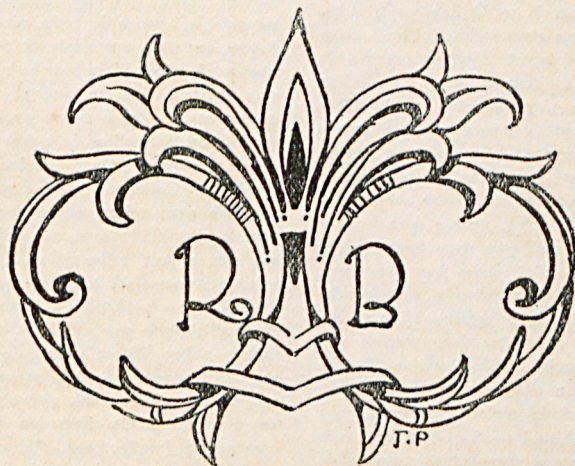
que tanto proliferam sob o nosso sol, com evidente prejuizo do nivel de cultura para as chamadas classes intellectuaes, e em detrimento manifesto do ensino primario. Compare-se, por exemplo, o que cada Estado consome, em ensino primario, e secundario e superior, respectivamente:

ESTADOS	INST. PRIMARIA	SECUND. E SUPER.
S. Paulo	19.410:434\$000	3.809:720\$000
Districto Federal.	11.102:920\$000	2.391:706\$000
Minas Geraes	6.020:720\$000	501:940\$000
Rio Grande do Sul	4.002:672\$000	—
Rio de Janeiro	1.862:221\$000	398:819\$000
Bahia	1.509:431\$000	428:737\$000
Ceará	1.101:390\$000	347:486\$000
Santa Catharina.	963:520\$000	777:800\$000
Amazonas.	950:580\$000	482:020\$000
Pará	870:692\$000	675:165\$000
Pernambuco	856:861\$000	402:100\$000
Paraná.	848:100\$000	134:940\$000
Parahyba.	688:201\$000	216:940\$000
Sergipe	518:522\$000	227:570\$000
Alagoas	477:985\$000	—
Espirito Santo	454:240\$000	141:120\$000
Rio Grande do Norte	327:860\$000	92:140\$000

O simples confronto desses algarismos demonstra que se impõe um entendimento nacional para a solução do problema do ensino popular. Ha muita coisa feita, mas muito ha ainda que fazer, e bem mais proveitoso seria que esse muito se fizesse com consciencia das necessidades exactas do paiz, e com uma direcção po-

litico-social organisadora, que só um congresso nacional de organização do ensino seria capaz de fornecer.

Esse congresso, com representantes capazes de todos os Estados, já foi lembrado para o Centenario, como sendo a melhor e mais digna commemoração da Independencia. E seria innegavelmente.





MORTOS E VIVOS

A Academia Brasileira teve a boa lembrança de repatriar os restos mortaes de Raymundo Correia e Guimarães Passos, os dois illustres poetas brasileiros, que o destino quiz dolorosamente afastados da terra natal, nos seus ultimos dias. Além dessa piedosa homenagem, ainda lhes prestou a "douta companhia" uma outra, não menos tocante — a de uma sessão solemne durante a qual varios academicos usaram da palavra, uns para dizer dos meritos dos extinctos, outros para recitar algumas das melhores produções que elles deixaram. Foi, como bem se disse, uma bella festa de admiração e de saudade. Todos, em doce communhão, se estreitaram nas expansões dos mesmos sentimentos amaveis. Assim, vae a Academia, e alliada a ella a parte mais intellectual da sociedade carioca, transmudando em pratica habitual aquillo que, uma vez por outra, teve a companhia occasião de fazer, em relação aos mortos illustres da casa e da literatura nacional.

Muito, muito bem! Entre as varias iniciativas do Senado das nossas letras, qual mais nobre, qual mais sympathica? Relembrar e exaltar defuntos, glorificar individuos que lá estão naquelle paiz de onde se não volta, e de onde não se pôdem rtribuir gntilezas aos que ficam — eis uma acção formosamente esteril, em forte contraste com o que se pratica todo o dia em relação aos vivos illustres, — a certos vivos illustres, quando me nos. A Academia, sendo uma associação de literatos, — de literatos, que a infinita maldade da gente boa se delicia em cobrir de calumnias nem sempre inno-

centes — é ainda neste paiz a corporação que dá mais frequentemente estes exemplos de acção desinteressada.

Mas não vamos longe demais com o louvor! Não exagerar nunca. A douta companhia, apesar de tudo, ainda está um pouco longe da santidade. É certo que os mortos já não pôdem retribuir gentilezas; mas tambem é certo que já não pôdem querer mal... Se é nobre exaltar o valor verdadeiro daquelles de quem já se não espera sequer um agradecimento, é, igualmente commodo clogiar sem reservas aquelles que, sejam quaes forem as circunstancias futuras, nunca serão os nossos rivaes, ou adversarios... A Academia, portanto, dá um optimo exemplo, que já ficou registado e louvado; mas a Academia daria um outro exemplo, e não menos nobre, forcejando, de seu lado, com a vantagem do seu prestigio invejavel, para melhorar um pouco as relações entre os vivos. Os chamados *intellectuaes*, com serem *intellectuaes*, são, em verdade, na vida, os mais instinctivos dos seres. Pasmosa, a sua incomprehensão das outras almas; selvagens, os seus impulsos destruidores...

Não falemos de coisas tristes. Pensemos antes nos mortos. Vivam os mortos.

YORICK.

*

MOVIMENTO EDITORIAL

Esteve nesta capital o distincto escriptor sr. Antonio Sergio, bem conhecido nos meios intellectuaes brasileiros. Veiu como representante das empresas do "Anuario do Brasil", do Rio de Janeiro, e "Renascença Portuguesa", do Porto.

A segunda destas duas empresas é a editora da apreciada revista literaria "A Aguia", e de muitas obras que de tempos a esta parte apparecem com frequencia nas nossas livrarias.

As duas empresas reunidas estão agora fazendo edições no Rio de Janeiro, todas com um cunho artistico bem accentuado. O sr. Antonio Sergio dirige, no Rio, esse serviço, que tantos beneficios vae certamente produzir ao adiantamento das letras e aos progressos do gosto.

O sr. Antonio Sergio offereceu-nos os seguintes livros, editados sob a sua direcção:

Antonio Sergio — *Ensaíos*, tomo I.

Alfredo Varela — *Rememranças* (memorias posthumas), 1.^a serie, com muitas illustrações.

Mario de Alencar — *Contos e Impresões*.

Leonardo Coimbra — *A Alegria, a Dôr e a Graça* — 2.^a edição.

Teixeira de Paschoaes — *Arte de ser portuguez* — 2.^a edição.

Platão — *Fédon*, dialogo sobre a alma e morte de Socrates — trad. de Angelo Ribeiro, com prefacio de Leonardo Coimbra — 2.^a edição.

"Anthologia Universal":

1 — Manuel Bernardes — *Historias varias*.

2 — Soror Mariana — *Cartas de amor*, nova restituição com esboço critico de Jayme Cortezão.

3 — José de Alencar — *Iracema*, com prefacio de Mario de Alencar.

4 — Almeida Garrett — *Frei Luiz de Souza*.

5 — Gonzaga — *Lyricas* (de Marília de Dirceu), prefacio e notas de Alberto Faria.

6 — Fernão Mendes Pinto — *Em busca do Corsario*.

7 — Carlos Dickens — *Canto do Natal*, trad. de d. Virginia de Castro e Almeida.

** Está para apparecer a qualquer momento o 2.^o volume da "Novella Nacional", edição da casa Olegario Ribeiro. Occupa-o Monteiro Lobato com uma historia do tempo antigo — *Os Negros*. O volume, em tudo semelhante ao primeiro da série, é illustrado pelo sr. Ruy Ferreira.

A mesma casa editora lançará por estes dias a "Novella Semanal", série de folhetos a preço reduzidissimo, mas de boa apparencia, destinada a vulgarizar as produções dos nossos novellistas e contadores, com um supplemento de chronicas, versos e outros escriptos.

CONCURSOS LITERARIOS

Trecho de um artigo do sr. João Ribeiro, sobre os concursos literarios:

A Academia Brasileira está neste momento occupada no julgamento de obras

literarias que se apresentaram a disputar os premios instituidos para o anno corrente.

Conta-se por dezenas (e até por centenas!) o numero de concurrentes — o que, desde logo demonstra não ser insignificante o nosso movimento literario, pela quantidade e um pouco tambem, deve crer-se pela qualidade.

De facto, para que é escrever tanto? Uma mania? doença, acaso? acaso vaidade?

Póde ser tudo isso, mas sempre será um symptoma apreciavel na avaliação da vida intellectual, que teima heroicamente em produzir e semear letras num paiz de analphabets.

Em nossa tarefa difficil e arriscada, de critico literario nesta mesma folha, pudemos verificar o que até então ignoravamos: a numerosa produção esparsa por todo o paiz, de livros estimaveis que iam e vão desaparecendo por falta de um systema de concentração nacional.

Sob todos os aspectos da nossa vida, a immensa vastidão do territorio annulla todas as forças fragmentarias, que se esterilizam no isolamento ou na mutua ignorancia umas das outras.

A literatura participa naturalmente, dessa dispersão... Não ha nexos internos em nosso organismo, e, não fóra por exemplo a França (como já o foi Portugal) a mãe educadora das nossas idéas e tendencias mentaes, nenhuma unidade de espirito offereceria a literatura brasileira.

EMILIANO PERNETTA

Falleceu a 19 do passado, repentinamente, em Curytiba, o poeta Emiliano Pernetta, autor de varios volumes apreciados.

Emiliano Pernetta era formado pela Faculdade de Direito de S. Paulo. Foi um dos propagandistas da Republica. Deixou as seguintes obras: "Musicas", "Pena de Talião", "Illusão", o libreto da opera "Papillio Innocentia", extrahida do conhecido romance de Taunay e composta pelo maestro Leo Kessler, de Curytiba. Deixa tambem, ao que consta, muitas poesias ineditas.

O enterro do brilhante homem de letras, muito querido naquelle Estado, teve grande acompanhamento. Houve muitas manifestações de pesar, por parte das autoridades, associações, imprensa, sociedade curytibana, etc.

ACADEMIA BRASILEIRA

D. Silverio Gomes Pimenta, que na primeira quinzena de Janeiro completou 81 annos de idade, é o menos joven dos membros da Academia Brasileira de Letras, porquanto nasceram nos seguintes annos os nossos *immortaes*:

1840, D. Silverio Gomes Pimenta; 1847, Carlos de Laet; 1849, Ruy Barbosa; 1850, Dantas Barreto; 1853, Silva Ramos; 1857, Alberto de Oliveira; 1857, Filinto

de Almeida; 1859, Pedro Lessa; 1859, Clovis Bevilacqua; 1860, Affonso Celso; 1860, Augusto de Lima; 1860, João Ribeiro; 1861, Luiz Murat; 1861, Xavier Marques; 1862, Domicio da Gama; 1863, Lauro Muller; 1864, Coelho Netto; 1864, Miguel Couto; 1865, Alfredo Pujol; 1866, Vicente de Carvalho; 1866, Rodrigo Octavio; 1867, Ataulpho N. de Paiva; 1867, Medeiros e Albuquerque; 1867, Oliveira Lima; 1868, Graça Aranha; 1869, Alberto Faria; 1870, Osorio Duque-Estrada; 1872, Mario de Alencar; 1872, Magalhães de Arevedo; 1875, Amadeu Amaral; 1876, Antonio Austregesilo; 1876, Afranio Peixoto; 1878, Alcides Maya; 1878, Luiz Guimarães Filho; 1879, Felix Pacheco; 1881, Aloysio de Castro; 1881, Paulo Barreto; 1882, Goulart de Andrade; 1883, Helio Lobo, e 1886, Humberto de Campos.

Esta lista só offerece duas ou tres duvidas, ao que declara o jornal que primeiro a inseriu.

Na Academia Franceza, que se acha tambem completa, o membro mais velho é Freycinet, com 93 annos, e o mais moço, Roberto de Flers com 49 annos.

* * Realizou-se em 13 do passado, a sessão semanal da Academia com a presença dos srs. Carlos de Laet, Ataulpho Paiva, Goulart de Andrade, Aloysio de Castro, Alberto de Oliveira, Affonso Celso, Afranio Peixoto, Antonio Austregesilo, Augusto de Lima, Coelho Netto, Dantas Barreto, Filinto de Almeida, Humberto de Campos, João Ribeiro, Lauro Muller, Luiz Murat, Mario de Alencar, Medeiros e Albuquerque, Miguel Couto, Osorio Duque-Estrada e Silva Ramos.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, foram lidos no expediente, além de outros papeis, uma carta do sr. João Lucio, membro da Academia Mineira de Letras, apresentando-se candidato a um dos premios Alves ás tres melhores obras sobre divulgação do ensino primario no Brasil. Para tal, o sr. João Lucio apresentou o seu livro de leitura para crianças — "Os Bonecos de Violeta", apparecido, o anno passado, em Bello Horizonte.

Aos premios Alves, para obras sobre divulgação do ensino primario, só se haviam apresentado dois concorrentes, o sr. João Lucio e o dr. Francisco Eugenio de Toledo, com a "Analyse da Constituição Federal". Quanto aos premios para as tres melhores obras sobre a lingua portugueza, não se apresentou candidato algum nos termos dos editaes publicados no "Diario Official" e na "Revista da Academia". Para esses seis premios, na totalidade de 36:000\$ (trinta e seis contos de réis), e que só são distribuidos de cinco em cinco annos, a inscrição acha-se aberta até 31 de Março proximo.

Tendo-se alguns academicos excusado de pertencerem ás commissões julgadoras dos premios literarios e dos premios Alves, sorteados na ultima sessão do anno findo, e porque as inscrições para os premios literarios se encerraram com 194 concorrentes, houve novo sorteio para as vagas occorridas, ficando assim constituídas as commissões:

Premios Alves: 1.^a commissão — Srs. Carlos de Laet, Humberto de Campos, Mario de Alencar, Miguel Couto e Osorio Duque-Estrada.

Segunda commissão — Srs. Antonio Austregesilo, Ataulpho Paiva, Coelho Netto, Felix Pacheco, Goulart de Andrade.

Premios Literarios: Poesia — Srs. Aloysio de Castro, Humberto de Campos e Lauro Muller.

Romance — Srs. Afranio Peixoto, Filinto de Almeida e Mario de Alencar.

Novellas, contos, etc. — Srs. Affonso Celso, Augusto de Lima e João Ribeiro.

Theatro — Srs. Alberto Faria, Alberto de Oliveira e Silva Ramos.

Erudição — Srs. Antonio Austregesilo, Luiz Murat e Osorio Duque-Estrada.

Obras publicadas — Srs. Alberto Faria, Alberto de Oliveira, Coelho Netto, Filinto de Almeida e Medeiros e Albuquerque.

* * A Academia realizou, com grande assistencia, no dia 18 do passado, á noite, uma sessão solemne em homenagem a memoria de Raymundo Corrêa e Guimarães Passos, cujos restos mortaes a douta companhia mandou buscar a Pariz para lhes offerecer no chão da patria condigna morada.

Preidiu a sessão o Sr. Conde Carlos de Laet, tomando tambem assento á mesa os Srs. Ataulpho de Paiva, Secretario geral; Goulart de Andrade, 1.^o Secretario, e Aloysio de Castro, 2.^o Secretario. Estiveram presentes mais os seguintes academicos: srs. Luiz Murat, Augusto de Lima, Affonso Celso, Filinto de Almeida, Alberto de Oliveira, Coelho Netto, Medeiros e Albuquerque, Humberto de Campos, Lauro Müller, Silva Ramos, Miguel Couto, Mario de Alencar, João Ribeiro, Osorio Duque-Estrada, Antonio Austregesilo e Felix Pacheco.

Na assistencia viam-se numerosas senhoras e homens de letras, estando a familia de Raymundo Corrêa representada por uma filha do poeta e seu esposo, tenente Paixão.

A tribuna da Academia foi successivamente occupada pelos Srs. Mario de Alencar, Affonso Celso, Alberto de Oliveira, Filinto de Almeida, Medeiros e Albuquerque, Augusto de Lima, Coelho Netto, Goulart de Andrade e Humberto de Campos. Os dous ultimos e mais o Sr. Coelho Netto se occuparam especialmente de Guimarães Passos.

Todos os academicos acima citados trataram de Raymundo Corrêa, o admiravel cinzelador das "Alleuias" e dos "Versos e Versões". Disseram alguns longamente de seu merito litterario e de sua vida.

Assim a fgura de Raymundo Corrêa reviveu nas principaes de suas produções, sendo tambem recordada com carinho a rectidão de sua vida de magistrado e de chefe de familia.

O Sr. Carlos de Laet, que abriu a sessão com algumas palavras a respeito dos dous saudosos poetas, encerrou-a, pouco depois das onze e me'a, agradecendo a presença do publico selcto que enchia completamente o salão.

* * A' sessão semanal de 20 do pasado estiveram presentes os srs. Carlos de Laet, Ataulpho de Paiva, Goulart de Andrade, Aloysio de Castro, Alberto de Oliveira, Affonso Celso, Afranio Peixoto, Augusto de Lima, Coelho Netto, Filinto de Almeida, Humberto de Campos, João Ribeiro, Lauro Muller, Luiz Murat, Mario de Alencar, Medeiros e Albuquerque, Miguel Couto, Osorio Duque-Estrada e Silva Ramos.

O expediente constou de um officio da Academia das Sciencias de Lisboa, pedindo um exemplar dos estatutos e regimento da Academia; uma exposição do sr. Magalhães de Azeredo, sobre a elegibilidade das mulheres; um telegramma do sr. Luiz Guimarães Filho acerca das cerimonias funebres em honra do dramaturgo uruguayo Florencio Sanchez e uma carta do sr. Clemente Quaglio, de S. Paulo, apresentando-se candidato aos premios para as tres melhores obras sobre divulgação do ensino primario, de accordo com os editaes publicados. Para esse fim, o sr. Quaglio remetteu á secretaria exemplares de varias obras.

Foram communicadas diversas ooffer-tas á bibliotheca.

Na ordem do dia, em virtude de excusas apresentadas pelos srs. Alberto Faria e Alberto de Oliveira de servirem na commissão julgadora de obras ineditas de theatro, visto já se acharem ambos na commissão julgadora das obras publicadas em 1919, foram sorteados para os substituir os srs. Felix Pacheco e Miguel Couto.

Tratou-se em seguida do Diccionario de Brasileirismos, sendo lida pelo 1.º secretario uma copiosa contribuição da commissão de lexicographia, constituída pelos srs. Afranio Peixoto, João Ribeiro e Silva Ramos.

A POPULAÇÃO DO RIO DE JANEIRO

Commemorando a data da fundação da cidade de S. Sebastião, o sr. dr. Bulhões de Carvalho, director geral da Estatística, no Rio, publicou officialmente os resultados do recenseamento da capital da Republica.

Pela apuração feita em 1.º de Setembro do anno passado, verificou-se que a população do Rio, nessa data, era de 1.157.873 habitantes.

Relativamente ao inquerito agricola, anda sujeito a revisão, o resultado do recenseamento accusa a existencia, na Capital, de 2.054 estabelecimentos ruraes, representando um capital de mais de 18 mil contos, e o inquerito industrial, ainda incompleto, aponta 1.265 fabricas com 46.953 operarios, um capital de..... 269.595:858\$000 e uma produção representada em 1919 por 471.779:262\$000.

O gado estabulado existente fóra dos estabelecimentos ruraes e excluido o dos districtos municipaes de Guaratiba, Santa Cruz e zona este de Irajá, attingiu a 8.445 cabeças de especie bovina, 3.487 da cavallar, 11.608 da asinina e muar, 1.222 da ovina, 1.906 da caprina e 2.673 da suina.

Por esses numeros, poder-se-á ver o progresso da capital federal, que, em 1821 possuia pouco mais de 112.000 habitantes e no recenseamento realizado em 1906, por iniciativa do prefeito Pereira Passos, accusou uma população de 811.443 habitantes.

Do resultado colhido pelo censo o Director Geral dee Estatística assignala um facto curioso — a proporção em que vae crescendo a população dos suburbios em relação ao centro. Bem como recorda que em 1872 a relação, que era de 16,68 por cento de população suburbana para 83,32 % de população central da cidade, subiu a 17,78 em 1890, attingindo a porcentagem de 22,60 no recenseamento de 1906 para revelar no de 1920 a porcentagem de 31 %, o que quer dizer que em cada centena de habitantes 31 habitam os suburbios e 69 o centro da cidade.

Para commemorar taes resultados, a Casa da Moeda está cunhando umas artisticas medalhas que serão distribuidas ás commissões censitarias que se distinguiram pelos seus rtabalhos gratuitos, bem como a quantos concorreram de modo apreciavel para o exito do recenseamento.

*

Registrando os dados do recenseamento, na parte relativa ao Rio de Janeiro, fez o "Jornal do Commercio" os seguintes commentarios:

E' possivel que os resultados da operação censitaria do anno findo não satisficam os que argumentam exclusivamente inspirados por mal comprehendido nacionalismo, baseando-se em comparações internacionaes, nem sempre justificaveis. E' possivel mesmo que se invoque o exemplo de Buenos Aires para demonstrar uma pretensa deficiencia no algarismo divulgado pela Directoria de Estatística.

Não nos parece porém que sejam comparáveis, sem as necessárias reservas, as duas capitais, encaradas no ponto de vista do desenvolvimento demographico. Buenos Aires, como bem pondera Alberto Martinez, é a chave de um systema geographico que se liga pela navegação fluvial ao Paraguay e por via terrestre ao alto Perú e ao Chile, achando-se na vizinhança do Brasil e em face do cabo de Boa Esperança. E' o centro convergente de toda a immigração argentina e o unico emporio de primeira ordem existente na Republica do Prata. As suas condições differem radicalmente das do Rio de Janeiro. Fallece á nossa capital esse caracter de exclusividade, como centro de attracção para as correntes migratorias, não só vindas do exterior, como tambem de procedencia interna. No Brasil, ao contrario do que succede na Argentina, verifica-se um phenomeno de dispersão, sendo diversos os centros urbanos importantes que evoluem simultaneamente no norte e no sul do paiz, constituindo-se em centros autonomos de expansão demographica, differentemente localizados. E' conhecida a influencia do industrialismo sobre o augmento da população das cidades, devido á attracção que exercem os centros manufactureiros sobre as populações ruraes, produzindo a anomalia designada pela palavra "urbanismo".

No Brasil existem varias cidades manufactureiras mais ou menos proximas da Capital Federal, de forma que as migrações internas não têm por ponto exclusivo de convergencia a principal metropole do paiz. No Estado do Rio, por exemplo, onde o exodo rural se manifesta da maneira sensível, as populações se deslocam dos districtos agricolas para o Districto Federal e para S. Paulo, de modo que o "deficit" resultante desse factor negativo para a população fluminense beneficia igualmente as duas capitais.

Um estudo minucioso das cifras apuradas no recenseamento demographico demonstra o quanto são ellas approximadas da verdade, confirmando-as todos os indícios usuaes nas comprovações dessa natureza, e, entre estes, as taxas de natalidade e de mortalidade registadas no anno passado.

O recenseamento decenal de 1920 devia ser o quarto effectuado na Republica, sendo o primeiro o de 1890, que accusou uma população de 522.651 habitantes. O de 1900 foi cancelado quanto ao Districto Federal e o de 1910 não chegou a realisar-se, mal tendo ultrapassado a phase preliminar dos trabalhos preparatorios.

Antes da proclamação da Republica, foi a população do Rio de Janeiro objecto de varios inqueritos em 1799, em 1821, em 1838, em 1849, em 1856, em 1870 e em 1872. no recenseamento geral do imperio, a que então se procedeu. A primeira população apurada não excedeu a 42.168 habitantes, em 1799. Em 1821,

pelo censo feito pelo Ouvidor Geral, contava apenas o Rio 112.695 habitantes.

O recenseamento geral de 1920 foi o mais completo de todos quantos se realisaram até á presente data, pois não limitou as suas indagações á população exclusivamente, mas incluiu tambem na orbita dos seus inqueritos a riqueza agricola e a situação industrial do paiz.

** Ainda a proposito do recenseamento, o sr. João Ribeiro, n.º "O Jornal", tece, com simplicidade elegante, o cáldo louvor da capital brasileira. Um trecho:

O numero de habitantes do Rio de Janeiro, segundo a nota official divulgada nestes dias, é um milhão cento e sessenta mil habitantes.

Este algarismo, já enorme pela idéa que me fazia eu proprio da agglomeração urbana, causou-me agradável surpresa.

Fiz uma aposta — "inter amicos" — e ganhei-a só pelo exaggero do meu antagonista que marcava um milhão e meio o limite minimo da população. Mas, é certo que eu perderia a aposta, pois que difficilmente e apenas eu acreditava no milhão puro e simples dos mais entranhados pessimistas.

Tenho viajado assaz; e conheci grandes e pequenas cidades, mas nenhuma do porte exacto ou approximado do nosso Rio de Janeiro. Londres, Paris, Berlim e Vienna eram e são evidentemente grandes de mais para a comparação mesmo a olhos vistos. Ao mesmo tempo, Roma, Madrid ou Lisboa, demasiado pequenas, não suportariam o paralelo com a capital do Brasil. Apenas, uma grande cidade provincial da Allemanha poderia dar-me uma imagem approximada, e era e é ainda Hamburgo.

Falo apenas, já se vê, da Europa occidental e central, entre o Atlantico e o mar do Norte e o Adriatico, unica porção de terra que percorri nas minhas tres viagens pelo velho mundo.

Tenho sempre dito, com grande escandalo para os nossos absenteeistas, que nenhuma cidade da Europe possui como a nossa serviços municipaes tão perfectos. Nenhuma é tão bem illuminada como o Rio de Janeiro, nem de dia (o que é claro) nem de noite, o que é ainda negado por alguns papalvos. Nenhuma é tão bem calçada e pavimentada nas suas areas de asphalto ou fóra dellas. Nenhuma das grandes cidades é mais larga e interiormente arborisada, sem excluir Paris ou Vienna. Nenhuma excede nem eguala á nossa nos serviços de hygiene publica, na limpeza das ruas e dos jardins. Nenhuma talvez ou talvez muito poucas terão o serviço de assistencia que entre nós soccorre e acode até a enfermidades domesticas, por vezes insignifi-

cantes. Não sei se todas tem abundância de agua, mas é certo que a não tem igual. Se considerarmos que é o Rio de Janeiro uma cidade tropical, jamais dentro dos tropicos creou a civilização uma joia de tão subido quilate.

Não queremos, hoje, falar das lacunas, de falhas e defeitos que ha, e deve haver para estímulo da nossa gente. As construcções não alcançaram ainda a sumptuosidade e grandeza que podiam ter; mas o momento approxima-se, e se as nossas tendências estheticas e anti-egyptiacas nos livrarem da hediondez dos "arranhacóes", teremos realizado e reunido a elegancia á grandeza, á proporção á harmonia.

Mas, quando tudo faltasse, e é uma inverdade revoltante affirmar-o, não seria menos certo que o Rio de Janeiro é uma joia da natureza que "touristes" e "globe-trotters" comparam habitualmente a Napoles, a Constantinopla e a Sidney... E não é pouco ser um dos tres ou quatro recantos de maior belleza do mundo.

Entretanto, um argentino, um só no mundo, sem coragem de negar, escamoteou insidiosamente a formosura que não lhe agradava. Num livro escripto para viajantes em dois textos, em allemão e espanhol, diz o auctor:

"Rio de Janeiro ist eine der schoensten Stadte der Welt..."

Em linguagem:

"O Rio de Janeiro é uma das mais bellas cidades do mundo..."

O traductor argentino, porém, assim trasladou:

"La ciudad de Rio de Janeiro tiene uno de los mayores puertos del mundo..."

Esses eunucos devem ser raros. Emfim, são gostos e não se disputam. Basta que a cidade seja "honrada e boa" como queria Tomé de Sousa que ella o fosse. E ella é boa, honrada e bella.

PREMIO NOBEL

O Sr. ministro da justiça mandou divulgar, officialmente, as condições do concurso para o premio Nobel, da paz,

referente ao anno de 1921. Essas condições são as seguintes:

Para serem admittidos á consideração para a distribuição do premio Nobel, da paz, a 16 de dezembro de 1921, os candidatos devem ser propostos ao *Comité Nobel*, do Parlamento Norueguez, por pessoa qualificada.

São qualificados para propôr candidatos: 1.º, os membros actuaes e antigos do Comité Nobel do Parlamento Norueguez e os conselhos addidos ao Instituto Nobel Norueguez; 2.º, os membros das assembléas legislativas e dos governos dos diversos Estados, assim como os membros da União Interparlamentar; 3.º, os membros da Córte Permanente de Arbitramento de Haya; 4.º, os membros da comissão do Bureau Internacional Permanente da Paz; 5.º, os membros e associados do Instituto de Direito Internacional; 6.º, os professores de direito e de sciencia politica, de historia e de philosophia nas universidades; 7.º, as pessoas que já receberam o premio Nobel da paz.

O premio Nobel da paz poderá ser attribuido a uma instituição ou a uma associação.

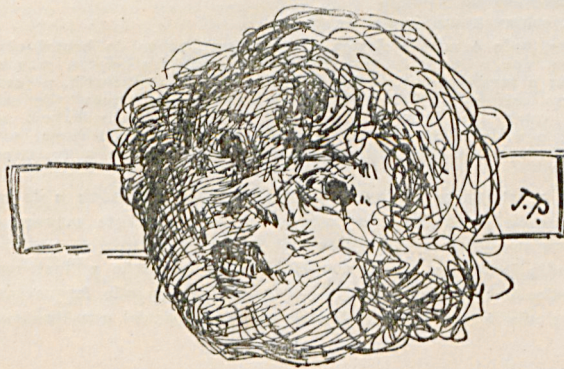
Segundo o art. 3.º, todo escripto, Fundação Nobel, toda proposta deve ser motivada e acompanhada dos escriptos e outros documentos sobre os quaes ella se funda.

Segundo o art. 3.º, todo escripto, para ser admittido ao concurso, deverá ter sido publicado pela imprensa.

Para os esclarecimentos ultteriores, as pessoas qualificadas são solicitadas para se dirigirem ao Comité Nobel do Parlamento Norueguez, Drammenwei, 19, Christiania.

WENCESLAU DE QUEIROZ

Quando já se achava paginado este numero da "Revista" chegou-nos ao conhecimento a triste noticia da morte de Wenceslau de Queiroz, poeta, critico e jornalista, redactor do "Correio Paulistano". Reservamo-nos para d'elle falar detidamente no proximo numero.





NOTAS DO EXTERIOR

UM MANUSCRITO DE BARBEY D'AUREVILLY

Apareceu recentemente um curioso documento literario: os "Disjecta Membra", de Barbey d'Aurevilly, enorme manuscrito em que o autor do "Chevalier Des-touches" lançou seus pensamentos, versos, notas da leitura, durante mais de dez annos.

Entre outras coisas, encontram-se ahi citações de Machiavel com a refutação á margem. Barbey não acreditava no genio do autor do "Principe", do qual diz: "O tratado de Machiavel repousa sobre uma tautologia. E' preciso ser forte para ser forte. E' preciso ser feliz para ser feliz. Eis-nos muito avançados! As suas leituras eram severas: Prescott, Prynne, Boisgelin, Klapproth e Rabelais.

São do manuscrito os seguintes pensamentos:

"A altivez, o mais bello sentimento do homem solitario — e o homem é solitario desde que não tem mais vinte e cinco annos — altivo com braço ou sem braço, pouco importa, mas altivo!" "Um livro é um cartão de visita deixado ao futuro". "Vantagem da gloria: ter um nome a bimbalar na bocca dos tolos." "O talento é o desespero". "Qual o mais bello destino? Ter genio e ficar obscuro." "Vê-se no coração das mulheres pelos buracos que se fazem no seu amor proprio..." "Qual é o bello espirito de que fala Sterne (em "Tristram Shandy") que diz que a gravidade é o sustentaculo mysterioso do corpo para cobrir as descahidas do espirito?"

A MORAL E O CINEMA

O jury francez acaba de accusar o cinema como o verdadeiro responsavel pelo augmento da criminalidade. O facto suggeriu a apresentação de uma moção á camara dos deputados da França.

A respeito, escreveu um jornal de Paris:

"Certamente, todo o mundo deseja o desaparecimento do brutal cine-romance á americana, em que o revólver tem os grands primeiros papeis, mas seria injusto não assignalar a tendencia actual dos films a cahir, ao contrario, no mais lacrimoso dramalhão, no sermão ou no paneegyrico. O cinema "goza" de má reputação, mas quem quer que frequente as suas salas percebe que, em seu universo convencional, o vicio é punido muito mais vezes que no tribunal e que a moça virtuosa, mais mathematicamente do que na vida, recebe a recompensa do seu devotamento."

Concluindo, o articulista diz que a desmoralisação da infancia e da mocidade tem causas muito mais profundas e serias, que a mais vigilante censura cinematographica não fará desaparecer de golpe.

Como remedio lembra a applicação das leis da educação e instrucção, pois, a maior parte dos bandidos precoces são vagabundos que não frequentaram escola e anormaes que não foram submettidos ao regimen especial que lhes convém.

UMA DE BAUDELAIRE

E' o sr. M. L. Dufay quem nos conta, por intermedio da revista franceza "La Connaissance" uma das grandes mystificações que Baudelaire tanto gostava de fazer.

O proprio poeta escreveu um dia: "Eu usei de algumas obscenidades só com o fito de agradar os srs. jornalistas. Elles no entanto se mostraram ingratos." Baudelaire alludia ás "Flores do Mal" a que certos publicistas faziam tremendas perseguições. E elle dellas não se esquecia e isto mostrou-o bem. Zombava frequentemente dos jornalistas, contando-lhes coisas extraordinarias que eram repetidas á porfia, com um serio ridiculo. Descrevia-lhes viagens entremeadas de mil peripecias: — Certa vez, em alto mar, uma tempestade o surprehendera juntamente com um amigo e um engro, tendo por unica companhia no fragil barco impetuosamente sacudido pelas ondas, uma grande ponthera. O terrivel felino, no terceiro dia, tendo fome matou o negro com uma patada. Foi o proprio Baudelaire quem lhe preparou a ceia. "Eu fiz a ceia, contava elle, de uma bem pequena porção da victima, pois, bem podeis comprehender, era de nosso maximo interess qu o "ngro durass por muitoe tempo..."

A SAÚDE, OS CASAMENTOS E A FORTUNA DE ANATOLE

As seguintes indiscreções sobre a vida intima de Anatole France vieram numa chronica de "Alter Ego", o apreciado correspondente parizense do "Jornal do Commercio":

Circularam ha alguns dias boatos inquietadores acerca da saude de Anatole France. Fallava-se de um ataque apoplectico, acompanhado de paralytia facial e dava-se o doente como perdido. Grande foi a emoção nos meios litterarios, onde o autor da "Rotisserie de la Reine Pédaque" goza de incomparavel prestigio. Nas redações dos jornaes prepararam-se artigos necrologicos para celebrar condignamente a vida e a obra do mais puro, do mais perfeito prosador da lingua franceza, do ironista incomparavel que, sob as apparencias de um scepticismo absoluto, esconde uma alma vibrante e sensivel como o demonstrou quando, em 1914, já quasi septuagenario, tentou fazer-se incorporar num regimento de marcha, afim de ir bater-se na frente contra os invasores da sua patria, etc., etc.

Estão já daqui a lér os panegyricos que se aprestavam a surgir nas columnas dos periodicos, se tamanha perda enlutasse as letras francezas. Felizmente, toda eessa literatura necrologica ficou adiada *sine die*, com satisfação unanime dos admiradores do grande artista da penna. Se realmnete esteve enfermo em perigo de vida, Anatole France soube affastar energicamente do seu quarto a amaldiçoada "intrusa" e para bem fazer comprehender aos seus compatriotas, quanto eram prematuros os elogios funebres que já aguardavam sobre o marmore das typographias o momento de passarem á clichagem, e depois ás rotativas, tomou uma decisão sem rep'lica e de natureza a tranquillizar os mais apprehensivos: casar com a sua governante.

O illustre escriptor, cuja vida intima pertence um pouco á chronica como a de todos os homens verdadeiramente celebres, fizra em tempos uma primeira experiencia matrimonial que não fóra sem duvida feliz, pois que liquidara em divorcio. Depois disso,— posso escrevel-o, pois que, sabendo-o todo o Paris não vejo razão alguma para que o Brasil o ignore—creara-se entre elle e uma senhora da melhor sociedade parisiense, mãe de um talentoso escriptor dramatico, prematuramente arrebatado pela morte, ha quatro ou cinco annos, uma dessas ligações a que, eembora irregulares, a constancia e a fidelidade mutuas acabam por conferir um caracter de respeitabilidade que se impõe aos espiritos mais intolerantes — pelo menos neste meio.

Tal ligação durou longos annos, depois a morte dissolveu-a. Anatole France soffreu esse desgosto com profunda maga. O coração do homem é, porém, sequioso de afeição e de carinhos, o que o torna altamente consolavel. O autor de tantas obras primas, de quem me occupo, não faz excepção a esta regra. Elle acabou por encontrar outra dedicação e outro affecto no seu caminho e sob o seu proprio tecto. A differença das condições socias não é, nesess casos, barreira invencivel. O acontecimento de que acima lhes fallei, mais uma vez confirma esta verdade.

Anatole France casou, pois, pela segunda vez na idade florida de 74 annos.

A chronica registrou que o eminente escriptor compareceu na *mairie* da Com-muna onde se erige a bella vivenda campestre — que os proventos da sua penna



maravilhosa lhe permittiram offerecer-se, — trajando o seu fato de todos os dias e arborando na cabeça o seu lendario chapéo molle. Era visível que elle não ligava a esse acto mais importancia do que ao de entrar na loja de um barbeiro para se fazer cortar o cabello ou num restaurante do boulevard para se fazer servir um almoço. Terminada a cerimonia, a que assistiram estrictamente as testemunhas que a lei exige e uma das quaes era o editor das suas obras litterarias, Anatole France e a sua agora legitima esposa regressaram á casa com a mesma simplicidade com que voitariam de fazer as compras e Mme. Anatole France reassumiu provavelmente as suas antigas funcções de "ménagère" sem alteração apreciavel nos seus ritos e deveres.

Não faltou quem extranhasse que o espirito mais livre deste paiz, cujo desdem pelos preconceitos e convenções sociaes se tem affirmado em vinte volumes, houvesse sentido a necessidade de regularizar perante o Codigo Civil a união que na ultima phase da sua vida contrahira. Sem duvida chegou aos ouvidos de Anatole France o eco destas criticas, pois que se apressou a tornar publica a razão que o determinara a fazer-se inscrever no registro matrimonial de sua communa. Querendo ultimamente assegurar o futuro de sua devotada companheira, muito mais joven do que elle, e que, segundo a ordem natural das cousas, lhe sobreviverá bastantes annos, France verificou que o fisco prelevaria um quinhão que lhe pareceu exorbitante, no legado que em favor della dispuzesse por testamento.

Então, para cortar semelhante indiscreção da parte do perceptor fiscal, e autor de "l'Orme du Mail" deu ao problema a elegante solução que os leitores conhecem, unindo-se pelos laços matrimoniaes á digna gerente da sua administração domestica, que poderá agora herdar sem partilha com o Minsiterio das Finanças, os bens do seu legitimo consorte.

Esta aclaração do mobil que influiu no animo do illustre philosopho para assim sacrificar no altar dessas leis de que a sua ironia mordente tantas vezes tem escarnecido, levantou um grande peso de sober o peito daquelles dos seus admiradores que commungam na mesma doutrina do amor sem peias de nenhuma especie e que um momento haviam receado terem de inscrever o nome do progenitor do immortal M. Bergeret na lista dos transfugas e dos "renegados".

AGRICULTURA NOCTURNA

Uma revolução profunda, como sem duvida não se viu ainda, desde que o homem é homem, se prepara na França. Revolução pacifica, mas, pittoresca e inesperada: — vae-se lavar a terra de noite.

Eis porque: os tractores a petroleo ou a vapor tornam-se agora muito caros, por causa do preço e da raridade do combustivel. Alguns grandes agricultores pensaram, pois, no trabalho nocturno, graças ás empresas electricas que se dispuzeram a fornecer-lhes força, á noite, por preços baixos, devido á procura de energia a essas horas.

A mesma electricidade, que pelos tractores movimentará os arados e outras machinas, dará iluminação ao campo, com o auxilio de poderosos pharóes.

BACTERIOLOGIA E CIRURGIA

Um dos grandes progressos da sciencia medica durante a guerra foi a cooperação do bacteriologista com o cirurgião.

Considerando os resultados já conseguidos, não são poucos os operadores que na Europa se fizeram partidarios da nova pratica. Entre elles, o professor Paul Delbet, que é um dos mais notaveis cirurgiões francezes, se distingue pelo alto papel que, em sua clinica, concede á bacteriologia, combatendo os microbios como causa de infecções e diminuindo assim os casos de operação. Terminada a guerra, o professor Delbet continúa, nos casos de infecção intestinal, a empregar os seros bactericidas.

Em trinta doentes de appendicite, conforme comunicação feita ao Congresso de Cirurgia, o illustre cientista obteve excellentes resultados. Os enfermos, todos em estado gravissimo, apresentavam-se tão profundamente abalados e a infecção era tão virulenta que o resultado da operação teria sido fatal, certamente, se não se injectasse nas veias ou sob a pelle o serum anti-gangrenoso de Weinberg, na proporção de 50 a 100 centimetros cubicos. Algumas horas depois da injeccção, desapareceram os signaes graves da infecção geral e o paciente parecia resuscitado.



Os resultados dessa therapeutica foram de tal modo felizes e nitidos que desde logo se pode prevêr um methodo novo no tratamento da appendicite pelo serum, sem intervenção do bisturi.

HOMEM OU MULHER ?

A revista humoristica "Le Sourire" abriu um inquerito curioso, entre varias artistas francezas: se ellas estavam satisfeitas de ser mulheres ou prefeririam ter sido homens.

A sra. Cora Laparcerie, por exemplo, não só não quereria ser homem, como desejaria ser mais mulher ainda. A sra. Musidora consentiria em mudar de sexo, mas somente se houvesse um terceiro sexo. A sra. Gaby Boissy mostra-se muito amavel para com o Criador: "O bom Deus, diz ella, poz-me na terra como mulher. Se manifestasse algum desgosto por não ser homem, seria o mesmo que censural-o".

A sra. Mistinguet só accetaria uma metamorphose se pudesse ter os dois sexos. A sra. Bovy, da Comedia Franceza, não mudaria de sexo, porque tem horror ás mudanças. A sra. Suzanne Wurtz, que o redactor do "Sourire" encontrou á sahida do concerto Mayol, declarou que nunca invejou os homens porque as mulheres têm prazeres que os homens não têm.

A sra. Roseaie, tambem da Comedia Franceza, é uma das poucas que mudariam, com satisfação, de sexo, reconhecendo nos homens superioridade physica. Além disso, os homens têm todas as facilidades para escolher a carreira e a mulher que lhes agrada: "Quando uma mulher vos agrada, accrescenta ella, vós podeis dizer-lh'o, ao passo que nós não podemos fazer o mesmo ao homem da nossa escolha". Entretanto, o sr. Mauricio Donnay, que assistia á entrevista, declara que, em outro seculo, elle estaria muito satisfeito de ser homem, mas preferiria ser mulher em nossa época, em que a mulher é verdadeiramente rainha.

A sra. Madaleine Carlier felicita-se de ser mulher, quando mais não fosse, por causa do seu collar de perolas, que não poderia usar se tivesse outro sexo.

Em resumo: a grande maioria está contente com a sua sorte, e não desejaria ter outro sexo.

ANGLICANISMO E ROMANISMO

O Vaticano, mais que nunca, procura uma união estavel e solida com a Igreja anglicana, que enfim deixa a passividade em que se confinava desde tempos. Pode-se mesmo dizer que est em verdadeira resurreição, que é um dos acontecimentos mais consideraveis dos seculos XIX e XX.

Esse movimento, que nasceu em Oxford, em menos de cem annos se transformou numa força espirital de illimitada potencia; e sua importancia não escapa aos catholicos romanos. Quando se comparam as duas igrejas, fica-se cheio de admiração deante da intensidade da propaganda anglicana e do numero sempre crescente dos seus adeptos. A igreja da Inglaterra é sma grande força religiosa ao lado da igreja romana, e quando se encara o futuro pode-se esperar bastante da sua união necessaria. A idéa está em marcha; a rivalidade das duas igrejas, s existe, está pacificada. A conferencia de Lambeth consagrou a alliança.

A igreja anglicana sabe que ella pode muito esperar da moderação e da tolerancia de Roma. Uma nova prova disto tivemos-a no "Codex Juris canonici". Se bem que seja uma elaboração de textos varias vzes centenarios, a sua interpretação não pode prejudicar a Igreja anglicana. E o numero de seus bispos, homens eminentes pela maior parte, é garantia do seu poder.

E' de se desejar que a sua missão não encontre obstaculo, nem ciumes estupidos; aliás os artigos recentemente publicados nos orgams religiosos tiram todo temor a este respeito. As duas igrejas estão mais fortes que nunca, e pode-se ter confiança na sua obra futura. (R. P. Fabber Vincent Mc Nabb, "Black friars", Londres).

CARICATURAS DO MEZ

FESTA ESCOLAR

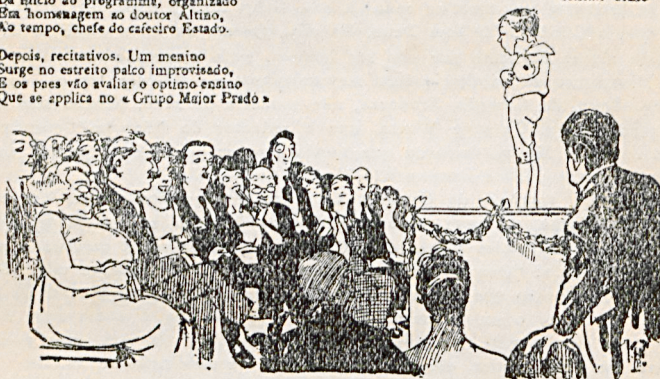
Sala repleta. Sob o panno. Um hymno
 Da inicio ao programme, organizado
 Em homenagem ao doutor Altino,
 Ao tempo, chefe do cafeiro Estado.

Depois, recitativos. Um menino
 Surge no estreito palco improvisado,
 E os paes vao avaliar o optimo ensino
 Que se applica no « Grupo Major Prado »

Faz-se grande silencio. Todo o mundo
 Olha o patiz que, tremulo de medo,
 Ouve uia voz que o anima:—« Anda, Raymundo!

E o garoto, com coegas no ouvido,
 Principia, na orelha enfiando um dedo.
 — « Neste canteiro do jardim florido... »

(De « Nossa gente, nossos costumes »)
 Estelle Erosa



KALISTO — Dom Quixote.

A "dolorosa interrogação"

1.157.873



— Eu tô aqui, neste cantinho!

— Eu tô aqui, neste cantinho!

J. CARLOS — Careta.

A NOVELLA NACIONAL

A NOVELLA NACIONAL é uma série de pequenos livros, nos quaes se mira ao seguinte escopo: offerecer a melhor litteratura, sob a apresentação mais artistica, ao preço mais barato possível. Os objectivos desta publicação, de que é director o sr. Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) podem, assim, condensar-se no lemma — LIVRO BOM E BONITO AO ALCANCE DE TODOS.

Apparece approximadamente um volume por mez, com cerca de 80 paginas, no formato 16 ½ X 12 ½ centímetros, impresso em magnifico papel e illustrado com numerosas e artisticas gravuras, contendo uma obra completa de auctor conhecido.

Já estão á venda os primeiros volumes:

A PULSEIRA DE FERRO por AMADEU AMARAL, o successor de Olavo Bilac, na Academia Brasileira.

"E' no genero uma verdadeira obra prima" — disse desta novella o grande poeta Alberto de Oliveira.

OS NEGROS por MONTEIRO LOBATO, o celebre creador de Jéca Tatu.

Estão no prélo mais dois volumes:

RITINHA por LEO VAZ, o festejado auctor do "Professor Jeremias", romance que obteve o maior successo litterario da actualidade alcançando tres edições em pouco mezes.

MULA SEM CABEÇA por GUSTAVO BARROSO, o famoso escriptor cearense, auctor da "Terra do Sol", Heroes e Bandidos" e outras joias litterarias já sobejamente conhecidas e apreciadas.

A seguir novellas de COELHO NETTO, AFRANIO PEIXOTO, VALDOMIRO SILVEIRA, CORNELIO PIRES e outros.

Cada volume, 1\$000 em todas as livraraes. Pelo correio, registrado 1\$300.

Assignaturas com direito a receber todos os volumes registrados:

Série de 3 novellas . . .	3\$500
" " 6 " . . .	7\$000
" " 12 " . . .	14\$000

Pedidos á **SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO**, Rua Direita, 27 (2.º andar) - Caixa postal, 1172 - S. PAULO

BREVEMENTE

A NOVELLA SEMANAL

O MAIS ARROJADO EMPREHENDIMENTO EDITORIAL DA ACTUALIDADE

Revista de contos e novellas dos melhores escriptores nacionaes, antigos e modernos. Cada numero conterá metieria equivalente á quarte parte de um livro de 250 paginas em formato francez, commum, e será acompanhado de um interessante supplemento no qual serão publicadas curiosidades litterarias, vida anecdotica e pitoresca dos grandes escriptores e poetas brasileiros, movimento bibliographico, paginas esquecidas dos grandes vultos da litteratura nacional, obras primas da poesia brasileira, noticia critica dos livros novos.

A NOVELLA SEMANAL se propõe a vulgarisar a melhor litteratura, divulgando a obra dos grandes escriptores e poetas nacionaes, encorajando os novos e despertando o gosto do publico pela leitura. Offerecerá excepcional interesse aos homens de letras e ás pessoas cultas, tanto quanto ás de meridiana cultura. Pela escrupulosa escolha da materia se destina a leitura predilecta da familia brasileira.

A NOVELLA SEMANAL vem resolver no Brasil o problema do livro popular, do livro barattissimo. Cada numero será vendido ao preço excepcional de **400 réis**, constituindo um verdadeiro livro, pela extensão, variedade e interesse da materia. **APPARECERA' TODAS AS QUINTAS-FEIRAS.**

Assignaturas

Sendo os exemplares remetidos como correspondencia simples	
Trimestre	5\$000
Semestre	10\$000
Anno	20\$000
Numero avulso	\$400

Sendo todos os exemplares remetidos sob registro	
Trimestre	8\$500
Semestre	17\$000
Anno	34\$000
Numero avulso	\$700

Pagamento adeantado. Todas as pessoas que angariarem tres assignaturas terão direito a uma assignatura gratuita.

Pedidos desde já á

SOC. EDITORA OLEGARIO RIBEIRO — Rua Direita, 27 (2.º andar) — Caixa, 1172 — S. PAULO.

WILSON SONS & CO., LTD.

Rua B. Paranapiacaba, 10
S. PAULO

CAIXA POSTAL, 523 — ENDEREÇO TELEGR.: "ANGLICUS"

Armazens de mercadorias e depósitos de carvão
com desvios particulares no Braz e na Moóca.

AGENTES DE

Alliance Assurance Co. Ltd., Londres	Seguros contra fogo
J. B. White & Bros. Ltd., Londres	Cimento
Wm. Pearson Ltd., Hull	Creolina
T. B. Ford Ltd., Loudwater	Mataborrão
Brocke, Bond & Co. Ltd., Londres	Chá da Índia
Read Bros. Ltd., Londres	Cerveja Guinness
Andrew Usher & Co., Edinburg	Whisky
J. Bollinger, Ay Champagne	Champagne
Holzapfels, Ltd., Newcastle-on-Tyne	Tintas preparadas
Major & Co. Ltd., Hull	Preservativo de Madeiras
Curtis's & Harvey, Ltd., Londres	Dynamite
Ghotham Co. Ltd., Nottingham	Gesso estuque
P. Virabian & Cie., Marselha	Ladrilhos
Platt & Washburn, Nova York	Oleos lubrificantes
Horace T. Potts & Co., Philadelphia	Ferro em barra e em chapas

UNICOS DEPOSITARIOS DE

SAL LEGITIMO EXTRANGEIRO PARA GADO MARCA
"LUZENTE". SUPERIOR POLVORA PARA CAÇA MARCA
"VEADO", EM CARTUCHOS E EM LATAS. ANIL "AZUL-
ALVO", O MELHOR ANIL DA PRAÇA.

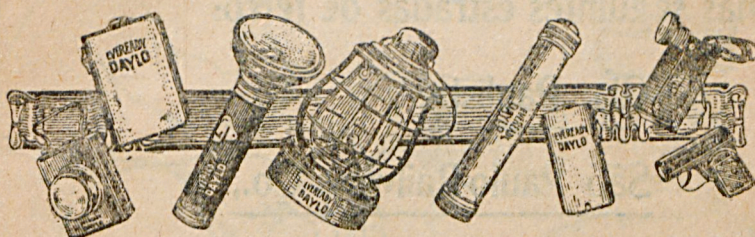
IMPORTADORES DE

FERRAGENS EM GERAL, TINTAS E OLEOS, MATERIAES
PARA FUNDIÇÕES E FABRICAS, DROGAS E PRODUCTOS
CHIMICOS PARA INDUSTRIAS, LOUÇA SANITARIA, ETC.



DE UTILIDADE COMPROVADA

São as nossas lampadas portateis Eveready que são indicadas para viajantes, caçadores, guarda noturnos, policiaes, medicos, enfermeiros, nos quartos de dormir e nos depositos de inflammaveis.



Possuimos uma grande variedade de modelos adaptaveis a todos os usos e os celebres revolvers surpresa além de um grande stock de pilhas e lampadas avulsas e outras novidades electricas

Galerias Edison

S. Paulo

Rua 15 de Novembro, 55

CENTRAL 2131

Gustavo Figner

A maior casa existente no Brasil em artigos para presentes. Cinco andares das ultimas novidades. — Telephone interno, ligando todas as secções. — ELEVADOR.

RUA 15 DE NOVEMBRO, 55

-- GUSTAVO FIGNER --

H. G. DOS SANTOS & COMP.

Unicos concessionarios para os annuncios
nas seguintes estradas de ferro:

Cia. Paulista,

São Paulo Railway Co.,

São Paulo-Rio Grande,

Rêde Viação Paraná-Sta. Catharina

e Bondes de Santos.

ESCRITORIO:

RUA DE S. BENTO, 7-A

Telephone, Central, 1-2-4-1

Caixa postal, 1638

São Paulo





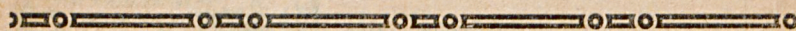
LOTERIA DE S. PAULO

Em 28 de Fevereiro

200:000\$000

Por 9\$000

OS BILHETES ESTÃO A' VENDA EM
TODA A PARTE



OS FUMANTES DE BOM GOSTO PREFEREM OS SABOROSOS

CIGARROS "37"

Companhia Grande Manufactura de Fumos e Cigarros

"CASTELLÕES" ♦ ♦ S. PAULO



CARNAVAL DE 1921



Não sofre e nem se amofina
O Pierrot carnavalesco
Desde que se poz ao fresco
E abandonou Colombina.

**AMORES
DE
FOLIÃO**

E vive, sem cerimonia,
Com a linda representante
Do GUARANA' espumante,
Que é uma bugre da Amazonia.

NARIZINHO ARREBITADO

— POR —

MONTEIRO LOBATO

(Edição escolar, completa)

E' um livro fóra dos moldes habituaes e feito com o exclusivo intuito de interessar a creança na literatura.



O livro que não interessa a creança é um mal: crêa o desapego, quando não o horror á leitura.

Narizinho Arrebitado forma um volume de 181 paginas, em corpo 12, com todos requisitos didativos e é magnificamente illustrado com 114 desenhos de Voltolino.

PREÇO: 2\$500



Os elementos desencadeados



— Atira tambem um prato de feijão e algumas batatas.

J. CARLOS — *Dom Quixote.*

O relógio e a fechadura

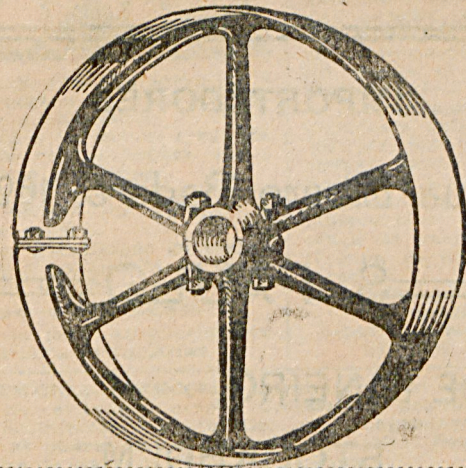


— Hom'essa!... Querem ver que eu puxo a chave no prego!..

O RICAÇO



— Comprou um lança-perfume!



SKF

É A PULIA DE QUE NECESSITA SUA FABRICA
ACABAMENTO O MAIS ESMERADO
DE FACIL MONTAGEM
BOA CENTRALISAÇÃO
GRANDE RESISTENCIA
POUCO PESO.

Companhia **SKF** do Brazil

RIO DE JANEIRO

141, RUA DA QUITANDA — Caixa, 1452

HOLMBERG, BECH & CIA.

IMPORTADORES

Rua Libero Badaró, 169

== S. PAULO ==

RIO DE JANEIRO,

STOCKHOLM,

HAMBURG,

NEW YORK

E LONDRES

Papel, materiaes
para construcção,
aço e ferro, anilinas
e outros
productos chimicos.



O "PILOGENIO" serve-lhe em qualquer caso



Se já quasi não tem serve-lhe o **Pilogenio** porque lhe fará vir cabelo novo e abundante.

Se começa a ter pouco, serve-lhe o **Pilogenio**, porque impede que o cabelo continue a cair.

Se ainda tem muito serve-lhe o **Pilogenio** porque lhe garante a hygiene do cabelo.

Ainda para a extincção da caspa Ainda para o tratamento da barba e loção de toilette o **Pilogenio**

Sempre o PILOGENIO

A' venda em todas as pharmacias, drogarias e perfumarias.

DOENÇAS

BRONCHO-PULMONARES

Um remedio verdadeiramente ideal para creanças, senhoras fracas e convalescentes é o **Phospho-Thiocol Granulado** de Giffoni. Pelo **phospho-calcio** **physiologico** que encerra, elle auxilia a formação dos dentes e dos ossos, desenvolve os musculos, repara as perdas nervosas, estimula o cerebro; e pelo **sulfoguiacol** tonifica os pulmões e desintoxica os intestinos. Em pouco tempo o apetite volta, a nutrição é melhorada e o peso do corpo augmenta. E' o fortificante indispensavel na convalescência da pneumonia, da influenza, da coqueluche e do sarampo.

Em todas as pharmacias e drogarias

Deposito: **Drogaria Giffoni**
RIO DE JANEIRO

TYPHO UREMIA, INFECCOES intestinaes e do aparelho urinario, evitam-se usando **Uroformina**, precioso antiseptico, desinfectante e diuretico, muito agradável ao paladar. Em todas as **pharmacias e drogarias**. Deposito: **Drogaria Giffoni**, rua Primeiro de Março n. 17 — Rio de Janeiro.

SENHORA DE ENGENHO

NOVIDADE LITERARIA

— POR —

MARIO SETTE

Romance de aspectos Pernambucanos a sahir
Brevemente.

A' GRAPHICA PAULISTANA

S. MANTOVANI & COMP.

SECÇÃO DE ZINCOGRAPHIA

Clichés em zincogravura e photogravura para obras de luxo.

SECÇÃO DE GRAVURA

Carimbo de Borracha, metal, ferro e aço - Gravuras sobre joias - Alto e baixo relevo para impressões - Formas para bombons e sabonetes - Placas de metal e esmaltadas.

Telephone 4723 Cidade - Avenida S. João, 207 - S. Paulo

INDICADOR

ADVOGADOS:

Drs. SPENCER VAMPRE SOARES DE ARAUJO, JAYME, NILO e CEZAR DE VASCONCELLOS — Rua Direita, 35, São Paulo — Rua do Rosario, 85, Rio de Janeiro.

Drs. ROBERTO MOREIRA, J. ALBERTO SALLES FILHO e JULIO MESQUITA FILHO — Escriptorio: Rua Boa Vista, 52 (Sala, 3).

Dr. SYNESIO RANGEL PESTANA — Medico do Asylo de Expostos e do Seminario da Gloria. Clinica medica, especialmente das creanças. Res.: Rua Bella Cintra, 139. Cons.: Rua José Bonifacio, 8-A, das 15 ás 16 horas.

Dr. SALVADOR PEPE — Especialista em molestias das vias urinarias, com pratica em Paris. — Consultas das 9 ás 11 e das 14 ás 16 horas. Rua Barão de Itapetininga, 9, Telephone, 2296.

TABELLIÃES:

O SEGUNDO TABELLIÃO DE PROTESTOS DE LETRAS E TITULOS DE DIVIDA, NESTOR,

RANGEL PESTANA, tem o seu cartorio á rua Boa Vista, 58.

CORRETORES:

GABRIEL MALHANO — Corrector official, cambio e titulos — Escriptorio: Travessa do Commercio, 7 — Telephone, 393.

Dr. ELOY CERQUEIRA FILHO — Corretor official — Escriptorio: Travessa do Commercio, 5 — Tel. 323 — Res.: Rua Albuquerque Lins, 58. Tel. 633.

SOCIEDADE ANONYMA COMMERCIAL E BANCARIA LEONIDAS MOREIRA — Caixa Postal, 174. End. Telg. "Leonidas", São Paulo. Telephone, 626 Central. — Rua Alvares Penteado — São Paulo.

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO. — EMILIO ROCCO — Novidades em casemira ingleza — Importação directa. Rua Amaral Gurgel, 20, esquina da rua Santa Izabel. Tel. 3333 Cidade — S. Paulo.

Livraria Drummond Livros Escolares, de Direito, Medicina, Engenharia, Litteratura-Revistas-Mappas-Material Escolar.

ED. DRUMMOND & CIA.

RUA DO OUVIDOR, 76 — TELEPHONE, NORTE 5667 — Endereço Telegr.: "LIVROMOND". — CAIXA POSTAL, 785. RIO DE JANEIRO.

Joallerie -- Horlogerie -- Bijouterie

MAISON D'IMPORTATION

BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 - (en face de la Galerie)

Pierres Précieuses - Brillants - Perles - Orfèvreries - Argent - Bronzes et Marbres d'Art - Services en Métal blanc inalterable.

MAISON A' PARIS

30 — RUE DROUT — 30

Edições da "Revista do Brasil"

	Broc.	Enc.
URUPÊS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 6. ^a edição . . .	4\$000	5\$000
URUPÊS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , edição popular . . .	2\$000	—
CIDADES MORTAS, contos por <i>Monteiro Lobato</i> , 2. ^a edição . . .	4\$000	5\$000
IDÉAS DE JÉCA TATÚ, crítica por <i>Monteiro Lobato</i> , 2. ^a ed. . .	4\$000	5\$000
NEGRINHA, novos contos de <i>Monteiro Lobato</i>	2\$500	3\$500
A MENINA DO NARIZINHO ARREBITADO, livro para creanças, por <i>Monteiro Lobato</i> , com 60 desenhos a tres côres de Voltolino; lindo volume cartonado, formato grande	—	3\$500
POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRASIL, o melhor trabalho de sociologia brasileira apparecido até hoje, por <i>F. J. Oliveira Vianna</i>	10\$000	12\$000
PROFESSOR JEREMIAS, notabilissimo romance de <i>Léo Vas</i> , 3. ^a edição	4\$000	5\$000
VIDA E MORTE DE GONZAGA DE SÁ, romance por <i>Lima Barreto</i>	2\$000	—
LIVRO DE HORAS SOROR DOLOROSA, poesias por <i>Guilherme de Almeida</i> , luxuosa edição	5\$000	—
ALMA CABOCLA, versos de <i>Paulo Setubal</i> , 6. ^o milheiro	3\$000	4\$000
DIAS DE GUERRA E DE SERTÃO, interessante narrativa pelo <i>Visconde de Taunay</i>	4\$000	5\$000
MADAME POMMERY, romance satyrico, por <i>Hilario Tacito</i>	4\$000	—
BRASIL COM S OU COM Z, por <i>F. Assis Cintra</i>	3\$000	—
VIDA OCIOSA, genial romance da vida mineira, por <i>Godofredo Rangel</i>	4\$000	5\$000
OS CABOCLOS, contos dialectaes paulistas, com um extenso vocabulario, por <i>Valdomiro Silveira</i>	4\$000	5\$000
HISTORIAS DA NOSSA HISTORIA, contos historicos por <i>Viriato Corrêa</i>	3\$500	4\$500
O MYSTERIO, romance policial por <i>Afranio Peixoto, Medeiros e Albuquerque, Coelho Netto e Viriato Corrêa</i>	4\$000	5\$000
ESPHINGES, o grande livro de versos de Francisca Julia, a maior poetiza brasileira de todos os tempos	4\$000	5\$000
CASA DE MARIBONDOS, contos nortistas por <i>João do Norte</i>	3\$000	4\$000
SCENAS E PAIZAGENS DA MINHA TERRA, por <i>Cornelio Pires</i> , versos da musa caipira	4\$000	5\$000
PAIZ DE OURO E ESMERALDA, o romance da raça futura, por <i>J. A. Nogueira</i>	4\$000	5\$000
ANNAES EUGENIA, organizados pelo dr. <i>Renato Kehl</i>	8\$000	—
SEM CRIME, romance por <i>Papi Junior</i>	5\$000	—
VÃO NUPCIAL, romance por <i>Albertino Moreira</i>	3\$000	—

LIVROS A' VENDA

AMADEU AMARAL, discurso academico	2\$000
BUCOLICA, versos de <i>Canto e Mello</i>	1\$000
MANA SILVERIA, romance, de <i>Canto e Mello</i>	4\$000
ALMA EM DELIRIO, romance, de <i>Canto e Mello</i>	4\$000
RELIQUIAS DA MEMORIA, romance, de <i>Canto e Mello</i>	4\$000
JOSÉ BONIFACIO, trabalho historico por <i>Lellis Vieira</i>	3\$000
AMOR IMMORTAL, romance, <i>J. A. Nogueira</i>	4\$000

PEDIDOS AOS EDITORES:

MONTEIRO LOBATO & COMP.

Editores, S. Paulo — Cx. 2 B. Rua Boa Vista, 52

Para o interior mais 10 % para porte



UM LIVRO PARA TODOS!
Direito e Escripção Mercantil

POR

Partidas dobradas

Contendo uma longa exposição do

CODIGO COMMERCIAL BRASILEIRO

Intercalada de formulas de diversos contractos sociaes, Dissolução de sociedade, Petições para fegistro de firma, Archi- vamento de contractos, Matricula para requerer mora- toria, Homologação de accôrdo extra-judicial e fórmula deste e sobre todos os pontos mais uteis e necessarios para o

COMMERCIANTE

Seguidas de noções sobre as cinco contas e suas subdivisões e do modo de organisar-se as partidas e de exemplos sobre as quatro fórmulas, etc., Balanço geral e com uma exposição sobre os ilvros que se em- pregam nesta escripturação e de fórmulas das diversas contas correntes, Regras de sociedade, Cambios, Reducções, Correspondencia commercial, etc.

Ao alcance de todos por José Augusto do Amaral Sobrinho

Terceira edição accrescentada com as leis sobre a Letra de Cambio e Emissão e circulação de cheques, Escripção de sociedades anonymas, etc.

1 vol. br. 8\$000, enc. 10\$000 — Pelo correio mais 1\$000 para o registro

LIVRARIA TEIXEIRA

Rua S. Joãon. 16

— SÃO PAULO —

LIVROS USADOS

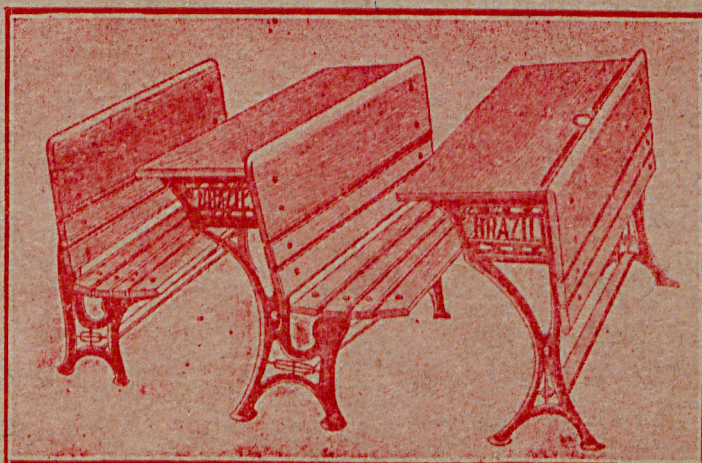
OBRAS DE DIREITO

H. Camarco — Menores e interdictos	3\$000
Paula Pessoa — Cod. do proc. criminal	40\$000
C. Telles — Doutrina das Acções	2\$000
Lacerda — Obrigações	18\$000
Oliveira — Execuções	3\$000
Teixeira de Freitas — Testamento	6\$000
Clovis — Obrigações	10\$000
Veiga — Finanças	5\$000
Paula Baptista — Theoria e Pratica	7\$000
Mittermayer — Tratado da Prova	4\$000
Batbie — Droit publique et adm.	2\$000
Lafayette — Direito das cousas	40\$000
Aff. Celso — Marcas de fabrica	10\$000
Chauveau et Faustin — Thearie du Code Penal	20\$000
Lair — De la compensation	5\$000
Gianturco — Diritto Civile	3\$000
Grasso — Diritto Internazionale	2\$000
Lupino — Diritto Commerciale	3\$000
Ribas — Dirsito Civil	10\$000

Pedidos por favor, á **REVISTA DO BRASIL**, remetendo 10 % do valor da encommenda para o porte.



MOVEIS ESCOLARES



Diferentes modelos de carteiras escolares para uma e duas pessoas; Mesas e cadeirinhas para Jardim de Infancia; Contador mechanico; Quadros negros e outros artigos escolares

Peçam catalogo e informações minuciosas á

**FABRICA DE MOVEIS ESCOLARES
"EDUARDO WALLER"**

— DE —

J. Gualberto de Oliveira

Rua Antonia de Queiroz N. 65 (Consolação) Cidade, 1216

----- São Paulo -----

AS MACHINAS

LIDGERWOOD

**para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá. -----**

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil.

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura.

Correias - Oleos - Telhas de zinco - Ferro em barra - Canos de ferro galvanizado e mais pertences.

CLING SURFACE massa sem rival para conservação de correias.

IMPORTAÇÃO DIRECTA de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanizado para encanamentos de agua, etc.

PARA INFORMAÇÕES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC.

- DIRIGIR-SE A'

Rua São Bento, 29-c - S. PAULO

SECÇÃO DE OBRAS DE - O ESTADO DE S. PAULO

